

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Listhiane Pereira Ribeiro

ABRINDO O JOGO:

Um olhar antropológico sobre o tarô *online*

Belo Horizonte

2015

Listhiane Pereira Ribeiro

ABRINDO O JOGO:

Um olhar antropológico sobre o tarô *online*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Candice Vidal e Souza

Linha de Pesquisa: Cultura, Identidades e Modos de Vida

Belo Horizonte

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

R484a Ribeiro, Listhiane Pereira
Abrindo o jogo: um olhar antropológico sobre o tarô *online* / Listhiane
Pereira Ribeiro. Belo Horizonte, 2015.
159 f.:il.

Orientador: Candice Vidal e Souza
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

1. Tarô. 2. Internet. 3. Redes sociais on-line. 4. Consultores. 5. Cartomancia
I. Souza, Candice Vidal e. II. Pontifícia Universidade Católica de Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 133

“Revisão Ortográfica e Normalização Padrão PUC Minas de responsabilidade do autor”.

ABRINDO O JOGO:
Um olhar antropológico sobre o tarô *online*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Profa. Dra. Candice Vidal e Souza - PUC Minas (Orientadora)

Profa. Dra. Fátima Regina Gomes Tavares - UFBA (Banca Examinadora)

Profa. Dra. Juliana Gonzaga Jayme - PUC Minas (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 14 de dezembro de 2015.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meus antepassados, meus pais. Muito obrigada pela vida!

Hugo, meu marido e companheiro de todos os momentos, que viveu isso tudo ao meu lado, dia após dia. Muito obrigada pela paciência, amor, carinho, compreensão e ajuda nas fases críticas. Te amo!

Nilma, você foi uma das primeiras a acreditar nessa pesquisa. Muito obrigada por ter investido nessa empreitada junto comigo e por me escutar. A tranquilidade que consegui ao seu lado foi de suma importância para que eu iniciasse este caminho e prosseguisse.

Candice, muito obrigada por ser tão atenciosa e acolhedora. Ao seu lado a caminhada foi menos árdua. Obrigada pela disponibilidade, orientação cuidadosa e rápida: ingredientes essenciais para que eu concluísse essa maratona em tempo recorde.

Muito obrigada Regina Medeiros, Carlos Aurélio e Cristina Cypriano pelas leituras e preciosos comentários durante o seminário de dissertação e a qualificação. A contribuição de cada um de vocês foi fundamental para que eu mesma desse um novo olhar para esta pesquisa, dando a ela novos direcionamentos.

A cada um dos meus entrevistados: Alcides, Cris do Tarot, Aline Maat, Sávia, Joice, Sílvia, Ísis e Bruna, que gentilmente me concederam abertura para compreender o universo do tarô online sobre o seu “ponto de vista”.

Aos companheiros que estão e que passaram pela Diretoria de Ensino e Coordenação Pedagógica do IFMG campus Ribeirão das Neves: Jaqueline, Agnaldo, Juliana, Vanessa, Allysson, Débora, Tadeu, Livia, Cláudia, pelas palavras de ânimo e pela compreensão diante tantas ausências.

Aos amigos, por entenderem os “nãos” que tive que dizer durante esta caminhada.

Muito obrigada! Que venham outros desafios, outros projetos, outras comemorações pelos planos realizados!

“Caso do acaso bem marcado em cartas de Tarot. Meu amor, esse amor de cartas claras sobre a mesa é assim. Signo do destino que surpresa ele nos preparou. Meu amor, nosso amor estava escrito nas estrelas, tava sim” (BLACK; RENNÓ, 1985).

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender quais transformações acontecem no ritual de leitura de cartas de tarô quando ele passou a ser oferecido no meio *online*. Sabe-se que o tarô é um sistema oracular que pode ser utilizado com finalidade adivinhatória, terapêutica e de autoconhecimento, mas que, ao ser lido na internet, ganha uma nova roupagem. Na *web* o tarólogo torna-se blogueiro, escritor e publicitário de si mesmo. Amplia a divulgação dos serviços, alcançando um público sensivelmente maior através dos *sites*, *blogs* e redes sociais. Através da etnografia virtual, transitando ora pelo *online*, ora pelo *off-line*, foram realizadas entrevistas e observações. Partindo “do ponto de vista” dos profissionais e dos consulentes buscou-se entender como acontecem os atendimentos à distância e possíveis modificações decorrentes da transposição do universo presencial para o *online*; bem como suas motivações para a oferta e procura de consultas *online*. Como resultados encontrados, observou-se que o uso do tarô na internet é apenas um dos vários temas que provocam debates neste universo. Dentre os tarólogos, há quem defenda que a *web* não traz prejuízos de qualidade ao atendimento, enquanto outros não concordam com isso. Na internet, consulentes e tarólogos se aproximam, estabelecem laços, realizam atendimentos, pagam e recebem por eles de modo distinto da modalidade presencial. Entretanto, destaca-se que também na internet o “mana” circula entre tarô, tarólogo e consulente e que nas redes sociais há um uso criativo e divertido das cartas de tarô, um “consumo artesanal” deste oráculo.

Palavras-chave: Tarô. Tarólogos. Consulentes. Internet.

ABSTRACT

The objective of this research is to understand what changes occur in the ritual of reading tarot cards when it was offered in the online means. Is known than the tarot is an oracular system that can be used as divination, therapy and self-knowledge, however, when read on the internet, takes on a new guise. On the web the tarot reader becomes blogger, writer and publicist yourself. Expands disclosure of services, reaching a significantly larger audience through websites, blogs and social networks. Through virtual ethnography, moving between online and offline, interviews and observations were conducted. From the "point of view" of professionals and consultants we sought to understand how happens the attendance at distance and possible changes resulting from the transposition of presential universe to offline universe; as well as their motives for supply and demand for online consultations. As the results, it was observed that the use of tarot on the internet is just one of several topics what cause debates in this universe. Among the tarot card readers, there is someone who defends that the web does not bring attendance quality loss while others do not agree. On the Internet, consultants and tarot card readers approach yourself, establish ties, make attendance, receive and pay for it differently from the presential mode. However, there is also the Internet the "mana" runs between tarot, tarot reader and consultant in social networks and that there is a creative and fun use of tarot cards, a "handmade consumption" of this oracle.

Keywords: Tarot. Tarot card readers. Consultants. Internet.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 TARÔ: FUSÕES E CONFUSÕES POSSÍVEIS AOS OLHOS MENOS EXPERIENTES.....	18
1.1 O que é o tarô.....	18
1.2 Alguns mitos de origem do tarô.....	22
1.3 Definindo “quais” mãos manuseiam os tarôs.....	26
1.4 Um sistema oracular e muitas diferenças.....	28
1.5 Os <i>decks</i> e seus símbolos.....	31
1.6 O que “está em jogo” quando o jogo é aberto.....	35
1.7 O tarô não é (só) adivinhação: uma proposta terapêutica.....	39
2 A CIBERCULTURA E OS SEUS DESDOBRAMENTOS NO MUNDO DO TARÔ.....	47
2.1 A cibercultura e a <i>web 2.0</i>	47
2.2 Tarô <i>online</i> : proposições de uma Nova Era.....	55
2.3 As ferramentas de atendimento na internet: mapeando quem são os tarólogos <i>online</i> brasileiros.....	58
2.4 Tarólogos no <i>Facebook</i>	60
2.5 atendimentos <i>online</i>	71
3 TARÓLOGOS <i>ONLINE</i>.....	76
3.1 Mapeando o mundo <i>online</i>	76
3.2 Caracterização geral dos tarólogos entrevistados.....	79
3.3 Apresentação dos tarólogos.....	81
3.4 Divulgações <i>online</i> dos serviços oferecidos	84
3.5 O tarô e a espiritualidade.....	87
3.6 Percursos profissionais no tarô: estudos, práticas e dinheiro.....	92
3.7 Trânsitos: consulentes, alunos, amigos.....	97
4 ATENDIMENTOS <i>ONLINE</i>: EXPERIÊNCIAS E POSICIONAMENTOS DO PONTO DE VISTA DOS TARÓLOGOS.....	99
5 DO OUTRO LADO DA INTERNET: EXPERIÊNCIAS E POSICIONAMENTOS DO PONTO DE VISTA DOS CONSULENTES DE TARÔ <i>ONLINE</i>.....	114
5.1 Aproximação aos consulentes entrevistados.....	114
5.2 Conhecendo consulentes de tarô <i>online</i>	116
5.3 Monólogos de tarólogos e consulentes na internet.....	127
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135

REFERÊNCIAS.....	140
APÊNDICE - Mapeamento de Portais / Sites / Blogs que oferecem o tarô <i>online</i>.....	149
ANEXO A - Glossário.....	153
ANEXO B - Material disponibilizado no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia..	154

INTRODUÇÃO

Há pouco mais de uma década o uso do tarô foi reconhecido enquanto prática ocupacional no Brasil. Desde outubro de 2002, através da Portaria Ministerial nº 397 que instituiu uma nova Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), os esotéricos são legalizados sob o código 5168-05. É bem verdade que nesse título temos a oferta de um leque variado de serviços. Nele são incluídos: os analistas kirlian, cartomantes, cristalomantes, frenólogos, leitores de oráculos, quirólogos, radioestesistas, rumenais, tarólogos e videntes. A descrição sumária das atividades desenvolvidas por eles explica que “orientam pessoas e organizações, elegem momentos e locais por meio de oráculos ou de dons de paranormalidade. Podem ministrar cursos” (BRASIL, 2010, p.793). Tais profissionais também são reconhecidos internacionalmente, através do ILO (*International Labor Organization*), com o código 5152.

Segundo dados levantados pelo Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, 74.013 brasileiros se titularam como pertencentes a tradições esotéricas. Nesse aspecto, mais de 50% deles são provenientes da Região Sudeste, com 38.501 esotéricos. A seguir temos a Região Centro-oeste com 12.222 esotéricos, Região Nordeste com 11.064, Região Sul com 8.689 e finalmente, a Região Norte, com 3.531. Na Região Sudeste, por sua vez, a maioria dos esotéricos está no estado de São Paulo, sendo 17.823 pessoas; seguido do estado do Rio de Janeiro, com 10.482; Minas Gerais com 9.391 e finalmente o Espírito Santo, com 805 esotéricos.

Leila Amaral trata dos esotéricos enquanto pertencentes a uma Nova Era. Em meio a tanta diversidade de propostas espiritualistas orientais e ocidentais que se cruzam e entrelaçam, o que se pode dizer é que apresentam uma “religiosidade caleidoscópica” ou um “sincretismo em movimento” (AMARAL, 2000, p.9). E esta forma de conexão com a espiritualidade tem se tornado cada vez mais visível nos últimos anos.

José Guilherme Magnani (1996) observava, ainda no início dos anos 1990, a saída dos neo-esotéricos dos espaços secretos para os centros urbanos, através da promoção de feiras místicas em shoppings e *workshops* no ambiente de trabalho.

Dando mais um passo, observa-se atualmente a inserção de tais práticas também na internet. Embora várias atividades permaneçam sendo oferecidas presencialmente, destaca-se a crescente oferta de tarô *online* em *sites*, *blogs*, redes sociais. Assim, visando compreender as transformações que o tarô sofre nesta modalidade é que se propõe esta pesquisa, a qual

oferece uma continuidade e ampliação dos estudos que realizei na Pós Graduação *Lato Sensu* em Ciências da Religião, também na PUC-Minas, entre os anos de 2011 e 2012. Naquele momento, quando me propus a conhecer esse assunto, parti do objetivo de compreender o funcionamento simbólico dos oráculos. Priorizei o estudo do tarô pela riqueza de histórias que poderiam ser lidas através delas. Agora, alguns anos depois, percebo a visibilidade que este sistema oracular tem ganhado no país, principalmente com o advento da internet.

Até a década de 1990 as leituras das cartas eram divulgadas no Brasil apenas por jornais, revistas, panfletos e faixas nas ruas. Atualmente a tecnologia permite uma divulgação mais rápida e eficaz, sobretudo pela utilização da internet e do uso das redes sociais, de modo que tais recursos também têm sido valorizados para a expansão do mercado. Hoje qualquer pessoa pode consultar as cartas virtualmente, e se preferir a consulta aos moldes tradicionais, pode conhecer um espaço que oferece o serviço e agendar um horário. Já para aqueles que desejam estudar o assunto, a internet também oferece essa possibilidade, reunindo pessoas em fóruns de discussão, *workshops* e outros eventos.

O tarô é um sistema oracular que pode ser utilizado com finalidade adivinhatória ou terapêutica, já que propicia o autoconhecimento. Ao ser lido *online*, ganha uma nova roupagem. Entretanto, tem em seu meio tanto apoiadores quanto opositores aos novos modos de manuseio do rito. Embora seja um assunto aberto a discussões, considera-se que as mudanças estão postas e não parecem dispostas a retroagir. Diante disso é relevante, portanto, verificar quais foram as adaptações e as transformações que o ritual do tarô sofreu na atualidade; considerando a emergência da internet como ferramenta que propicia novos modelos de vida social, além de sugerir um novo campo de profecias (MACHADO, 2003).

Vale destacar que os atendimentos não presenciais já aconteciam antes mesmo do surgimento da internet. Entretanto, diante das novas formas de divulgação e de usos do tarô propiciadas pela expansão do meio *online*, aconteceram mudanças significativas nas formas como consulentes e tarólogos se aproximam, estabelecem seus laços, realizam seus atendimentos, pagam e recebem por eles.

Sendo guiada por aqueles que atuam com o tarô *online* – seja do “ponto de vista” dos tarólogos, seja do “ponto de vista” dos consulentes –, é que esta pesquisa foi desenvolvida.

Imagino que realizar uma pesquisa antropológica na cidade seja bem diferente daquelas primeiras pesquisas que ocorriam somente fora (e longe) do território do pesquisador. Não é mais imprescindível estar isolado no campo, longe de sua cultura; tampouco realizar exaustivas viagens. No meu caso, por exemplo, em que praticamente não

existiam barreiras físicas, tinha a sensação de estar inserida dentro do “meu campo” a todo instante, pois podia entrar e sair dele através de um clique. Mas apesar desta facilidade, esta pesquisa antropológica continuou exigindo a aprendizagem de uma “língua” nova – a qual o nativo domina e eu não – e permanece sendo um convite a uma viagem. Afinal, “(...) o trabalho de campo é um tipo de viagem: pela inquietação com outras experiências, pelo desejo de encontrar desconhecidos, pela disponibilidade para se expor a esse tipo de dificuldade, à novidade, à diferença” (CAIAFA, 2007, p.149).

Trata-se de uma tema “estranho” pois não sou uma consulente de tarô, muito menos uma taróloga; mas ao mesmo tempo “familiar”, pois estou, como milhares de brasileiros, conectada nesta cibercultura. Considerando o meu perfil profissional (psicóloga), suponho que durante a investigação oscilei entre proximidade e distanciamento; o que parece adequado a uma proposta de cunho antropológico.

Como diria E. E. Evans-Pritchard: “Talvez seja melhor dizer que o antropólogo vive simultaneamente em dois mundos mentais diferentes, construídos segundo categorias e valores muitas vezes de difícil conciliação. Ele se torna, ao menos temporariamente, uma espécie de indivíduo duplamente marginal, alienado de dois mundos” (EVANS-PRITCHARD, 2005, p.246).

Nesta pesquisa dialoguei com o método etnográfico, transitando ora pelo *online*, ora pelo *off-line*, tendo como referência a proposta de etnografia virtual de Christine Hine, como guias o Código de Ética do Antropólogo e da Antropóloga e o documento interdisciplinar intitulado *Ethical Decision-Making and Internet Research Recommendations from the AoIR Ethics Working Committee (Version 2.0)*.

Parti do mapeamento (identificação e análise) de endereços *online* (*sites*, *blogs* e páginas do *Facebook*) enquanto modalidades de ferramentas utilizadas atualmente pelos tarólogos brasileiros para discutir conhecimentos sobre o tarô, bem como ofertar e realizar consultas. A seguir, através de informações coletadas em *sites*, eventos e obtidas pelas entrevistas, foram discutidas as especificidades dos serviços de tarô oferecidos à distância, considerando as novas interações estabelecidas entre tarólogos e consulentes e as possíveis consequências das adaptações tecnológicas.

Atualmente a internet está presente em todas as esferas da vida humana. Propicia o encurtamento de distâncias, economia de tempo e redução de custos. É natural que em algum momento isso atingisse também o meio oracular. Mas dentre tarólogos o uso da *web* levanta polêmicas. Há quem defenda que um atendimento face a face tenha qualidade superior ao

atendimento à distância. Outros, ao contrário, alegam que em ambos os espaços é possível conectar com a “energia” do consulente, de modo que para estes profissionais não existiriam comprometimentos na eficácia da consulta.

Pode-se dizer que a leitura das cartas quando realizada em ambiente *online* apresenta-se com “nova roupagem”. Na *web* o tarólogo torna-se blogueiro, escritor e publicitário de si mesmo. Amplia a divulgação dos serviços, alcançando um público sensivelmente maior através dos *posts*, curtidas e comentários nas redes sociais.

Nos *sites* místicos os tarólogos se apresentam enfileirados, lado a lado. Ali eles ressaltam vários atributos que possuem: cursos místicos realizados, habilidades paranormais, formação acadêmica, filiação religiosa, linhagem familiar, tempo de experiência com o tarô. Valoriza-se o que é aprendido, conquistado e herdado no intuito de disponibilizar um perfil de cada profissional, tornando os consulentes informados e aptos para fazerem a sua escolha.

Alguns tarólogos mostram o próprio rosto, outros se apresentam com avatares (representações gráficas), sendo comum o uso de imagens de ciganos, bruxas, fenômenos da natureza etc. Os atendimentos podem acontecer via *chat*, *email*, PABX (telefone), *Skype*. O pagamento pode ser à vista através de depósitos e transferências *online*, ou a prazo mediante uso do cartão de crédito, *PayPal* e *PagSeguro*. As consultas são cobradas por fração de tempo adquirido previamente, que pode variar de 10 minutos a 5 horas. São várias as opções para todos os gostos, bolsos e níveis de exigência dos consulentes.

Através da internet, tarólogos têm a oportunidade de interagir com maior frequência e intensidade tanto entre si quanto com consulentes ou pessoas interessadas no assunto. Direcionam perguntas, comentários, fotos e charges uns para os outros. Também é comum encontrar na *web* conselhos dos profissionais direcionados aos consulentes. São “dicas” para que eles compreendam e aproveitem melhor o que é oferecido em uma consulta de tarô ou alertas contra possíveis charlatões e aproveitadores.

Inicialmente, no intuito de realizar um mapeamento do campo, buscou-se o tarô *online* na ferramenta de busca *Google*. Após esta coleta de dados (realizada em outubro de 2014 e retomada em abril de 2015¹), foram identificados um total de 90 URLs (endereço virtuais) referentes a portais, *sites* e *blogs* de brasileiros que discorrem sobre a temática do tarô. São espaços que oferecem cursos (em níveis iniciante, intermediário e avançado), divulgam

¹ Esta coleta de dados foi realizada em dois momentos devido a minha participação em um fórum de tarô, conforme será explicado logo adiante. Neste evento conheci vários profissionais e seus respectivos *sites* e percebi que seria necessário rever os endereços localizados anteriormente. Neste intervalo de tempo de seis meses pude perceber que vários *sites* desapareceram e outros novos surgiram. Isso reforça o quanto os dados *online* são voláteis, assunto que será abordado no segundo capítulo desta pesquisa.

eventos (*workshops*, fóruns, simpósios, congressos), vendem livros e baralhos, assim como oferecem o atendimento de tarô presencialmente e/ou virtualmente (*online*). Este microuniverso foi mapeado, as 90 URLs foram categorizadas e tabuladas e aqui encontram-se nos apêndices.

Durante este mapeamento chamou-me a atenção o *site* de Nei Naiff pelo fato dele se denominar como um dos primeiros a lançar o oráculo na internet, desde o ano de 1998. No *site* divulga livros escritos por ele e apresenta um histórico dos eventos que já organizou: Congresso Brasileiro de Tarô, Encontro de Tarólogos e Fórum Nacional de Tarô. Acompanhando o seu *site*, é que fiquei sabendo que no dia 21 de março de 2015 aconteceria em São Paulo o 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia, cujo tema seria “O tarô e o mundo digital”.

Segundo Nei Naiff, no primeiro Fórum Nacional de Tarô, realizado em 2009, os participantes já sinalizavam que no futuro seria mais usual os atendimentos e cursos *online*. Como em 2015 essa situação está mais presente no cotidiano dos tarólogos, tornou-se o tema da vez. As questões debatidas neste evento seriam: Aprender tarô serve somente para ganhar dinheiro? O que dizer da evolução espiritual de quem estuda? Qual a diferença entre cursos e consultas de modo presencial, telefone e *online*? O que é melhor para o consulente: a consulta presencial ou virtual? Valor fixo ou minutagem? Seria correto o uso de pseudônimo ou perfil falso para consultas e cursos *online*? Você sabe realmente trabalhar na internet? A contratação informal, por *sites* de atendimento virtual, traz algum benefício futuro ao tarólogo? Quem responde juridicamente pelo atendimento na internet: o tarotista ou o empresário? Além disso, naquela ocasião também seria comemorado o Dia Nacional do Tarô.

Ainda em dezembro de 2014 eu fiz minha inscrição para participar deste evento através de depósito bancário disponibilizado no *site* e envio do comprovante de pagamento ao *email* indicado. Recebi a confirmação do depósito e depois a programação detalhada do evento, juntamente com um pequeno mapa para chegar ao local: no Edifício Citibank, na Avenida Paulista. Como as inscrições ultrapassaram a capacidade do auditório, que era para um público de aproximadamente cem pessoas, o evento também foi disponibilizado ao vivo pela internet. O fórum aconteceu de 10 às 18 horas, sendo composto por três mesas redondas e tendo a duração de uma hora e trinta minutos cada. Pode-se dizer que participar presencialmente deste fórum foi um divisor de águas para a condução desta pesquisa. Através dele tive o primeiro contato com as pessoas inseridas neste universo, o que contribuiu para me localizar em seu contexto. No fórum presenciei alguns questionamentos sobre as diferenças de

atendimento presencial e *online*, bem como as diferenças inerentes às consultas *online* de acordo com as ferramentas utilizadas (*Skype*, *email*, *chat*). Os tarólogos falaram de suas experiências de atendimentos nos *sites*, os impasses nas relações trabalhistas e algumas dificuldades com os consulentes. Finalmente, também mencionaram sobre a pressão da mídia para a realização de previsões corretas e rápidas. Observei como se posicionavam diante das diferenças de opinião e como a ética era considerada essencial em sua prática. Defendeu-se a importância de elaborarem um código de ética do tarô brasileiro principalmente porque a ocupação já é reconhecida pelo Ministério do Trabalho desde o ano de 2002. Segundo Nei Naiff, seria imprescindível que se nortearse um discurso comum em torno do que seria uma atuação profissional adequada e correta.

Além do organizador do evento, foram convidados dezoito tarólogos para participar das mesas redondas. À medida que cada um falava, o seu *site* era projetado por um *datashow*. Despertou-me a atenção a fala de Constantino Riemma. Embora já tivesse conhecido o *site* desenvolvido por ele, Clube do Tarô, foi a partir da apresentação do seu trabalho que decidi acessá-lo com mais cuidado e usá-lo nesta pesquisa. O *site* funciona como uma enciclopédia interativa, no qual textos são postados e a partir disso são abertos fóruns de discussão. Através de observações dos fóruns de discussão promovidos neste *site*, identificou-se que as discordâncias internas entre aqueles que usam o tarô são várias: no que se refere à sua origem, à nomenclatura, aos trajes, ritos, influências da fé do tarólogo em sua prática, tipos de baralhos adotados, uso de magia, usos do tarô, técnicas de tiragem, oferta de atendimentos na internet. No decorrer deste trabalho são utilizadas várias falas e comentários retirados dos fóruns de discussão do *site* Clube do Tarô, no intuito de que o leitor possa se aproximar das falas nativas e compreender melhor as relações estabelecidas entre tarólogos e entre tarólogos e consulentes.

Em abril de 2015 fiz um perfil no *Facebook* especificamente para tratar de tarô. Nele adicionei empresas, pessoas famosas no meio ou não. Embora não seja uma taróloga, penso que fui “bem recebida”. Eventualmente alguém me enviava uma mensagem *inbox* (reservada, que somente eu tive acesso), no intuito de se apresentar e me conhecer. Esclareci meus interesses com esta pesquisa e fui, por iniciativa deles, adicionada em alguns grupos. Em outros, realmente fui eu quem pediu a autorização para participar. Inclusive, vários dos meus entrevistados chegaram até mim por este caminho: pelo *Facebook*.

Aqui a internet foi utilizada tanto como uma ferramenta, instrumento para coleta e triagem de dados, quanto o contexto de estudo, considerando que se trata de um fenômeno social que modifica interações entre tarólogos e consulentes.

Acompanhando as postagens feitas por tarólogos no *Facebook* foi possível observar sua relação com o oráculo, com os colegas de trabalho, com os consulentes. O *Facebook* tem sido utilizado não só para divulgação de serviços, produtos e eventos, como também é um espaço de tirar dúvidas, desabafar, reclamar e fazer gozações sobre as situações que vivem no cotidiano de tarólogos.

Nesta pesquisa foram realizadas entrevistas com quatro tarólogos e três consulentes, as quais aconteceram tanto presencialmente quanto por telefone, *email* e *Faceboook*, o que variava de acordo com a preferência e disponibilidade dos informantes. Com uma quarta consulente realizei uma observação de atendimento *online*. Simulamos passo a passo uma previsão no *site* que ela já tinha acessado sozinha anteriormente e ela me disponibilizou os *e-mails* decorrentes da “consulta”, sendo estes dados apresentados aqui.

Partindo “do ponto de vista” dos profissionais busquei entender sua relação com o oráculo, como acontecem os atendimentos à distância e possíveis modificações decorrentes da transposição do universo presencial para o *online*. Já “do ponto de vista” dos consulentes quis entender a frequência com que se consultam e quais critérios consideram ao escolher um profissional. Com ambos quis compreender as motivações para a oferta e procura de consultas *online*, se têm preferências pelo atendimento presencial ou à distância e suas opiniões a respeito dos profissionais que se apresentam na internet através de avatares.

Considerando a proposta de etnografia virtual de Christine Hine (2004), buscou-se aqui compreender quais são as implicações do uso da internet no ritual do tarô. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa em que se pretende dialogar com o método etnográfico. Através de observações e entrevistas transitei ora pelo *online*, ora pelo *off-line* através de um engajamento intermitente, diferencial da etnografia virtual.

No primeiro capítulo será apresentado o que é o tarô, alguns de seus mitos de origem, bem como “quais” mãos o manuseiam. Nele se pretende apontar o quanto o campo do tarô é multifacetado, mas nem por isso tão diferente do meu universo, enquanto psicóloga.

O segundo capítulo mostra a cibercultura presente nesta Nova Era, mosaico espiritualista marcado pela “metáfora da transformação” e pelo experimentalismo religioso” (AMARAL, 2000, p.15). Aponta-se a saída dos neo-esotéricos (e dentre eles, os tarólogos) dos espaços reservados para os espaços públicos (MAGNANI, 1995, 1999) e como isso ganha

outras dimensões através da *web 2.0*. A seguir, são apresentados como acontecem os atendimentos de tarô na internet, dialogando com as semelhanças e diferenças da proposta atualmente desenvolvida pelos psicólogos no meio *online*. São expostas algumas divergências entre tarólogos sobre a eficácia (ou não) do tarô à distância, sendo isso discutido através da categoria de *mana*, apresentada por Marcel Mauss (2007). Também são apresentados alguns diálogos tarológicos do *Facebook*, que apontam um uso criativo das cartas, oferecendo novas e divertidas formas de leitura.

No terceiro capítulo proponho uma compreensão de quem são os tarólogos que povoam a internet. Faço uma caracterização geral de como os tarólogos se apresentam nos *sites* e discorro sobre aqueles que entrevistei, situando sobre os nomes que adotam para se apresentar, sua relação com o oráculo, percursos profissionais no tarô.

No quarto capítulo discuto as experiências e posicionamentos sobre os atendimentos *online*, privilegiando o ponto de vista dos tarólogos.

Já no quinto capítulo mostro o outro lado da internet, pontuando as experiências e posicionamentos dos consulentes. Exploro as entrevistas e observação de “consulta” realizada e aponto os monólogos de tarólogos e consulentes na internet: “falas” públicas sem respostas, que despertam dúvidas se de fato foram “ouvidas”. A seguir vem as considerações finais.

Embora todos os autores aqui utilizados sejam importantes, vale destacar que minha principal interlocutora será a socióloga Fátima Tavares (1993, 1999), que investigou sobre os iniciantes de tarô na cidade do Rio de Janeiro. Sua dissertação de mestrado foi anterior ao reconhecimento da atividade na Classificação Brasileira de Ocupações e após 22 anos de sua pesquisa, pode-se dizer que o cenário atual é outro. Esta dissertação é uma continuação de seus estudos e ao mesmo tempo oferece outras nuances, por vislumbrar uma época mais tecnológica, visando compreender a relação entre tarólogos já atuantes no mercado. Entende-se que um expressivo diferencial dos tarólogos de 1993 para os de 2015 diz respeito à possibilidade de comunicação e atendimento instantâneo a um consulente que esteja em qualquer parte do país. Portanto, pretendi entender quais seriam as implicações desta comodidade, considerando ambas as partes desta relação adivinhatória terapêutica.

1 TARÔ: FUSÕES E CONFUSÕES POSSÍVEIS AOS OLHOS MENOS EXPERIENTES

“O problema do tarólogo focado apenas nas previsões é que ele apenas mira o efeito, nunca a causa, dando uma sensação para o consultante que ele é mero expectador da sua vida e nada pode fazer para mudar” (SCHMID, 2009B, s.p.).

1.1 O que é o tarô

Grosso modo, o tarô é um conjunto de 78 cartas, sendo composto por 22 trunfos ou arcanos maiores e 56 arcanos menores. O termo arcano significa oculto ou misterioso, evocando a ideia de um conteúdo que precisa ser aberto e revelado.

Dentre os arcanos maiores temos: 0 é a carta “O Louco” ou “O Tolo” (por não ser numerada, pode ser compreendida que tem lugar no início ou no fim). A carta 1 é “O Mago” ou “O Prestidigitador”, a 2 é “A Sacerdotisa” ou “A Papisa”, 3 “A Imperatriz”, 4 “O Imperador”, 5 “O Papa” ou “O Hierofante”, 6 “O Enamorado” ou “Os Amantes”. 7 “O Carro” ou “A Carruagem”, 8 “A Força”, 9 “O Ermitão” ou “O Eremita”, 10 “A Roda da Fortuna”. 11 “A Justiça”. 12 “O Pendurado” ou “O Enforcado”. 13 “A Morte”, 14 “A Temperança”, 15 “O Diabo”. 16 “A Torre” ou “A Casa de Deus”, 17 “A Estrela”, 18 “A Lua”. 19 “O Sol”, 20 “O Julgamento” e 21 “O Mundo”.

As demais 56 cartas são os arcanos menores, constituem as cartas de jogar do baralho comum e se subdividem em quatro naipes: paus, ouros, espadas e copas; que por sua vez correspondem aos quatro elementos: fogo, terra, ar e água. Cada um deles têm 10 cartas numeradas de 1 a 10, mas também apresentam ilustrações. Cada naipe tem quatro figuras: rei, rainha, cavaleiro e valete, conhecidas como cartas da corte².

Segundo Alberto Cousté, autor de um dos primeiros livros de tarô traduzidos no país, o tarô é

²As cartas e os seus significados não serão apresentados neste trabalho, pois ultrapassaria os objetivos da pesquisa. Mas existem vários manuais de interpretação para aqueles que queiram se aprofundar no assunto. Inclusive, cada tarô tem o seu livreto explicativo. No âmbito dos estudos acadêmicos, destacam-se os trabalhos de Fátima Tavares (1993) e Priscila Kuperman (1995). Entretanto, ambas tratam apenas dos arcanos maiores. Um esclarecimento que Tavares (1993) faz é que geralmente os arcanos maiores são os primeiros a serem ensinados nos cursos. É possível, portanto, que muitos não façam o estágio “mais avançado” e interrompam os cursos antes de tomar conhecimento do significado dos demais arcanos. Ainda assim, seria possível fazer uma “boa” leitura apenas com os arcanos maiores, já que os menores trariam um detalhamento das mensagens dos primeiros.

Livro adivinhatório, coleção de hieróglifos simbólicos, antologia dos imaginadores medievais, patriarca dos jogos de mesa, caminho iniciatório do conhecimento, o Tarô é a soma de todas estas definições, postas em ordem mais elementar com essas mudas e até ingênuas estampas, das quais um temperamento não dogmático pode aproveitar amplamente. O fundamental frente ao Tarô – convém dizê-lo – é uma atitude de disponibilidade, tão despojada de superstição como de ceticismo. Diversos são os caminhos de aproximação, diversos são os interesses, as disposições e até o entusiasmo com que cada um se aproximará deste livro mudo. Uma coisa só é certa: para fazê-lo falar, é preciso respeitá-lo como a um sistema sintético de pensamento (COUSTÉ, 1983, p.12).

O tarô é um sistema oracular que pode ser utilizado com finalidade adivinhatória, terapêutica e de autoconhecimento. De origem incerta, é um instrumento predominantemente simbólico. Isso porque ele revela “encobrendo”, já que sua revelação não é explícita, mas mediante interpretação. Sua leitura – assim como a de qualquer oráculo – é um rito que permite a reatualização mítica daquilo que já foi vivido por um determinado grupo social em tempos imemoriais, atualizando-o para o momento presente.

Segundo Bronislaw Malinowski (1984), existe uma relação íntima entre a palavra, os mitos, as histórias sagradas de uma tribo e as suas atividades práticas, os seus rituais, a ação moral, a organização social. Nas comunidades primitivas o mito não é somente uma história, mas a própria realidade da vida que é contada; cujos texto e contexto dialogam continuamente. Há situações, por exemplo, em que, ao tomar conhecimento de uma narrativa mítica e depois, ao ser iniciado ritualmente, o indivíduo se torna autorizado e, portanto, apto para uma nova organização e vida em sociedade.

Mitos e ritos se entrelaçam e se tornam indissociáveis. É o mito que explica a origem das coisas, justifica os acontecimentos e confere modelos para as normas morais, os grupos sociais ou aos próprios ritos. Estes últimos, por sua vez, auxiliam os indivíduos a reafirmar concepções através da renovação de ideias, bem como sinalizam as transições cíclicas da vida.

Em seu processo de perpetuação, os mitos são recontados continuamente e mostram-se redundantes, o que não ocorre sem motivo, mas para "reassegurar a sua veracidade" (LEACH,

1983, p.58). Lévi-Strauss, em "A eficácia simbólica" (1991), ilustra isso ao apresentar detalhadamente as falas de um xamã em combate a espíritos maléficos e monstros sobrenaturais que acometem uma parturiente indígena. Naquele caso, as falas do xamã narram cada gesto seu na luta contra o mal, os quais permitem a vivência mítica da paciente, além de sua contribuição na própria cura, pelo estado de espírito que assume e ao repetir as frases que lhes são ditas. A cura, naquele caso, é entendida como uma transformação orgânica proveniente do uso de uma linguagem mítica.

Semelhantemente, pode-se dizer que o tarô é uma linguagem. Para quem assim prefira, “uma linguagem feiticeira” (KUPERMAN, 1995). E para o aprendizado dessa língua, feita do cruzamento de ideias, símbolos, experiência e intuição, é necessário tempo e paciência. Segundo Fátima Tavares (1993, p.7)³, “aprender a jogar o tarô significa basicamente reaprender a **magicizar** o mundo”, ainda que para isso, contraditoriamente, o iniciante precise se submeter a um rigoroso treinamento de ordem racional.

Entende-se a leitura de cartas enquanto um ritual, um sistema que permite a transmissão de mensagens através de uma comunicação mágica. A abertura do tarô é um procedimento repetitivo, tendo para sua interpretação um código de comunicação culturalmente definido. “Evoca a potência de poderes ocultos, embora não se pressupõe ser potente em si” (LEACH, 1972, p.334, tradução minha). Isso se confirma na fala de um tarólogo entrevistado, ao dizer que ao abrir o jogo, há uma mobilização de uma energia cósmica. Entretanto, há um reconhecimento que o sistema oracular nada realiza sozinho, pois depende de um intérprete.

Sabe-se que na antiguidade o oráculo indicava tanto um local, o santuário onde se realizava uma consulta à divindade, como a própria resposta que ela dava enigmaticamente através de um médium, uma pitonisa, uma sibila. Adivinhar vem do verbo latino “*divinare*”, significa predizer o futuro, pressagiar. O adivinho seria aquele a quem os deuses deram o dom de adivinhar.

Mas a relação entre tarô e magia é um tópico que gera controvérsias. Tanto é possível concebê-lo enquanto um veículo da magia quanto um elemento distinto, à parte. Alguns defendem veementemente que “Tarô é Tarô” (NAIFF, 2001), de modo que os estudiosos do assunto não precisariam conhecer cabala, numerologia, astrologia e ciências análogas para praticar a tarologia. Mas há quem defenda que seja importante conhecer outras áreas, tendo em vista que os *decks* (baralhos) foram construídos em diálogo com essas formas de pensamento.

A variedade de crenças compartilhadas pelas pessoas que fazem parte do **mundo alternativo**, manifesta seu caráter multidisciplinar por excelência (...) Pessoas que praticam o jogo de tarô interconectam ‘saberes’ os mais diversos, no intuito de conquistar uma melhor compreensão de sua própria vivência enquanto tarólogos (TAVARES, 1993, p. 118, grifo original).

³ Em sua dissertação de mestrado, Tavares (1993) realiza uma etnografia da iniciação, que compreende especialmente a etnografia das cartas, tal como elas são apresentadas nos cursos de tarô.

Segundo Nei Naiff (2000), quem despertou o interesse do brasileiro pelo tarô foi a Revista Planeta, que em uma edição de 1974 disponibilizou como brinde aos seus leitores o “Tarô de Marselha” e depois, em 1977, distribuiu o “Tarô Rider-Waite”. A partir de então, durante a década de 1980 foram publicados os três primeiros livros brasileiros, sendo traduzidos doze livros sobre o assunto. De lá para cá (2015) as publicações brasileiras cresceram, mas Naiff lamenta a discrepância de nossas produções, quando comparadas em qualidade e em quantidade com os catálogos de editoras americanas e europeias⁴. Ansioso pela expansão da aceitação e uso do oráculo no país, o tarólogo é um nome de destaque não só pela inserção na mídia, como também por sua contribuição na formação de tarólogos.

Mas foi a ainda incipiente popularização do tarô – facilitada pela ampla comercialização de livros que explicam os significados das cartas e seus esquemas de disposição e leitura – o que retirou a tarologia dos círculos místicos restritos (acessíveis apenas aos iniciados), como era comum até o início do século XX, e a disseminou entre as diversas camadas sociais.

Atingindo pessoas com várias escolaridades, observa-se uma crescente psicologização do tarô, também atrelada ao uso da física quântica enquanto caminhos de aproximação do conhecimento científico. Devido a estes interesses, recentemente, tem ganhado destaque a ênfase sobre o uso do tarô com cunho terapêutico, o qual é fruto da aproximação entre tarô, mitologia e a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Essa proposta que combina oráculo e terapia tem sido pesquisada pelo tarólogo Veet Pramad.

Em suma, ao compreender o tarô enquanto um rito, um ato social, ele não pode apresentar um significado único, de modo que

(...) muda de valor e de sentido segundo os atos que o precedem e aqueles que o seguem; donde se conclui que para compreender um rito, uma instituição ou uma técnica, não se deve extraí-lo arbitrariamente do conjunto cerimonial, jurídico ou tecnológico de que faz parte; ao contrário, é preciso sempre considerar cada elemento desse conjunto em suas relações com todos os outros elementos (VAN GENNEP, citado por SEGALLEN, 2002, p.44).

Desprovido de um autor, e pelo fato de ser fruto de uma soma de indivíduos, é que o tarô está aberto a vários mitos de origem. E por perceber a importância de considerar cada elemento desse conjunto de relações, é que alguns destes mitos serão apresentados a seguir.

⁴ A respeito disso, um site de referência é o Aeclectic, disponível em: <<http://www.aeclectic.net/tarot/>>. Acesso em: 16 set. 2015. É um site em inglês que apresenta mais de 200 tipos de tarôs para visualização. É uma vitrine atualizada do que existe no mercado editorial na Europa e nos Estados Unidos.

1.2 Alguns mitos de origem do tarô

Algumas versões de como o tarô surgiu remetem a Atlântida, ao Antigo Egito e à Idade Média. Cada linha de estudos se apoia a uma destas origens e a propaga como verdadeira. São várias histórias e cada grupo segue com as suas certezas.

Uma versão remete o surgimento do tarô, em um passado remoto, aos povos de Atlântida e Lemúria. Quando estes povos previram o desaparecimento de suas terras devido a um grande cataclisma (semelhante ao dilúvio), enviaram seus sábios para diversas partes do mundo para que revelassem os segredos dessas cartas misteriosas a outros povos, a fim de perpetuar sua sabedoria.

Segundo a tradição, os sacerdotes egípcios foram os herdeiros da sabedoria de Atlântida e, portanto, os guardiões dos mistérios sagrados. O sumo-sacerdote, ao prever um longo período de decadência espiritual da humanidade e de perseguição aos mistérios sagrados, reuniu no templo todos os sábios sacerdotes do Egito, para que juntos encontrassem uma maneira de preservar da destruição os ensinamentos iniciáticos, os conhecimentos adquiridos e todos os mistérios revelados herdados dos habitantes de Atlântida e transmiti-los às futuras gerações. O mais sábio dos sacerdotes, ao perceber que as pessoas gostavam muito de jogar, sugeriu que confiassem a tradição ao vício, pois somente isso difundiria o oráculo a toda humanidade. Assim, resolveram fabricar as figuras do tarô em lâminas de ouro. Com isso, a doutrina estaria protegida por um simbolismo que apenas os iniciados poderiam entender.

A teoria de que o tarô teve origem no Egito foi levantada e defendida por vários ocultistas, tais como Gebelin, Etteilla, Eliphas Levi, Papus, Edward Waite e Aleister Crowley.

O francês Antoine Court de Gebelin (1725-1784) foi o primeiro a mencionar a teoria da origem egípcia do tarô. Defendia que os 22 arcanos maiores estavam relacionados com os símbolos contidos no Livro de Thoth, sendo que esses símbolos eram derivados das imagens iniciáticas dos sacerdotes egípcios, cujas figuras teriam sido pintadas nas paredes das galerias subterrâneas da grande pirâmide. Acreditava que os 22 arcanos maiores representavam os líderes temporais e espirituais da antiga sociedade egípcia, e que os 56 arcanos menores eram divididos em 4 naipes referentes às 4 classes da sociedade do Antigo Egito, que seriam: espadas representando a classe guerreira; copas a classe sacerdotal; paus ou vara os agricultores e ouros ou moedas os comerciantes.

Um elemento que fortalece a ideia de que o tarô surgiu no Egito, é a carta 3 (“A Faraó”, no tarô egípcio ou “A Imperatriz”, no tarô tradicional) vem antes da carta 4 (“O Faraó”, no tarô egípcio ou “O Imperador”, no tarô tradicional). Sabe-se que após a III e IV dinastias do Antigo Egito, como resquícios do matriarcado no que se refere à hierarquia na regência, dava-se preferência à mulher sobre o homem⁵.

Gebelin considerava que a palavra “TAROT” era uma combinação de “TAR” (caminho, estrada) e “RO, ROS ou ROG” (rei ou real). Portanto, tarot significa “estrada ou caminho real”, o que também provaria sua origem egípcia. Gebelin acreditava que os símbolos esotéricos do tarô foram divulgados mais tarde pela Europa pelos ciganos.

Jean Baptiste Alliette (1738-1791), mais conhecido como Etteilla, era um francês que inverteu as letras de seu nome. Foi um dos discípulos de Gebelin e reforçou a origem egípcia do tarô, afirmando que o baralho original havia sido escrito em folhas de ouro num templo de Memphis. Em 1778 fundou a “Sociedade de Intérpretes do Livro de Thoth”, a primeira associação dedicada à leitura de cartas.

Alphonse Louis Constant, mais conhecido como Eliphas Levi (1810-1875) entendia o tarô como um alfabeto sagrado, com raízes nas vinte e duas letras do alfabeto hebraico.

Gérard Anaclet Vincent Encausse (1865-1916), cujo pseudônimo era Papus, fundou a “Ordem Maçônica dos Martinistas”. É o autor do livro “Tarot dos Boêmios”, cuja obra é coerente com Levi e Etteilla em relação aos arcanos maiores, tendo também letras hebraicas.

A seguir, uma ordem iniciática britânica denominada *The Golden Dawn* (Ordem Hermética da Aurora Dourada) fez um trabalho comparativo do tarô com outros sistemas espiritualistas, como a astrologia, magia, cabala e alquimia. Dentre eles, dois membros se destacaram: o cabalista Arthur Edward Waite e seu rival o magista Aleister Crowley.

Arthur Edward Waite (1857-1942), através da artista Pamela Colman Smith que desenhou os arcanos, promoveu duas significativas inovações no tarô: projetou figuras também para os arcanos menores e no que se refere aos arcanos maiores, trocou a numeração entre “A Justiça” (de número 11) e “A Força” (de número 8). Para Waite, “A Justiça” deveria ficar localizada no meio dos arcanos maiores (que são 22), por isso a modificou de lugar. Segundo Gondim (2014), 70% dos leitores de tarô no mundo adotam o “Tarô de Rider-Waite”, pelo fato dele ter imagens em todas as cartas, o que facilita a assimilação dos significados delas. Mas a alteração da ordem dos arcanos nem sempre é bem vista e aceita.

⁵ Trata-se de uma tese defendida entre alguns tarólogos que argumentam que existem registros históricos sobre o assunto. Entretanto, não há base empírica que comprove.

Edward Alexander Crowley, mais conhecido como Aleister Crowley (1875-1947), destacava-se pelo excentricismo e por ter opiniões bizarras. Teve uma ascensão rápida dentro da ordem *Golden Dawn*, mas devido a dificuldades de relacionamentos com outros membros, saiu dela. Foi nessa época que Crowley passou por uma experiência no Egito: teve contato com uma entidade espiritual chamada Aivass, que lhe ditou um legado de conhecimento, levando-o a escrever o famoso “Livro da Lei”, que tratava das leis para a Nova Era⁶. A partir daí, tornou-se profeta da Nova Era. Em 1938, Crowley projetou o “Tarot de Thoth”, também conhecido como o “Tarô de Crowley”, que foi pintado por Lady Frieda Harris, sob suas orientações.

Observa-se, portanto, que vários ocultistas projetaram suas próprias versões das lâminas, através de ilustração produzida por artistas plásticos. Uma curiosidade é que foi apenas depois da publicação dos estudos e pesquisas de Gebelin que começaram a surgir baralhos desenhados com o pano de fundo egípcio, e nem sempre comprometido com a história do jogo.

Quanto à hipótese de que exista uma ligação entre a origem do baralho e os ciganos, alguns historiadores fazem referência aos ciganos originários do Indostão forçados a sair da Índia, no início do século XV, por Timur Lenk, conquistador islâmico de grande parte da Ásia Central e da Europa Oriental. (KAPLAN, 1997). O problema dessa teoria é que há registros da presença de jogos de cartas na Europa antes do início da diáspora cigana.

Também há quem defenda que o tarô tenha surgido na Europa durante a Idade Média, depois da disseminação das cartas do baralho comum. Isso porque o mais antigo tarô completo remanescente é de meados do século XV e foi produzido por encomenda do Duque de Milão, Filippo Maria Visconti. O “Tarô Sforza” foi ilustrado por artistas profissionais para comemorar o casamento de Bianca Maria Visconti com o Duque Francesco Sforza. É um exemplo de tesouro de família. Há várias histórias de baralhos de tarô que foram encomendados por nobres em toda a Europa, mas estes nem sempre resistiram ao tempo ou encontram-se incompletos. É o caso do baralho de Gringonneur, por exemplo. Além da evidência destes baralhos, outro argumento utilizado a favor do surgimento do tarô na Idade Média é a presença das cartas “O Sacerdote” ou “O Papa”, somadas à estética medieval de várias das cartas clássicas ou tradicionais.

Segundo Nei Naiff (2001) pode-se compreender o tarô a partir de uma classificação evolutiva, agrupando-as de acordo com a época da sua produção. Segundo o tarólogo, os

⁶ A Nova Era surgiu no Brasil entre os anos 1960 e 1970, sendo um campo no qual diferentes discursos espirituais orientais e ocidentais se cruzam e se misturam.

baralhos dividem-se em: tarô clássico ou tradicional, tarô moderno ou reestilizado, tarô transcultural ou etimológico e tarô surrealista ou fantasia.

O primeiro grupo de cartas compreende os tarôs produzidos entre os séculos XIV e XIX, e se caracterizam principalmente pela confecção rudimentar das cartas. Naquele momento, os modos de produção disponíveis da Renascença ao Iluminismo não permitiam a impressão com várias tonalidades de cores ou com desenhos perfeitos; motivo pelo qual as cartas desenhadas nesse período seguem o mesmo modelo de figuras e cores, exceto os baralhos encomendados por famílias de nobres. A maioria desses baralhos eram nomeados de acordo com quem os produzia, quem os encomendava ou com os lugares onde eram feitos. Exemplos desse grupo são o baralho de Gringonneur, Visconti-Sforza e o “Tarô de Marselha”. Destes, O “Tarô de Marselha” destaca-se por se manter praticamente inalterado desde seu surgimento.

O tarô moderno é inaugurado com a elaboração e confecção do “Tarô de Waite”, a partir do qual novas tecnologias de cores e impressão possibilitaram uma reestilização dos arcanos, baseando-se nos símbolos dos tarôs clássicos. Também fazem parte destes o “Tarô da Era de Aquário” e o “Tarô Cósmico”.

O tarô transcultural surgiu na primeira metade da década de 1970. Nesses baralhos, seus autores tentaram “buscar numa determinada mitologia, fábula ou lenda um significado ao atributo escolhido” (NAIFF, 2001, p.23). Como exemplos, temos o “Tarô Celta”, o “Tarô da Deusa”, o “Tarot Samurai”.

O tarô surrealista ou fantasia surgiu a partir de 1975. Esses tarôs, ainda que se baseiem nas cartas tradicionais, abandonam o simbolismo padrão e criam novas associações de sentido entre o significado da carta e as ilustrações. Partem da ideia que a interpretação deve partir do íntimo, transcender as imagens. Exemplos: “Tarô de Osho”, “Tarô de Salvador Dali”, “Tarô das Donas de Casa” e o “Tarô de Alice no País das Maravilhas”.

(...) o tarô sofreu – com raras exceções – várias alterações imagéticas e simbólicas. Isso acontece, de um lado, porque os meios de produção de cartas são menos complicados do que costumavam ser, e, de outro, porque existe uma necessidade por parte de alguns produtores de tarô de atualizar o conteúdo pictórico dos arcanos em consonância com a realidade sócio-histórica em que vivem. (ROSA JÚNIOR, 2010, p.31-32)

De acordo com os dados obtidos na pesquisa de Rosa Júnior (2010), ainda que apresentem diferenças iconográficas de um baralho para outro, as cartas de tarô possuem significados estabilizados nos manuais tarológicos. As disparidades imagéticas podem servir

para enfatizar um ou outro aspecto oracular descrito nos manuais. Segundo Gondim (2014), as cartas têm múltiplas nuances, que superam a simplificação de dualidades opostas de bom X ruim, preto X branco etc. Luz e sombra coexistem. Entretanto, vários autores de tarô enfatizam alguns aspectos dos significados das cartas. Um leitor iniciante ou despreparado, que ainda não domina as possibilidades de interpretação das cartas, pode se apegar a um aspecto, comprometendo a leitura. Daí o apelo de alguns tarólogos para que os iniciantes tenham domínio da interpretação das cartas tradicionais, conforme será abordado mais adiante.

Pode-se dizer que ao escolher um baralho, o tarólogo provavelmente adota também um mito de origem e uma escola – uma linha interpretativa e um modo de se relacionar com o oráculo. Mas nem sempre as escolhas acontecem nesta ordem. O que se quer frisar aqui é que uma escolha não é sem consequências, de modo que a ela são atreladas várias outras, junto aos seus respectivos posicionamentos.

Compreender o pensamento mítico não se trata de uma tarefa simples, uma vez que os mitos são carregados de ambiguidades. O mesmo mito pode assumir várias versões e apresentar interpretações contraditórias. E esta questão não é resolvida através do confronto, pois não se trata de definir qual delas seria legítima. Isso porque “não existe versão ‘verdadeira’, de que todas as demais seriam meras cópias ou ecos deformados. Todas as versões pertencem ao mito” (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.236).

Além disso, como esclarece Edmund Leach (1996), o mito também é um meio para atender questões objetivas, os interesses dos seus próprios narradores.

Desde o tempo de Malinowski tem sido lugar-comum afirmar que o mito serve para sancionar o comportamento social e para validar os direitos de indivíduos e grupos específicos dentro de um sistema social particular. Como todo sistema social, por estável e equilibrado que possa ser, contém facções opostas, há de haver por força mitos diferentes para validar os direitos particulares de grupos diferentes de pessoas. O próprio Malinowski percebeu isso (...) Mito e ritual são uma linguagem de signos em função da qual se expressam as pretensões a direitos e a status, mas é uma linguagem de argumentação, e não um coro de harmonia. Se o ritual é às vezes um mecanismo de integração, pode-se igualmente dizer que ele é frequentemente um mecanismo de desintegração (LEACH, 1996, p.319).

1.3 Definindo “quais” mãos manuseiam os tarôs

Riemma (2014) esclarece que em meio à profissão informal de cartomantes e tarólogos existem várias personas, passando por pessoas de baixa a alta escolaridade, com e

sem vidência. São senhoras comprometidas a ajudar suas comunidades; profissionais qualificados em diferentes áreas que utilizam seus conhecimentos específicos para traduzir os símbolos das cartas; sensitivos e paranormais que usam o tarô como um complemento às habilidades que já possuem. Mas além destes existem também aqueles que se dedicam a ludibriar os outros, podendo fingir ser qualquer um dos modelos citados anteriormente⁷.

A formação dos tarólogos é difusa, tendo em vista que cada um “constrói o seu currículo” a partir dos cursos que têm a oportunidade de fazer ou dos ensinamentos que têm a oportunidade de aprender. Gradativamente, os espaços simbólicos vão sendo delineados. Segundo uma informante, não é estranho que, ao fazer um curso de tarô, o instrutor questione ao aluno se ele já fez outros cursos anteriormente e com quem. Geralmente os mais experientes se conhecem e identificam uns aos outros enquanto “bons” ou “ruins”, juízos de valor emitidos pela concordância (ou não) com as linhas de pensamento adotadas pelos profissionais. Algumas linhas de compreensão do tarô passam por estudos da psicologia junguiana, outras pela teosofia, pelos ensinamentos da cabala, da mitologia ou até mesmo do esoterismo cristão. Assim, alguns profissionais mantêm sua prática em estreita relação com a cabala, astrologia, numerologia, mitologia, alquimia.

Nesse meio, se apresenta como tarólogo quem usa qualquer tipo de tarô, e cartomante é quem usa as cartas comuns, o baralho de jogar. Pode-se dizer que “todo tarólogo é um cartomante, mas nem todo cartomante é um tarólogo” (taróloga, em conversa informal no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia, São Paulo, 21 de março de 2015).

Mas talvez o que melhor esclarece essa diferença é o que apontou Tavares (1999): os tarólogos são aqueles que fizeram cursos, *workshops*; onde aprenderam as regras, estruturas e posições das cartas no jogo, bem como desenvolveram a intuição – através de um conhecimento racional – para interpretar o significado das cartas em cada contexto. Já os cartomantes seriam aqueles profissionais que aprenderam a leitura de cartas sozinhos ou em seu meio familiar, e justificam que possuem um “dom” de nascença que dispensaria outros estudos.

A crítica dos tarólogos aos cartomantes ocorre porque esses últimos priorizam a intuição que não se encontra vinculada a um processo organizativo; o que estaria prejudicando a imagem dos tarólogos “sérios” no meio consulente, com o uso constante de “frases feitas”,

⁷ Em pesquisa de mestrado sobre as profissionais do sagrado na cidade de Juiz de Fora-MG, Haudrey Calvelli (2011) entrevistou mulheres que oferecem serviços de vidência, tarologia, cartomancia, passes, benzeções, numerologia, entre outros, e que também prometem a solução de diversos problemas relacionados ao amor e à sorte. Das dez entrevistadas, todas realizavam leituras de cartas e/ou tarô. A disponibilidade que várias delas tinham em realizar feitiços é recriminada entre um grupo de tarólogos.

interpretações aleatórias e falta de autenticidade (TAVARES, 1999). Por desempenhar um trabalho mais “solitário”, menos objetivado perante um grupo de “iguais”, dentre os cartomantes há possibilidade de existirem charlatões. Mas também entre aqueles que se dedicam aos estudos, não há garantias que alcançaram os conhecimentos e habilidades mínimas necessárias para uma boa atuação. Em função disso, causa desconforto a postura daqueles tarólogos que fazem cursos rápidos – de final de semana ou até mesmo de um ou dois meses de duração – e já se acham aptos a discutir o assunto e quiçá, até oferecer cursos. Isso porque aqueles que se dedicam ao assunto entendem que, embora todos tenham intuição, despertá-la de um modo correto e aprender a ler as cartas não é tarefa tão simples. Daí a repulsa com os pseudo gurus: “(...) hoje está tudo aberto, não há mais esoterismo, e sim, exoterismo. (...) O mercado está cheio de esquisotéricos” (SCHMID, 2009B, s.p.).

1.4 Um sistema oracular e muitas diferenças

As discordâncias internas entre aqueles que usam esse sistema oracular são várias: no que se refere ao mito de origem, a nomenclatura, aos trajes, ritos, influências da fé do tarólogo em sua prática, tipos de baralhos adotados, uso de magia, usos do tarô, técnicas de tiragem, oferta de atendimentos na internet, apresentação do tarólogo com avatares.

Em 21 de março de 2015, tive a oportunidade de participar do 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia que aconteceu de 10 às 18 horas, no Edifício Citibank, em São Paulo. Fiquei sabendo do evento através do site do organizador (Nei Naiff) e fiz minha inscrição pela internet. Dentre os materiais entregues aos participantes do evento, constava um esclarecimento escrito por Naiff sobre os termos tarô e *tarot*. Segundo ele, a primeira publicação brasileira sobre o assunto foi proveniente da França mas o termo não foi traduzido, apresentado como *tarot*. Entretanto, ao considerar as regras gramaticais do português, o termo deve ser modificado para tarô. O que ele reforça, é que “(...) não há tradição espiritual na grafia *tarot*, tampouco é uma questão de escolha pessoal – devemos grafar **tarô** (sem medo de errar e sermos felizes!)” (NAIFF, 2015, s.p.⁸).

A preocupação de Nei Naiff para ensinar gramática aos colegas tarólogos não é sem motivos. Ao receber cartões de visita de tarólogos, visitar sites, blogs e grupos do Facebook, observa-se que o termo *tarot* permanece em uso. O que não se sabe ao certo é o quanto se trata de escolha pessoal – seja ela por motivos estéticos ou de convicções por pertencimento a

⁸ Para maiores detalhes, ver material na íntegra nos anexos.

uma vertente – ou o uso continua por ignorância, já que a formação é tão dispersa. Durante os debates promovidos por ocasião do 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia, vários tarólogos se pronunciaram sobre o estranhamento que tiveram quando aprenderam com Nei Naiff que o tarô surgiu na Idade Média (versão defendida por ele!). Várias pessoas tinham aprendido que o tarô tinha surgido no Egito, mas foi somente através de cursos ou livros de Nei, é que perceberam seu “engano”.

Nei Naiff é o nome iniciático de Claudinei dos Santos, que significa “o que vence pela verdade e pureza”. O tarólogo, que também é astrólogo, iniciou profissionalmente seus atendimentos com o tarô em 1990. É autor de mais de 20 livros sobre o tema, tendo recebido o prêmio Recordista 2011 pela obra “Curso Completo de Tarô” (coleção composta por 3 volumes que se dedica aos estudos sobre o histórico do tarô, seus símbolos, suas técnicas de leitura, etc). Tornou-se uma referência na área, principalmente por sua contribuição na formação de tarólogos e promoção de simpósios, fóruns e congressos. É uma das referências para estudo e uso do tarô no Brasil.

No que se refere às formas de uso do tarô,

(...) não existem regras absolutas, cada um pode utilizar o jogo como bem entender:
 a. o baralho inteiro com **78 cartas**; b. só os **22 ‘trunfos’** ou ‘arcãos maiores’; c. só os **56 ‘arcãos menores’** ou ‘baralho’ ou ‘cartas de jogar’; d. só as **52 cartas do ‘baralho comum’** (sem as 4 Rainhas); e. **36 cartas** do baralho comum (sem as Rainhas e as numeradas de 2 a 6), conjunto reduzido muitas vezes designado por ‘Lenormand’, ‘Baralho Cigano’.f. **42 cartas**: os 22 arcãos maiores e 20 arcãos menores (os 4 ases + as 16 cartas da corte). São diferentes arranjos que ficam à escolha do praticante. Tudo depende do propósito de cada um e das afinidades por uma ou outra das diferentes linhas de utilização das cartas (RIEMMA, 2009, s.p. grifos no original).

Os baralhos de Etteilla e do *Petit Lenormand* são conhecidos como baralhos ciganos. O *Petit Lenormand* (*O Pequeno Lenormand*) é um jogo com 36 cartas impresso na França a partir de 1840. O que difere do baralho comum é a ausência das cartas de 2 a 5 de cada naipe. Por essa razão foi denominado *Petit*, ou seja, “pequeno” em francês.

Entre tantas possibilidades de usos do tarô, Riemma oferece algumas orientações aos iniciantes

Sugestão nº 1: aproxime-se do Tarô sem conceitos predefinidos e sem se deixar aprisionar pelas superstições ou imposições ritualísticas de muitos autores. A primeira razão para isso é que o baralho não surgiu como aparato mágico ou religioso, mas sim como um jogo recreativo. Outra razão para nos afastarmos dos dogmas tarológicos é que nenhum instrutor contemporâneo pode se arvorar em autoridade absoluta sobre o sentido e aplicação dos símbolos das cartas. Muitos estudantes acabam por complicar seus estudos querendo saber qual é a forma ‘certa’ de utilizar as cartas, quais são os ritos de embaralhar, de cortar, etc. Por analogia, contudo, é possível afirmar que não

existem normas absolutas e que, tal como no baralho comum, tudo depende das regras do jogo acertadas entre os participantes. É assim que jogamos de modos diferentes a canastra, o buraco, o pif-paf, o bridge, o truco, paciências. De fato, devemos aprender a definir nossas próprias regras de utilização das lâminas, em função do que estamos procurando compreender ou praticar. Sugestão nº 2: tome o Tarô como ferramenta simbólica com múltiplas e criativas utilidades: diagnósticos, prognósticos, aconselhamento, fonte de inspiração e de reflexão. Uma incompreensão freqüente resulta de experiências que muitas pessoas tiveram com alguns cartomantes, adivinhos ou paranormais em que predominava o clima sombrio e as previsões fatídicas. As cartas vão muito além dos vaticínios da cartomancia e das tentativas de adivinhação factual. Sugestão nº 3: se você tem estima pelos ritos ou orações prévias antes de uma sessão de estudo, recorra apenas ao que faz parte da sua familiaridade, da sua tradição religiosa. Não tem o menor sentido o praticante se converter a uma religião diferente, nem se submeter a gestos estranhos para utilizar as lâminas. O ‘Sábio Senhor do Tarô’ tem se mostrado aberto e acolhedor dos gestos espontâneos e genuínos, dispensando os formalismos. Sugestão nº 4: Evite seguir cegamente as receitas prontas indicadas nos sumários e ‘bulas’ que acompanham a maior parte dos jogos. É importante consultar diferentes fontes. Procure aprender com quem tem experiência e trate de cultivar a sua capacidade inata de estabelecer analogias, de pensar de modo simbólico e de alcançar as fontes interiores de inspiração. Confie na experiência, nos estudos práticos que depuram o conhecimento e que separam o imaginário do verdadeiro. (RIEMMA, 2012, s.p.)

Os tarólogos valorizam a transmissão do saber através de um mais experiente que o iniciante. Mas as pessoas nem sempre ficam apegadas a uma única referência, transitando por vezes entre profissionais que pertencem a vertentes distintas.

Ainda assim a eficácia do aprendizado reside na sua transmissão ‘via professor’ como característica dessa experiência, visto que ele acaba por assumir a posição de canal para que a ‘comunicação’ entre o iniciante e o tarô possa ser estabelecida. Visto por este ângulo, parece-me que se por um lado a ‘prática do jogo’ (relação aluno-tarô) constitui elemento determinante na formação do tarólogo, por outro lado, o lugar ocupado pelo professor também apresenta-se como fundamental: embora não possa transmitir, ensinar o ‘dom de ler’ as cartas, o aprendizado não pode alcançar êxito senão através da sua presença. (...) O aluno adquire a aptidão necessária para realizar um ‘bom’ jogo também através da apreensão racional: através das leituras e dos momentos em que o professor transmite seus conhecimentos e experiências adquiridos ao longo de sua trajetória. Porém, se o aluno investir somente nesta direção, perderá de vista seu horizonte de chegada: a habilidade da ‘leitura intuitiva’ (TAVARES, 1993, p.55-56).

“A versão final, própria a cada tarólogo, depende de sua área de interesse, da linha esotérica ou religiosa a que pertence e, fundamentalmente, de seu nível de compreensão” (RIEMMA, 2009D, s.p.)

De acordo com Leonardo Chioda, “Ser tarólogo é exercer uma função de poder. (...) Criamos uma história, ou várias, a cada arcano deitado. É nosso dever prezar pela legibilidade – de cada imagem para cada ouvido” (CHIODA, 2009, s.p.).

E o poder, segundo Pierre Bourdieu, pode ser observado na relação de autoridade-crença estabelecida na “relação de força simbólica entre os dois locutores” (BOURDIEU,

1983, p.161). A relação entre tarólogo e consultante só é possível porque o primeiro tem “a capacidade de se fazer escutar. A língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder” (BOURDIEU, 1983, p.161).

1.5 Os *decks* e seus símbolos

Existem centenas de *decks* (baralhos de tarô) sendo desenvolvidos principalmente nos Estados Unidos e na Europa. Conforme observei no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia, são vários os modelos e tipos de baralhos.

Imagem 1 - Mesa de *Decks*: 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia.



Fonte: Fotografia da pesquisadora.

Imagem 2 - Outros *Decks*



Fonte: Fotografia da pesquisadora.

Entretanto, Constantino Riemma (2012) destaca que a grande diversidade confunde os iniciantes, já que por vezes os símbolos são deturpados, pois nem sempre têm compromisso com os ensinamentos antigos. O tarólogo apresenta a carta “A Sacerdotisa” em oito baralhos, exemplificando o assunto:

**Imagem 3 - Oito exemplos do trunfo 2 “A Sacerdotisa”:
uma evidente contradição de sinais.**



Fonte: RIEMMA, 2012.

No alto, à esquerda, a carta do Tarô de Jean Noblet (1650), seguida dos desenhos do início do séc. XX: White (Rider), Crowley e, mais recente, o "egípcio" da Editora Kier.

Abaixo, da esquerda para a direita, representações da Sacerdotisa em alguns dos tarôs contemporâneos: de Manara, dos Santos, Aquarian e Salvador Dali.

Riemma (2010) considera que os tarólogos mais experientes podem ler qualquer tarô, tendo em vista que já assimilaram os significados das cartas. Entretanto, acredita que as reinvenções artísticas dos baralhos podem gerar equívocos interpretativos para aqueles que ainda não dispõem de tanto conhecimento. Sua recomendação, é que os

(...) interessados em estudar e compreender os ensinamentos contidos no Tarô, que comecem sua investigação pelos desenhos clássicos; estes possivelmente estão mais próximos da fonte e menos distorcidos pela subjetividade de artistas que nem sempre conhecem a amplitude de significados simbólicos das antigas figuras que se propõem a reinventar. Quanto aos manuais e livros sobre o Tarô, é bom lembrar que

só começaram a ser publicados nos últimos 200 anos. Nos séculos anteriores não circulava qualquer ‘manual de instrução’. As cartas talvez fossem entendidas de modo mais direto e seu sentido transmitido na convivência, de forma espontânea (RIEMMA, 2012, s.p.).

Existe um pressuposto de que todos os baralhos antigos estariam mais próximos da fonte. As cartas mais antigas que se têm notícia são do século 15: o baralho árabe Mamluk, o Visconti-Sforza, o Gringonneur, o Mantegna. O Mamluk era utilizado pelos guerreiros mamelucos e mais tarde tiveram suas cartas copiadas pelos europeus. Os baralhos Visconti-Sforza (1450), Jean Noblet (1650) e Marselha (1760) continuam sendo impressos até hoje.

Segundo Constantino, os baralhos contemporâneos são cópias ou reinvenções, tendo muitas vezes valor estético, artístico ou comercial, mas não o mesmo valor simbólico que os primeiros tarôs, carecendo de compromisso com a autenticidade deles, portanto.

Mas podemos levar em conta se tais jogos seguem o padrão tradicional (22 trunfos e 56 cartas de jogar) e qual o grau de proximidade com os registros históricos. É nessa área que podemos discutir baralhos como o de Wirth, Waite, Crowley, Osho, Mitológico e assim por diante. Finalmente existem jogos que nada têm a ver com tarô clássico, nem quanto à forma nem quanto à estrutura simbólica. Expressam o campo fértil da criatividade artística e das fantasias descompromissadas. Para eles não cabe o nome ‘Tarô’. São simples coleções de cartas montadas com os mais diferentes propósitos: mensagens, citações, coleções de figuras, anjos, santinhos etc. Aí, nada teremos a dizer do ponto de vista da estrutura original do tarô. Sob o nome ‘tarô’ existe de tudo. É por essa razão que sempre sugiro aos interessados em estudar o Tarô, que comecem pelos baralhos mais antigos, mais próximos da fonte. Compreendida a linguagem simbólica, a liberdade de escolha é que prevalece: cada um utilizará o jogo com o qual mais se simpatizar. Foi para ajudar a pensar o assunto e avaliar os diferentes pontos de vista que criei o site ‘Clube do Tarô’ (RIEMMA, 2010B, s.p.).

Ao discutir sobre o grande leque de opções de baralhos existentes, Giancarlo Schmid (2012, s.p.), aponta que a escolha de qual baralho utilizar não é isenta de consequências. Isso porque diz sobre a pessoa do tarólogo (suas preferências) e de algum modo afeta o consulente (positivamente ou não), através das imagens que surgem. Segundo Schmid (2012, s.p.), “O baralho é a ponte escolhida entre o taromante e o consulente, é importante que essa estrutura seja simpática, também, àqueles quem atenderemos”.

A imagem é mais contagiosa do que a escrita porque ela no lugar de dizer, mostra. (...) não haveria Cristo sem a imagem, nem pátria sem bandeira. A imagem movimenta as pessoas (...) Tendo uma eficácia simbólica lhe é atribuído um poder tal como o de idéia força, como de uma imagem-força que atinge nossa sensibilidade e pode ter o efeito de modificar nossa conduta e provocar sensações fortes dentro do corpo. O segredo da imagem é sem dúvida a força do inconsciente em nós (SCHMID, 2012, s.p.).

O tarô conta uma história. Espera-se que apesar de novas roupagens, todos os baralhos contem a mesma história. Mas não é o que parece. Cada baralho parece trazer uma narrativa distinta, que pode conter um teor erótico, de terror ou místico; inspirado em temas de filmes ou desenhos. Existem baralhos com representações de demônios, zumbis, espíritos, sombras, esqueletos e monstros. Alguns sugerem ações de magia, vudus, vampirismo e necrofilia. Outros dão ênfase a animais, árvores, flores, fadas, anjos, dragões, deuses ou até mesmo ilustrações dos músculos do corpo humano (que mais parecem retiradas de aulas de anatomia). Há aqueles relacionados a temas místicos ou gnósticos: Cabala, *Osho*, Orixás, *Graal*, *Iluminatti*. Também existem aqueles que se inspiraram em temas que têm estreita relação com a mídia: Senhor dos Anéis, Harry Potter, Hello Kitty ou Barbie.

Os baralhos são desenvolvidos por ocultistas, tarólogos ou pintores conhecidos (estes, geralmente sob encomenda).

O tarô carbônico, por exemplo, é um

(...) baralho nacional desenhado pelo magista Adriano C. Monteiro que utilizou lápis e carvão para criação dos 22 arcanos maiores, acompanhado por um livro do autor. Em tom preto e branco, suas imagens não são tão assustadoras, se não fosse pelo fato dos pequenos detalhes em vermelho terem sido pintados com sangue menstrual na arte original. É uma ode ao ocultismo (SCHMID, 2012, s.p.).

Saber que naquelas cartas tinham sangue menstrual incomoda porque “tal como a conhecemos, a impureza é essencialmente desordem” (DOUGLAS, 1976, p.6). E como Mary Douglas aponta, “a reflexão sobre a impureza implica uma relação sobre a relação entre a ordem e a desordem, o ser e o não-ser, a forma e a ausência dela, a vida e a morte. Onde quer que as idéias de impureza estejam fortemente estruturadas, a sua análise revela que põem em jogo estes profundos temas” (DOUGLAS, 1976, p.9). Temas estes que são tratados em vários arcanos do tarô.

Para alguns, o baralho a ser utilizado é uma questão de escolha. Para outros, nem tanto. Em sua iniciação ao tarô, Tavares (1993) conta que o primeiro baralho “(...) não deve ser fruto de uma aquisição material do iniciante, mas sim de uma oferenda, feita por uma pessoa amiga, e do sexo oposto. A posse do baralho, recebida em forma de dádiva, parece fazer alusão a própria natureza que configura o dom da ‘leitura’ das cartas” (TAVARES, 1993, p.51).

A etnografia realizada por Fátima Tavares refere-se a um segmento do tarô que diverge daquele apregoado pelos simbologistas. Isso fica evidente no gradual desenvolvimento da “intuição” que ela expõe e no “ritual de consagração do baralho”. Há

uma manipulação do tarô enquanto uma magia entendendo o baralho como algo pessoal, que não se empresta. Mas isso não é um consenso. Aliás, difícil mesmo é encontrar consensos neste universo.

1.6 O que “está em jogo” quando o jogo é aberto

Feita a escolha do baralho, vamos à leitura. Mas ainda não é tão simples assim. Muitas coisas “estão em jogo” quando um jogo é aberto, que vão além das convicções, crenças e os posicionamentos por eles acarretados.

Em diálogo postado em um fórum do site Clube do Tarô verifica-se outra divergência de propostas. De um lado, Constantino defende que os símbolos têm significados estáticos, ao contrário de Giancarlo, que entende que os símbolos se transformam (e evoluem) tanto quanto os humanos. Um exemplo disso dado por Schmid, é que “(...) não atribuímos HOJE a um arcano como "A Morte" apenas sua intenção simbólica original (morte física), a ponto de falarmos de transformações e rupturas, abordagem essa que não se utilizava antes do século XX. Isso significa que houve EVOLUÇÃO” (SCHMID, 2009B, s.p.).

Há tarólogos que compreendem o tarô como um instrumento mágico, enquanto outros não. Segundo Giancarlo Schmid,

O tarô reflete a nossa natureza, não existe tarô ‘mágico’ se não atribuírmos magia a ele. (...) [as cartas] são ‘chaves simbólicas’ de acesso à psique humana. (...) O tarô, mal comparando, seria como um microscópio para o biólogo: veículo para fazer enxergar o que está invisível a olho nu. Mas, isso não significa que o microscópio é que detém todo poder. É o meio, e não o fim (SCHMID, 2009B, s.p.)

O que Giancarlo defende é que o tarólogo é um intérprete que deve se responsabilizar pelo que faz: o que diz e como diz, bem como pelos possíveis erros de leitura.

Outra discordância entre tarólogos aparece no atendimento (ou não) das demandas que os consulentes apresentam. Segundo Riemma, as cartas de tarô não podem ser reduzidas a responder perguntas que levem a um simples "sim" ou "não". Isso porque, além de empobrecer a compreensão das questões, pode conduzir a um descompromisso e a uma falta de responsabilização do consulente com sua própria vida, que pode atribuir um significado estático às respostas encontradas. “(...) de um modo geral, cada carta do tarô é sempre afirmativa, pois descreve uma determinada qualidade, uma certa dinâmica, que está além do sim ou do não. É por essa razão que para realizar previsões com as cartas torna-se muito

importante a escolha das técnicas de tiragem, definir com clareza a função que cada carta terá na tiragem” (RIEMMA, 2009, s.p.).

Embora Constantino tenha esse posicionamento, no site criado por ele também há espaço para aqueles que não se recusam a utilizar das técnicas de tiragem que conseguem responder a tais perguntas binárias. As possibilidades são apresentadas e cada tarólogo lança mão do que lhe parece mais conveniente ou adequado.

Mas Constantino deixa clara sua concepção, segundo a qual

(...) as regras de leitura estão ‘abaixo’ da linguagem simbólica, pois foram todas inventadas muito depois de o Tarô ter sido colocado em circulação exotérica. (...) Portanto, o caminho é em primeiro lugar avaliar a consistência da técnica e depois, caso valha a pena, aprofundar o estudo. (...) É comum entre os tarólogos falarem em ‘métodos’ de leitura... Se formos rigorosos na linguagem nunca poderíamos falar de uma verdadeira ‘metodologia’, que aliás não existe na prática. O que encontramos são simples ‘técnicas’, procedimentos práticos, para fazer leitura. Acredito que a qualidade do resultado não é decorrência necessária da técnica de utilização, mas sim da qualidade do tarólogo (RIEMMA, 2009, s.p.).

Antes mesmo de o jogo ser aberto, o tarólogo oferece indícios que permitem ao consulente identificar sua procedência: formação e possível filiação religiosa. Isso pode ser observado pela forma de apresentação do tarólogo, bem como pelos seus trajes.

No que se referem às roupas coloridas, véus, xales e turbantes utilizados por muitos tarólogos, Abelard Gregorian questiona o seu uso, segundo ele desnecessário para a atuação, o qual considera como uma “propaganda com ‘embalagens chamativas’”. Também considera que os tarólogos devam apresentar seus nomes, dispensando pseudônimos comerciais. Em sua opinião, “a utilização de fantasias está relacionada à imitação das cartomantes ciganas. Trata-se evidentemente de um modo de pegar carona no prestígio que as mulheres da cultura cigana têm com relação à quiromancia e à cartomancia” (GREGORIAN, 2011, s.p.).

Esclarece que

Os nômades que na Europa passaram a utilizar o baralho como instrumento de mancia tinham e têm até hoje um relativo descompromisso com quem atendem, pois logo estarão longe. O *show-off* para atrair a atenção é um recurso compreensível quando se tem pouco tempo em cada lugar para obter o dinheiro desejado. As nômades se permitem atuar, portanto, de forma muito diferente das mulheres que vivem numa comunidade em que mantêm relações estáveis com os demais moradores (GREGORIAN, 2011, s.p.)

Há tarólogos que justificam a necessidade de vestes específicas devido a orientações de cunho místico ou religioso. Mas Gregorian discorda desta argumentação, pois entende que

os ritos religiosos são perpetuados através de uma hierarquia, na qual os mais experientes autorizam os mais jovens a participar de um determinado círculo de atividades.

Em tais contextos, a utilização de títulos e dos paramentos correspondentes tem um significado preciso e não são distribuídos a bel-prazer (...). As experiências místicas sempre foram examinadas pelos confessores e pelos mais experientes, antes de serem anunciadas como vivências genuínas do sagrado. Evita-se qualquer confusão com as energias psíquicas do mundo obscuro. É esse o caminho seguro para o verdadeiro contato com o sagrado não ser confundido com a subjetividade, com alucinação ou manipulações ocultas, por mais bem enfeitadas e charmosas que se apresentem. Concordo que é muito difícil, na prática, separar o joio do trigo, distinguir entre as pessoas sinceras e as mentirosas. Mas é sempre bom lembrar que se as forças obscuras recorrerem à sedução e às aparências para desviar a atenção, podemos confiar que a verdadeira ajuda do Alto não depende de uniformes (GREGORIAN, 2011, s.p.).

Como se trata de um tema controverso, várias opiniões referentes a este assunto são presentes que, dentre outros elementos, também considera a expectativa dos potenciais consulentes. Para melhor compreensão, a seguir, alguns destes comentários, “localizados na rede”:

Imagem 4 - Comentários de tarólogos sobre vestuário.



Priscila De Freitas Richter · Sócia Proprietária at Richter Academy

Sou taróloga e me visto normalmente. Muito bom seu post, Abelard.

Reply · Like · Follow Post · November 14, 2012 at 12:09pm



Danusa Freire · ★ Top Commenter

ABERLAD, O QUE ACONTECE É UMA QUESTÃO CULTURAL. VEJA BEM, SOU TARÓLOGA HA 20 ANOS AQUI NO RECIFE, PARTICIPEI DE FEIRAS MÍSTICAS. EU IA COM MINHA ROUPA NO ESTILO INDIANO, SEM MUITOS ADORNOS ATÉ PORQUE NA ÉPOCA EU NÃO TINHA DINHEIRO PARA ENFEITES VARIADOS E NUNCA GOSTEI MUITO DE APARECER COMO CIGANA SE NÃO SOU. MAS POR TER CABELOS LONGOS, MORENA, O POVO ME DEU O TÍTULO DE CIGANA, E PASMEM! ATÉ HOJE EU EXPLICO QUE NÃO SOU CIGANA HAHHAHA MAS O POVO NÃO QUER ME VER COMO MULHER COMUM. TEM OUTRA COISA, NÓS MULHERES QUE GOSTAMOS DE TARÔ, DE CARTAS CIGANAS, JÁ NASCEMOS GOSTANDO DO ESTILO INDIANO E CIGANO, GOSTAMOS TAMBÉM DAQUELES VESTIDOS DE ESPANHOLA, LEQUES, CASTANHOLAS, NÓS JÁ NASCEMOS COM ESSE GOSTO, É ALGO DA ALMA DA PESSOA. E AINDA TE DIGO MAIS, SE NUM EVENTO MÍSTICO APARECER UMA MULHER PARA JOGAR TARÔ VESTIDA DE CALÇA JEANS, SEM BRILHO, PODE TER CERTEZA QUE ELA NÃO VAI SER PROCURADA PELA SOCIEDADE, NINGUÉM VAI OLHAR PRA ELA. QUANTO AOS NOMES ESPIRITUAIS É UMA QUESTÃO DE MARKETING, SOMOS UM PRODUTO DA FANTASIA MÍSTICA DO POVO, DIZEMOS NOSSO NOME VERDADEIRO, MAS DIZEMOS O ESPIRITUAL QUE VEM DO MARKETING PESSOAL OU DE UMA VONTADE DA PRÓPRIA CARTOMANTE OU TARÓLOGA, TAMBÉM VAI DA VAIDADE FEMININA DE SE SENTIR UMA CIGANA CARMEM POR EXEMPLO... MUITAS VÊZES NÃO É PARA ENGANAR. CLARO QUE ESSES SITES TEM MUITAS GENTE QUE ENGANA, MAS POR OUTRO LADO EU QUE TENHO UM SITE, ME COLOCAR COMO MULHER COMUM SEM BRILHO AS PESSOAS NEM VÃO CONSULTAR, LÁ NO MEU SITE EU ESTOU DE MEDALHAS NA CABEÇA, COISA QUE EU AMO, MAS PODERIA NÃO TER, DAÍ A SOCIEDADE JÁ FAZ CARA DE DESPREZO. É ASSIM MEU QUERIDO A REALIDADE, MAS CABE A TARÓLOGA OU CARTOMANTE FALAR QUE NÃO É CIGANA, SE REALMENTE NÃO FOR E EXPLICAR O PORQUÊ DO NOME ESPIRITUAL, SE ELA USAR TAL NOME. UM ABRAÇO A VOCÊ E A TODOS!

Reply · Like · 2 · Follow Post · April 24, 2012 at 10:02am



Abelard Gregorian · Université Aix-en-Provence

Danusa,

sim, você dá o retrato de uma situação cultural que estimula a adoção de adornos e títulos, o que gera necessariamente um efeito muito forte sobre quem está na luta, tentando viver de suas habilidades com as cartas. Até para reforçar o que você diz, sinto que a receptividade feminina fica acentuada nas sensitivas, cartomantes e tarólogas que acabam "dançando conforme a música". E assim seria injusto fazer uma crítica unilateral às cartomantes, sem levar em conta as pressões sócio-culturais que pesam sobre quem oferece seus serviços.

A esse respeito, gosto de brincar com minhas amigas, que até o tormento dos saltos altos (que me parece um suplício imposto pela Inquisição) são naturalmente incorporados pelas mulheres, que nada reclamam dessa artificialidade que causa tantos transtornos anatômicos. Assim sendo, é fácil compreender que nenhum mal encontram as cartomantes em se vestirem com as roupagens esperadas e em adotarem o rótulo "cigano".

Mas, para mim, permanece a questão ética daqueles que se apresentam como "espirituais" e na verdade são meramente comerciais. Fico com o coração apertado quando vejo as pessoas se alimentarem e se gratificarem com artificialidades, quando o verdadeiro alimento fica fora de seu alcance ou simplesmente não é reconhecido. Pior ainda, com gente faturando em cima das carências, inventando histórias. Seja como for, Danusa, apreciei os seus comentários que ajudam a ampliar o tema.

Reply · Like · 1 · Follow Post · April 24, 2012 at 6:31pm

Fonte: GREGORIAN, 2011.

A respeito da mescla que vários profissionais fazem do tarô com seus princípios religiosos, Constantino dispensa tal junção sem, no entanto, deixar de orientar aqueles que valorizam o viés místico: “É a prática e a utilização frequente de um instrumento que lhe dá maturidade e não os rituais. Mas, se você é religiosa e vê sentido em se preparar desse modo, o bom senso recomenda a utilização dos ritos de sua própria religião, da expressão que lhe é mais espontânea, sem artificialidades” (RIEMMA, 2009B, s.p).

Apesar de respeitar a espiritualidade dos colegas tarólogos, Constantino questiona a ética daqueles que oferecem técnicas mágicas e "trabalhos" de manipulação da vontade alheia, o que lhe parece ir contra a autonomia dos indivíduos que sentem o impacto das magias.

1.7 O tarô não é (só) adivinhação: uma proposta terapêutica

Na obra “Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande” Edward Evans-Pritchard demonstra que a relação que os Azande estabelecem com os oráculos não é tão distinta da relação que tarólogos e consultentes brasileiros estabelecem com o tarô. Por isso, sugere-se aqui um breve paralelo entre “eles” e “nós”⁹.

Enquanto a consultente brasileira busca com mais frequência orientações para a vida afetiva, Evans-Pritchard revela que

O *zande* só consulta oráculos e adivinhos sobre a bruxaria quando sua saúde é afetada e em seus empreendimentos sociais e econômicos mais sérios. Em geral ele os consulta a respeito de possíveis infortúnios vindouros, pois está preocupado sobretudo em saber se determinadas empresas podem ser iniciadas com segurança, ou se já existe alguma bruxaria ameaçando-as mesmo antes de começadas (EVANS-PRITCHARD, 2005, p.64).

O primeiro ponto que merece atenção provém das diferenças de gênero. Embora a consulta aos oráculos seja uma prática comum para os Azande, é uma ação que denota status, sendo permitido às mulheres com restrições. Nem todos os oráculos podem ser manipulados por elas e aqueles que lhes são permitidos devem ter uso discreto e geralmente na própria residência. “O oráculo de veneno é uma prerrogativa masculina; trata-se de um dos principais mecanismos de controle masculino e uma expressão do antagonismo sexual” (EVANS-PRITCHARD, 2005, p.145). Dentre os Azande poucas mulheres tornam-se adivinhas e

⁹ Alguns paralelos entre “nós” e os inúmeros possíveis outros (“eles”) são problematizados por Emerson Giumbelli (2006). O autor destaca o cuidado que se deve ter com as comparações assimétricas que podem gerar falsas analogias. Os fundamentos das práticas, seu sentido nos termos da relação, em suas ontologias e em seus termos são norteadores na proposição de comparações simétricas.

quando são, têm participações públicas discretas, bem diferente das atuações ousadas dos homens. O que se observa entre brasileiros é o oposto. Aos homens não é negado o manejo e consulta aos oráculos, mas é visível (e ao longo desta pesquisa isso é demonstrado várias vezes) que elas estão mais presentes neste universo, tanto como profissionais como consulentes. Também Magnani observou que a presença da mulher no universo neo-esotérico é intensa, sugerindo que o perfil deste público “(...) é de classe média, adulto e majoritariamente feminino” (MAGNANI, 1999, p.110).

Dentre os Azande não há censura caso alguém mude de planos em função de previsões ruins. Bem verdade que os oráculos ocupam uma posição relevante para aquele povo – pode-se dizer proveniente de uma autoridade da tradição –, pautando decisões relevantes e explicando a causa de tudo o que foge à ordem. Assim, consultar os oráculos e adivinhos é o caminho para prevenir e resolver problemas de cunho prático e legal. Diferentemente, em nossa cultura, não é comum basear decisões estritamente nos oráculos. Mas isso não impede que vez por outra os consulentes fiquem pensativos diante as orientações recebidas, de modo que elas podem sim, influenciar e redirecionar suas decisões.

Quando os oráculos são questionados, a dúvida nunca recai sobre a veracidade do oráculo, mas sobre a forma como ele foi utilizado ou manuseado. Dentre os tarólogos, o questionamento recai sobre eles próprios, enquanto intérpretes que são. Assim, seriam eles que não estariam “conseguindo ler” o que as cartas têm pra dizer. Como todas as famílias Azande têm seus oráculos e eles os consultam com regularidade, todos são potenciais testemunhas para avaliar se os procedimentos necessários para a consulta estão adequados. Dentre nós, entretanto, trata-se de um conhecimento especializado, de modo que um grupo seletivo estaria apto a esta incumbência.

Em ambos os oráculos a previsão acontece através de atos mágicos. Quando os adivinhos Azande “dançam as perguntas”, dizem o nome daquele que embruxou o consulente e “lutam contra os poderes do Mal”, o fazem pelo poder mágico que possuem (EVANS-PRITCHARD, 2005, p.109). Na consulta ao tarô é a escolha das cartas que é considerada um ato mágico, independente se realizada pelo consulente ou pelo profissional. Mas cabe ao indivíduo, com o seu livre arbítrio, mudar (ou não) a realidade que vive.

Os Azande estabelecem uma relação direta entre os infortúnios e a bruxaria, sendo os oráculos os detentores “das vozes” que direcionam o diagnóstico e a intervenção mais adequados. Embora existam profissionais que associem os malefícios do consulente a algum feitiço, o que os tarólogos estão defendendo - e inclusive é observado em seu Código de Ética

-, é que a magia não deve estar associada a interpretação do tarô. Assim, entendem que a conquista do que se deseja deve ser obtida por mudanças de decisões, e não por “trabalhos”.

Nos Azande o dom da profecia dos adivinhos é ativado pelo uso de drogas ou inspirado por espíritos. Os tarólogos utilizam a intuição que aprendem a desenvolver juntamente com os conhecimentos simbólicos assimilados através de estudos e da própria “experiência de vida”. Existem aqueles que têm o poder da vidência e também contam com ajuda de guias espirituais, mas isso não seria pré requisito para a atuação. Em geral os tarólogos defendem que não são adivinhos, já que as respostas vêm por intermédio das cartas.

Dentre os Azande, as perguntas direcionadas aos oráculos têm respostas curtas, resumidas ao “sim” ou “não”. Também é usual que as perguntas sejam refeitas sucessivamente, até que a resposta esteja totalmente concluída. Daí que as previsões sejam demoradas. No tarô uma história é narrada a cada vez que uma carta é aberta. E apesar de que um volume grande de informações possa ser transmitido em uma única consulta, é comum que o atendimento tenha uma duração pré definida. Isto é comum, mas nem sempre é considerado “a ferro e fogo”, principalmente nos atendimentos presenciais. Durante o 4º Fórum Nacional de Tarô conversei informalmente com uma taróloga que me disse que já ultrapassou o tempo algumas vezes porque a consulente precisava desabafar e chorava muito. Sendo assim, ela entendeu que a consulta duraria “quanto tempo fosse necessário para a pessoa”.

Os Azande têm tabus que, uma vez ignorados, impedem a eficácia das previsões, tais como: ter relações sexuais com mulheres, fumar haxixe ou ingerir alguns alimentos proibidos nos últimos dias antes da consulta. Aparentemente os tarólogos não têm tabus, mas alguns deles dão atenção diferenciada a realização de procedimentos anteriores às consultas, tais como: fazer orações; ter na mesa objetos que remetam aos quatro elementos (que podem ser representados por uma vela acesa, cálice, espada e moeda); uso de quartzo para “distribuição energética” ou gráficos de radiestesia para a sua proteção. Enquanto os Azande tomam precauções para evitar que o contato de uma pessoa impura com o oráculo destrua sua potência, os tarólogos adotam procedimentos para purificar a energia e, conseqüentemente, preparar melhor o ambiente para as leituras ou para a sua proteção, pois entendem que o contato com o consulente pode desequilibrá-los, sendo danoso para eles mesmos. Quando os tarólogos não fazem tais procedimentos não há comprometimento na eficácia das consultas, embora sua observância aprimore os resultados ou minimize as conseqüências de ficarem “carregados por energias negativas”.

No que tange a postura do tarólogo frente ao consulente, Riemma (2009) questiona qual é a conduta mais adequada: adivinhar situações ou se dedicar a amenizá-las e quem sabe evitá-las? Deve o tarólogo fazer uma previsão mais acertada possível (sem se preocupar com as repercussões da adivinhação no consulente); ou agir na situação, no intuito de preparar o consulente para enfrentar o futuro que lhe espera? Segundo ele, na escolha da primeira opção, o tarólogo é premiado com o reconhecimento de “ser bom” naquilo que se propõe a fazer. Na segunda opção nem sempre isso ocorre, mas o tarólogo tem o reconhecimento interno por ter contribuído para o consulente “reverter tendências negativas e ganhar novos rumos de crescimento”. Aponta, portanto, um dilema ético, o que seria mais adequado e prudente.

Segundo Giancarlo Schmid, “apresentar o futuro sem capacitar o consulente, é o mesmo que enviar alguém a uma viagem sem mapa e destino” (SCHMID, 2009B, s.p.).

Os tarólogos, semelhantemente aos psicólogos, são procurados em momentos de aflição e geralmente os leigos buscam em ambos as respostas (receitas) para o “sucesso” em suas vidas. Schmid (2012) esclarece que a proposta de um tarô terapêutico não substitui uma psicoterapia, sendo uma oportunidade de autoconhecimento e prevenção de problemas que o indivíduo poderia ter, caso não se dispusesse a refletir e superar suas dificuldades. Defende, ainda, que não se trata de uma aproximação com o discurso científico:

(...) O uso do tarô, nesse caso, não é afixado, como muitos supõem (erroneamente), ao ato científico; não há interesse do tarólogo-terapeuta tornar sua prática reconhecida nos meios acadêmicos, apenas há a preocupação em gerar resultados que façam seus próprios consulentes constatarem o bom resultado do atendimento. O bom oraculista, hoje, não deve apenas apontar para onde segue o futuro - deve, antes de qualquer coisa, preparar o consulente bem para o presente; conscientizar (educar) o consulente sobre as escolhas que fez (e faz); estimular o indivíduo ao autoconhecimento para que a leitura não seja uma muleta e sim, uma catapulta para alavancamento pessoal; dizer a verdade de forma cuidadosa, pois o trabalho não deve ser fatalista e sim, um meio para a compreensão maior das crises e dificuldades. Não alimentar nem falsas esperanças e nem empurrar o consulente para o abismo é o ‘caminho do meio’. O trabalho terapêutico com o tarô é, antes de mais nada, um ato libertador. É fazer entender que não há melhorias se não ocorrerem alterações nas atitudes pessoais. O grande amor não virá se não entender a má relação com um dos pais ou; o sucesso profissional não acontecerá se o indivíduo continuar se vendo como um fracassado. São algumas premissas para o grande salto de consciência (SCHMID, 2012, s.p.).

Para além de responder perguntas que levam ao “sim” e “não”, Schmid (2012) entende que as questões dos consulentes podem ser ampliadas, no intuito de levá-los a pensar sobre suas relações com as pessoas e consigo mesmo.

Ao tecer comentários sobre a relação entre tarólogo e consulente, Schmid (2012) aponta as posturas consideradas adequadas na condução e manejo das consultas. Propõe um

atendimento em que o tarólogo saiba escutar o consulente, mas que também diga o que é “necessário”. Cabe ao tarólogo, portanto, ponderar o que e como dizer, estando ciente da sua responsabilidade com o serviço prestado e com a pessoa que o procura.

Quem tem medo de dar um ‘puxão de orelha’ em quem atende, certamente não conseguirá realizar um trabalho proveitoso. As pessoas não nos pagam para ouvir o que querem e sim, o que precisam. Enfeitar a leitura com falas bonitas, enaltecendo apenas as qualidades do consulente e seus feitos, é o mesmo que mantê-lo em estado de inconsciência, totalmente infantil. Ou seja, elogios feitos de forma inapropriada podem reforçar comportamentos equivocados e até o temperamento difícil de alguns. Oferecer saídas para determinadas situações sem participar o consulente dos seus esforços é o mesmo que oferecer segurança em algo que a responsabilidade pessoal deve falar mais alto. É preciso frisar que o problema continua sendo dele (e não nosso), cabe a nós apenas auxiliá-lo em sua superação. O excesso de carência em ser ouvido torna o consulente alvo fácil de manipuladores. Um tarólogo pode ser considerado bom apenas porque percebeu a vulnerabilidade do outro e decidiu explorá-la, arrancando do consulente informações cruciais para desenvolver a consulta (SCHMID, 2010, s.p.).

Com esta fala o tarólogo evidencia ainda mais uma proximidade com o discurso psicológico (e psicanalítico): aproxima o consulente a uma criança a quem se deve ter o cuidado de como dirigir a palavra, sem perder de vista que ela precisa ser conduzida para conquistar sua emancipação. Note-se que o fato dele visualizar o consulente semelhante a uma criança não significa direcionar um olhar pejorativo sobre ele. Explicando em linguagem psicanalítica, seria como dizer que para que a análise aconteça, a transferência é um pré-requisito essencial. E a relação que o paciente estabelece com o profissional contém elementos de enamoramento, profunda admiração e confiança que por vezes o faz enxergar o outro (que pode ser psicólogo, tarólogo, professor, etc.) de modo idealizado, como se fosse um ser perfeito e completo. Nesta relação, qualquer outro pode se tornar Outro, grande outro. Para Freud, a primeira vez que o ser humano vivenciou isso foi com os seus pais ou com aqueles que exerciam essa função. A relação transferencial analítica, portanto, traria reminiscências dessa relação anterior, ainda infantil. Mas nem por isso seria algo “primitivo” ou “inferior”, apenas primário. Ou seja, a relação transferencial analítica reproduz a primeira relação de apaixonamento e de cuidado, daí a importância de saber manejá-la para que realmente seja terapêutica. Do contrário, tem-se o risco de apenas manter o sujeito na mesma posição que ele se encontra.

Retornando à fala do tarólogo, observa-se que ele sugere que existam diferenças entre o que as pessoas “querem” e o que de fato “precisam”. Novamente utilizando uma linguagem psicanalítica, pode-se dizer que existe uma constante luta entre as pulsões de prazer e

satisfação (id) e a instância que raciocina e avalia as consequências dos atos (ego). Neste contexto, seria o oráculo o detentor do saber e o tarólogo um intérprete mensageiro. Quanto ao cuidado que se deve ter com a mensagem, há um alerta para o estado de fragilidade que alguns consulentes se encontram e uma defesa ao exercício da ética neste meio. Baseado no rosacruccionismo¹⁰, Schmid cita que uma imposição interpretativa pode gerar um envenenamento mental, o que seria muito danoso ao consulente.

Trata-se de uma programação mental negativa através da qual o indivíduo se torna escravo (por temor ou insegurança) da informação, crendo de tal forma nesta que será capaz de materializar o quadro. (...) O oraculista ganha 'poder' por considerar-se 'dono do destino' do consulente, gerando dependência por parte deste. Quanto maior o medo do consulente, maior será a angústia em obter determinadas respostas (aumentando a procura) e, conseqüentemente, maior será a influência do praticante perante aquele que consulta (SCHMID, 2009A, s.p.).

Defende que as leituras de cartas devem evitar o fatalismo, o que pode gerar uma paralisação do indivíduo, que ficaria imobilizado pelo medo. Sua cosmovisão considera o livre arbítrio e um futuro que está sendo construído permanentemente:

Previsões normalmente são passíveis de mudanças. Aquele que crê que o futuro está totalmente delineado, escrito, está equivocado. Nossas ações e decisões no agora constroem o nosso futuro, basta que conscientemente sejamos capazes de assumir a nossa vida e dispor-nos a mudar. Quem prevê o futuro sem dar a liberdade de escolha ao consulente está roubando-lhe a liberdade de ser e também, de ter (SCHMID, 2009A, s.p.).

O tarólogo aponta que o zelo com a linguagem utilizada pode ser considerado importante tanto pelo viés terapêutico quanto pelo viés mágico, já que palavras mal ditas podem acarretar em (um intencional ou não) envenenamento mental. Lévi-Strauss, em "A eficácia simbólica" (1991), ilustra o inverso: o uso da linguagem a favor da cura, ao apresentar um xamã em combate a espíritos maléficos e monstros sobrenaturais que acometem uma parturiente indígena. Naquele caso, as falas do xamã narram cada gesto seu na luta contra o mal, os quais permitem a vivência mítica da paciente, além de sua contribuição na própria cura, pelo estado de espírito que assume e ao repetir as frases que lhes são ditas.

O fato de a mitologia do xamã não corresponder a uma realidade objetiva não tem importância, pois que a paciente nela crê e é membro de uma sociedade que nela crê. Espíritos protetores e espíritos maléficos, monstros sobrenaturais e animais mágicos fazem parte de um sistema coerente que funda a concepção indígena do universo. A

¹⁰A ordem Rosacruz é uma organização mística que se denomina herdeira de tradições antigas, associadas a mistérios do Antigo Egito.

paciente os aceita ou, mais precisamente, jamais duvidou deles. O que ela não aceita são as dores incoerentes e arbitrárias que constituem um elemento estranho a seu sistema, mas que o xamã, recorrendo ao mito, irá inserir num sistema em que tudo se encaixa. A paciente, tendo compreendido, faz mais do que resignar-se, ela fica curada. (...) O xamã fornece a sua paciente uma *linguagem* na qual podem ser imediatamente expressos estados não-formulados, e de outro modo formuláveis. E é a passagem para essa expressão verbal (que ao mesmo tempo permite viver de forma ordenada e inteligível uma experiência atual, mas que sem isso seria anárquica e indizível) que provoca o desbloqueio do processo fisiológico, isto é, a reorganização, num sentido favorável, da sequência de cujo desenrolar a paciente é vítima (LÉVI-STRAUSS, 1991, p.213).

De acordo com algumas discussões entre tarólogos às quais tive acesso, as palavras têm poder tanto de sugerir, quanto de envolver energeticamente. O saldo de tal “poder” pode ser tanto positivo quanto negativo. Por isso é importante proteger os ouvidos e lábios.

Sônia Maluf (2005) aponta que no tarô, assim como em outras situações terapêuticas “(...) há um processo narrativo formado pela transposição de uma linguagem para outra” (MALUF, 2005, p.514). Isso porque no decorrer das consultas as pessoas recebem “respostas” ou explicações para suas inquietações e com elas podem formular novos sentidos para os acontecimentos de sua vida. Um exemplo disso é que no meio esotérico em geral, as dificuldades são entendidas como oportunidades de aprendizado ou de “crescimento”. Assim, os consulentes/“pacientes” que são atendidos sob esta ótica provavelmente serão conduzidos a entender as situações deste modo. Mas Maluf (2005) também aponta que as cartas de tarô podem agir como instrumentos de mediação simbólica tanto quanto outros instrumentos ou técnicas utilizadas em terapias convencionais. Ela explica que as cartas de tarô

(...) funcionam, segundo a linguagem dos praticantes, como um canal de comunicação entre o indivíduo e suas vivências interiores, inconscientes, passadas, reprimidas. O contato com essas dimensões seria já uma forma de cura. (...) Os símbolos e as imagens não possuem valor em si, mas existem enquanto contexto que dá um novo sentido à narrativa do paciente. Eles ganharão, por seu turno, um novo significado graças à interpretação do terapeuta. Nesse processo, operam conflito e negociação de sentidos, não tendo os símbolos multivocais, um significado pré-estabelecido (MALUF, 2005, p.514).

A interpretação das cartas será sempre contextual à posição que aparece no jogo e também situado na história de vida do consulente. São suas narrativas pessoais que fornecerão conteúdo para que os arcanos transmitam suas mensagens. Assim, a interpretação tarológica enquanto ação do trabalho terapêutico corresponde a um diálogo entre mitos coletivos e individuais, sendo o sentido das imagens construído caso a caso (MALUF, 2005).

Em linguagem nativa é comum ouvir dizer que as cartas de tarô são lidas como um texto. Com isso, os profissionais também afirmam que têm um conhecimento especializado,

já que nem todos estão alfabetizados para a leitura deste tipo de manuscrito. Também é comum ouvir dizer que nem sempre o oráculo “diz” sobre o que lhe foi perguntado. Daí afirmarem: “o tarô diz o que o consulente precisa ouvir, não o que deseja”. Isso porque várias pessoas buscam o oráculo para embasar atitudes que pretendem ter, como reafirmação das próprias vontades. O que é frisado dentre os tarólogos, é que existe um hiato entre as perguntas e as interpretações, que precisa ser preenchido com um diálogo franco. Para tanto, precisam minimamente, “falar a mesma língua”. A intervenção terapêutica, neste caso, além de demandar compreensão e decodificação simbólicas, pressupõe uma proximidade tal do “paciente” que permita ao profissional construir com ele os seus sentidos e possibilidades diante dos empecilhos internos e externos. Um destes impedimentos pode estar relacionado à divergência de interesses do consulente e do profissional diante do tarô. O que alguns tarólogos reclamam é que nem sempre os consulentes estão dispostos a se colocar “a trabalho”. Trabalhar, nesse caso, pressupõe um exercício contínuo de auto aprimoramento pessoal (e espiritual). É disso que os tarólogos se queixam quando alegam que as pessoas estão mais apegadas à função adivinhatória do oráculo ao invés de vislumbrarem as possibilidades de uma lógica terapêutica.

Como Maluf frisa, “(...) um trabalho ritual ou terapêutico dificilmente terá continuidade se, além da linguagem e da experiência sensível, os participantes não compartilharem valores e sentidos, mesmo que isso se dê de forma não linear e em diferentes graus” (MALUF, 2005, p.511). Quando o consulente busca pelo tarólogo, geralmente ele quer respostas. Acontece que a terapia propõe perguntas. A queixa dos profissionais revela que em alguns momentos consulentes e tarólogos não se entendem porque não estão falando a mesma língua. Provavelmente por isso observa-se pela internet tantas recomendações e “dicas” voltadas aos consulentes.

2 A CIBERCULTURA E OS SEUS DESDOBRAMENTOS NO MUNDO DO TARÔ

2.1 A cibercultura e a *web 2.0*

Desde o fim de 1970 há um desenvolvimento crescente na informática. Com a criação do *Personal Computer* (PC) e depois com a expansão das tecnologias de redes que permitiram a constituição da *web*, temos uma redefinição dos espaços sociais. De um tempo sem internet para uma internet “fixa” a um aparelho “preso” a um lugar físico, atualmente ampliamos nossas possibilidades com a tecnologia de internet móvel (*wireless* e 4G), juntamente aos equipamentos cada vez mais sofisticados. Trata-se de um novo momento.

O amplo uso de dispositivos móveis cada vez mais substitui os “antigos” computadores de mesa. As palavras de ordem deste momento são: mobilidade, praticidade, rapidez. Contas pagas, contatos e trabalhos profissionais feitos, amores desfeitos. Com tanta versatilidade que a *web* proporciona, era esperado que seu uso fosse cada vez mais adotado em várias (senão em todas) as esferas da vida.

Cada vez mais nossos escritos de papel são substituídos por arquivos digitais, que inclusive não mais precisam de mídias de armazenamento móveis (que estabelecem “lugares”, como os CD’s, pendrives, HD’s externos, etc.); pois podem ser guardados, exibidos, editados e compartilhados nas nuvens¹¹.

Até mesmo o diálogo pode ser “enriquecido”, uma vez que o interlocutor pode consultar a internet para enviar um texto, música, imagem ou informação a qual não se lembra; cobrindo lacunas que poderiam existir caso contasse “apenas” com a sua memória. Bem diferente das cartas do passado, as conversas através da internet estabelecem uma expectativa de resposta rápida, quanto mais imediata, melhor. Tem-se aqui a exigência de que o outro esteja sempre conectado, preparado, a postos para responder qualquer *email*, *WhatsApp*, *post*, comentário ou cutucada. E o fato de não estar sempre conectado não é bem aceito, sendo geralmente julgado como desinteresse em relação ao interlocutor.

Pierre Lévy alerta para o fato de que a “invenção de novas velocidades é o primeiro grau da virtualização”, seguidas de uma mudança na forma de se relacionar com o tempo e o espaço (LÉVY, 1996, p.24).

¹¹ Do inglês “*cloud computing*”, a proposta da computação em nuvens é a de armazenar arquivos na internet, de modo que eles possam ser exibidos somente para o usuário ou também para aqueles que ele permitir o acesso. A principal vantagem disso é a abolição de um armazenador físico, facilitando o acesso e divulgação de arquivos.

As necessidades mudaram. Antes precisávamos de memória cerebral para reter informações e lembranças. Atualmente precisamos de nuvens e dispositivos móveis com boa capacidade de memória. Agora são eles que guardam nossas informações, fotos, vídeos. E se no início do uso dos computadores as informações partiam da vida cotidiana para a tela, atualmente observa-se também o movimento inverso. Existem empresas virtuais que atendem sua clientela assim, sem a exigência de um espaço físico e os custos que isso representa. Há também casos de realidades que se apresentam “somente” no mundo virtual. Alguns exemplos são a banda *Gorillaz*¹², a moeda *Bitcoin*¹³, a realidade *Second Life*¹⁴,

Antes, a utilização da rede era fundamentalmente instrumental, isto é, ela era usada principalmente como instrumento para atividades – por exemplo, colheita e difusão de informação, tratamento e transmissão de dados, textos, sons ou imagens, pesquisa e aprendizado –, quando não era usada como um cômodo meio de consumo. Agora, a ênfase nos operadores de participação coletiva e de colaboração entre os indivíduos tem feito com que os traços fortes de uma *web instrumental* se atenuem em benefício dos de uma *web social*. (...) A perda de vigor do utilizador passivo da web de primeira geração dá oportunidade à manifestação de um agente característico da web 2.0, ou seja, menos utilitarista e mais interativo, participativo, colaborativo (SANTOS, CYPRIANO, 2014, p.66).

A *World Wide Web* (conhecida como a *web*) não é sinônimo de internet, mas é a parte mais proeminente dela. “Teia mundial”, pode ser definida como um sistema tecnossocial para fazer interagir os seres humanos baseados em redes tecnológicas. A *web* foi elaborada por Tim Berners-Lee em 1989 e o primeiro navegador através do qual foi possível estabelecer comunicação com a *web*, foi desenvolvido em 1990. A *web* 1.0 foi a primeira geração, momento em que o usuário somente podia ler informações que as empresas transmitiam. Era estática e mono-direcional. A partir de 2004 surge a *web* 2.0, definida por Dale Dougherty enquanto uma *web* participativa e bi-direcional. Com ela o usuário pode ter uma vida social na rede, gerenciando informações, interesses, interações. Pouco tempo depois, em 2006, John

¹² Trata-se de uma banda virtual de rock composta por quatro integrantes. Os seus clipes são no formato de animação, e a banda se destaca em vários países pela expressiva vendagem dos discos.

¹³ É uma moeda virtual que “permite propriedade e transferências pseudo-anônimas de valores. *Bitcoins* podem ser *salvas* em computadores na forma de um *arquivo carteira*, ou em *serviços de carteira* provido por terceiros; e em ambos os casos *bitcoins* podem ser enviadas pela internet para qualquer lugar ou para qualquer pessoa que tenha um *endereço de Bitcoin*. A topologia P2P da rede *Bitcoin*, e a ausência de uma entidade administradora central torna inviável que qualquer autoridade, governamental ou não, manipule o valor de *bitcoins* ou induza inflação “imprimindo” mais notas. No entanto, grandes movimentos de procura podem fazer com que o seu valor aumente no mercado de câmbio. (...) Embora tenha apenas formato digital, uma *bitcoin* não deixa de ser considerada um ativo, no sentido econômico do termo”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bitcoin>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

¹⁴ Entretenimento que apresenta um mundo virtual, onde o indivíduo pode criar o seu personagem e interagir com outros participantes.

Markoff popularizou o termo *web* semântica, referente a *web* 3.0. Esta tenta vincular, integrar e analisar dados de vários conjuntos de dados para obter novo fluxo de informação. Aperfeiçoa a gestão de dados e ajuda a organizar a colaboração na *web* social. O seu principal objetivo é tornar a *web* legível por máquinas e não apenas por seres humanos. Finalmente, a *web* 4.0 ainda é uma ideia em andamento, sem definição de data para começar. Chamada de *web* simbiótica, propõe a interação entre homens e máquinas em simbiose, sendo uma *web* inteligente, de inteligência artificial (AGHAEI; NEMATBAKHS; FARSANI, 2012, tradução minha).

Embora alguns defendam que a *web* 3.0 já esteja acontecendo, o que não há dúvidas é do quanto a *web* 2.0 é muito presente no cotidiano dos internautas. Cada uma delas traz propostas distintas: não se trata de substituição, mas de coexistência das tecnologias, o que implica em reorganização. A *web* 1.0 foi e continua sendo um instrumento importante. Mas muito do que é possível executar hoje na internet é devido à abertura relacional promovida pela *web* 2.0.

O *Google*, a *Wikipedia*, o *YouTube*, as redes sociais, os aplicativos de celulares são apenas alguns exemplos do que foi possível construir com a mudança de paradigma provocada pela *web* 2.0.

Na internet tudo parece ser mais fácil e mais rápido. Perguntando ao “senhor” *Google*, por exemplo, tudo é respondido. Através de termos exatos ou aproximados, a ferramenta de busca propõe uma lista de resultados. Bem verdade que em alguns momentos o *Google* extrapola ao que nele foi pesquisado. Mas são tantos os sentidos possíveis que se pode atribuir a cada termo, de modo que este grande banco de dados especializado precisa de filtros, direcionamentos.

Durante muito tempo as pessoas viveram sem o *Google*, ele ainda é apenas um jovem de 17 anos. Mas atualmente quase nada se faz sem ele. Tornou-se professor, médico, guia turístico, jornalista, informante acadêmico, orientador religioso. Pode ser tudo isso e muito mais. Considerando que ele gerencia as informações que estão disponíveis na rede, teve seu campo de atuação ampliado porque toda a rede: os *sites*, *blogs* e redes sociais também cresceram.

Com a *Wikipedia* há uma nova forma de apresentar a informação: além de uma enciclopédia acessível, ela passa a incentivar a coautoria. Pressupõe que todos sabem algo que pode ser utilizado para enriquecer o significado de um termo e dá “poder” a todos para editar as informações que abriga.

Sendo também uma proposta de busca que não dispensa a lógica participativa é a aposta do *YouTube*. Nele, um fenômeno que vem crescendo são os *youtubers*, pessoas que se tornam famosas por terem um canal que periodicamente é alimentado com vídeos e *podcasts*. Fato é que a televisão tem se desestabilizado muito com tudo isso. Ao contrário da postura passiva do telespectador de outrora, o internauta propõe sua própria grade, como e onde quiser. E mais, caso queira, ele mesmo pode “se oferecer” na programação de outras pessoas.

Diante das características de abertura a colaboração: a liberdade para adicionar, editar e enviar informações, André Lemos (2004) sugere que a dinâmica relacional dos indivíduos com a *web* corresponda a uma cultura “*copyleft*”. Diferente da corrente unidirecional predominante na cultura “*copyright*” (de massa), tão difundida pelo rádio e pela televisão, a cultura “*copyleft*” viria não para substituir, mas para reorganizar a anterior. Ao invés de uma lógica de “um para todos”, a cibercultura demonstra que as informações podem circular de “todos para todos”, o que é possível com a redução da “lógica proprietária”, acumulativa e do segredo.

Segundo Tim O'Reilly, “as empresas que tiveram sucesso na era da *web* 2.0 foram aquelas que entenderam as atuais regras do jogo ao invés de tentarem voltar para as regras da época do software PC” (O'REILLY, 2005, s.p., tradução minha). A *web* 2.0 traz um novo princípio: a “arquitetura da participação”, entendendo que os serviços ficam melhores quanto mais pessoas utilizam deles.

Certamente o acesso ampliado da *web* também contribui para que essa participação seja efetiva. Hoje é comum ter internet na palma da mão. A mobilidade é um facilitador para que todos, inclusive dormindo, permaneçam conectados.

O uso intenso e cotidiano da internet possibilitou novas formas de vida, sociabilidade e interação. “Compromissos com” e “sem rosto” são estabelecidos a todo instante (SANTOS, CYPRIANO, 2014).

Considerando os relacionamentos que acontecem na internet, observa-se que ela estreitou laços afetivos que se encontravam distanciados e proporcionou a criação de novos vínculos. Tornou-se um espaço privilegiado para a expressão humana em suas múltiplas faces, sejam elas de ordem familiar, profissional, partidária, religiosa, artística ou cultural. Espaço em que os indivíduos se mostram e se exibem diante de pares e opostos, sendo também palco de muitas discordâncias e embates.

Por tudo isso, a internet pode ser utilizada como uma ferramenta e ao mesmo tempo como um rico campo para pesquisas. Pode ser útil como instrumento para coleta e triagem de

dados, quanto pode ela própria ser um tema de estudo, considerando que se trata de um fenômeno social. Os pesquisadores que têm a internet como objeto têm vários aspectos possíveis a considerar: as inovações tecnológicas e seu mercado, suas múltiplas formas de uso, as linguagens adotadas neste meio, as novas formas de sociabilidade que a internet desperta, bem como a necessária reflexão sobre as diversas consequências de seus usos e abusos. “Cada pesquisador faz perguntas distintas que destacam ou escondem vários aspectos da Internet” (MARKHAM, 2008, p.455, tradução minha).

Sendo reconhecida como um espaço fértil de pesquisas, faz-se necessário o questionamento sobre quais seriam as posturas éticas adequadas para este cenário tão desterritorializado. Por isso um importante documento foi desenvolvido por membros da *Association of Internet Researchers* (AoIR). Este foi o primeiro guia ético internacional e interdisciplinar, sendo publicado no ano de 2002. Suas orientações surgiram a partir de uma série de diálogos entre pesquisadores enfrentando e resolvendo questões éticas nas pesquisas de internet. Dez anos depois foi publicada uma nova versão, intitulada *Ethical Decision-Making and Internet Research Recommendations from the AoIR Ethics Working Committee (Version 2.0)*; cujas considerações e perguntas norteadoras serviram como guia nesta investigação.

Neste documento, Markham e Buchanan (2012) frisam que nenhum conjunto de diretrizes ou regras é estático, ainda mais quando o campo de pesquisa é tão dinâmico e heterogêneo quanto a internet.

The internet is a social phenomenon, a tool, and also a (field) site for research. Depending on the role the internet plays in the research project or how it is conceptualized by the researcher, different epistemological, logistical and ethical considerations will come into play. The term ‘Internet’ originally described a network of computers that made possible the decentralized transmission of information. Now, the term serves as an umbrella for innumerable technologies, devices, capacities, uses, and social spaces. Within these technologies, many ethical and methodological issues arise and as such, internet research calls for new models of ethical evaluation and consideration (MARKHAM; BUCHANAN, 2012, p.3).¹⁵

¹⁵ “A internet é um fenômeno social, uma ferramenta, e também um site (campo) para a pesquisa. Dependendo do papel que a Internet desempenha no projeto de pesquisa ou como ele é conceituado pelo pesquisador, diferentes considerações epistemológicas, logísticas e éticas vão entrar em jogo. O termo ‘Internet’ originalmente descreve uma rede de computadores que tornaram possível a transmissão descentralizada de informações. Agora, o termo serve como um guarda-chuva para inúmeras tecnologias, dispositivos, capacidades, usos e espaços sociais. Dentro destas tecnologias, muitos problemas éticos e metodológicos surgem e, como tal, a investigação na internet exige novos modelos de avaliação ética e consideração” (MARKHAM; BUCHANAN, 2012, p.3, tradução minha).

É por isso que elas sugerem que as questões éticas sejam discutidas e resolvidas em cada etapa do processo de investigação, desde o planejamento da pesquisa, durante sua realização e depois dela, na publicação e divulgação dos resultados obtidos. Uma vez que algumas questões tenham sido resolvidas, gradativamente novos dilemas éticos vão surgir, sendo importante considerar as necessidades específicas de cada caso.

We emphasize that ethical concepts such as harm, vulnerability, respect for persons, and beneficence are not just regulatory hurdles to be jumped through at the beginning stages of research, but concepts that ground ethical inquiry. As such, they should be assessed and considered throughout each stage of the research. Multiple judgments are possible, and ambiguity and uncertainty are part of the process. (MARKHAM; BUCHANAN, 2012, p.5)¹⁶.

Uma dificuldade citada pelas autoras está relacionada à definição do que pertence ao domínio público e privado. Isso porque as pessoas podem reconhecer que alguns espaços virtuais sejam públicos, mas manter expectativas de privacidade. Com isso, torna-se um impasse dizer, por exemplo, se um *blog* é um espaço público ou privado.

(...) as práticas de diluição entre o público e o privado, [estão] tornando o diário íntimo acessível a quem queira saber mais sobre a vida real de quem a escreve. (...) Os blogs são manifestações que destacam o princípio da privacidade, princípio este que vem sendo desconstruído neste mundo povoado de *webcams*, *realities shows*, *chats* e tantos outros mecanismos de verificação da vida real (MENDES, 2008, p.192).

Em tempos de internet, situações em que há declarado desejo de exposição coexistem com situações de descuido e/ou de violação de direitos. Um caso de descuido, por exemplo, foi o vídeo do garoto Nissim Ourfali, viralizado em 2012. Embora a família tenha processado o *Google* para remover o vídeo do *YouTube*, não obteve êxito. E aquilo que deveria ser visto apenas pela família e alguns amigos próximos, se tornou acessível a um público muito maior do que o desejado, gerando constrangimento com comentários e paródias. Ironicamente, ao mesmo tempo em que o ciberespaço é um local efêmero e provisório, também consegue ser um guardião de informações, sendo veículo perpetuador de correntes.

¹⁶ “Nós ressaltamos que conceitos éticos, como o dano, a vulnerabilidade, o respeito pelas pessoas, o quanto a pesquisa beneficia os envolvidos, não são apenas obstáculos regulatórios em cada etapa da pesquisa, mas os conceitos que fundamentam a investigação ética. Como tal, eles devem ser avaliados e considerados ao longo de cada fase da pesquisa. Vários julgamentos são possíveis, e a ambiguidade e a incerteza fazem parte do processo”. (MARKHAM; BUCHANAN, 2012, p.5, tradução minha).

Certos ambientes de interação também facilitam uma sensação de anonimato. Estes ambientes podem permitir que os participantes falem mais livremente, sem restrições trazidas por normas sociais, costumes e convenções.

Segundo Suler, “a Internet é um espaço psicológico, que favorece a exploração pessoal e grupal de emoções e identidades, capaz de criar novos comportamentos, propiciando inclusive o desenvolvimento de maior confiança entre as pessoas” (SULER citado por AMARAL, 2011, s.p.). Para Storch, “em busca de aprovação, de reconhecimento e sem as pressões sociais e profissionais, as pessoas se tornam mais acessíveis. (...) Cada um acessa no momento e no lugar que escolher e só isso já diminui muito o stress inerente aos encontros pessoais” (STORCH citado por AMARAL, 2011 s.p.).

O anonimato gera um empoderamento de “ser” e “fazer”. Um exemplo disso é o caso do psiquiatra Sanford, que em 1982 se apresentou em *chat* como Julie¹⁷, uma mulher que em função de um grave acidente teria ficado desfigurada e parálitica. A personagem criada por Sanford fez várias amizades, deu conselhos, se tornou querida. Como dizer que não era “real”? Foi quando o médico resolveu “matá-la”, que a verdade veio à tona (CRUZ, 2001). O anonimato da internet tem uma duração questionável. Em tempos de intensa vida no ciberespaço através da cibercultura, até a justiça precisa se atualizar para intervir em crimes cibernéticos.

Embora em alguns momentos pareça ser um terreno protegido, ou o que convencionalmente ficou conhecido como “terra de ninguém”, não existem dicotomias entre o que é “real” e “virtual”.

Christine Hine, uma das pioneiras em estudos sobre a internet no campo da antropologia, cita que “Más que trascender el tiempo y el espacio, Internet puede ser representada como una instancia de múltiples órdenes espaciales y temporales que cruzan una y otra vez la frontera entre lo online y lo off-line” (HINE, 2004 p.21).

Hine esclarece que a internet é um espaço e ao mesmo tempo um artefato cultural. Como propositora de uma etnografia virtual, ela não deixa o pesquisador perder de vista que o sentido dos dados obtidos através da *web* pressupõe interpretação contextualizada ao grupo pesquisado. A etnografia virtual não seria, portanto, um método totalmente inédito, mas uma etnografia em contexto de internet, sendo reorganizada pelos desafios que este lugar demanda.

¹⁷ O caso está presente na obra “The War of Desire and Technology at the Close of the Mechanical Age”, de Sandy Stone. Aconteceu nas salas de *chat* da CompuServer, o primeiro serviço *online* dos Estados Unidos, ainda durante os anos 80. Naquele momento, era oferecido um serviço de vídeo e texto em que os usuários de computadores de PCs podiam trocar mensagens através de linhas telefônicas.

Ao pesquisar o uso do tarô na internet transitei pelas duas esferas: *online* e *off-line*, sendo cuidadosa com os conteúdos levantados que pudessem ser entendidos como sigilosos. No que diz respeito à ética de pesquisa, faço alguns esclarecimentos sobre os procedimentos adotados no decorrer deste processo. Em geral, distingi os dados que poderiam ser públicos ou privados; zelando pelas minhas várias fontes de informação: fóruns nacionais de tarô, o *site* Clube do Tarô, dados levantados com os meus entrevistados e também com outras pessoas que conheci através do *Facebook*.

Os temas que foram obtidos pelos fóruns nacionais de tarô, assim como os textos e fóruns do *site* não são delicados ou constrangedores a ponto de demandarem anonimato daqueles que opinam. Por isso, o conteúdo proveniente destas fontes não foi entendido como “sensível” (BOYD, 2009). No caso do *site* Clube do Tarô, embora o seu conteúdo esteja acessível a qualquer internauta, obtive autorização de seu idealizador, Constantino Riemma, para utilizar as informações que ali estão nesta pesquisa. Assim, os dados dali retirados encontram-se como estão no próprio *site*.

Recebi autorização de todos os meus entrevistados (tarólogos e consulentes) para identificá-los. Nenhum deles se opôs ou, solicitou o uso de pseudônimos.

No *Facebook*, ao ser adicionada em cada grupo, me apresentei enquanto pesquisadora e os meus objetivos com todos aqueles com quem conversei. Neste espaço fiz observações e coletei materiais. Quando selecionei o que seria apresentado nesta dissertação solicitei aos autores das postagens para o seu uso, devidamente referenciado. Devido à falta de resposta de uma pessoa sobre algumas de suas postagens ofertando vagas de trabalho para tarólogos e situações vivenciadas por ele neste contexto, optei por não identificá-las. São mensagens públicas, mas cabe lembrar que no *Facebook* todos têm acesso a informações de outros usuários porque em algum momento as duas partes se adicionaram como “amigos”. Mas esta relação de sociabilidade da internet não pressupõe uma autorização para qualquer uso das informações que ali são colocadas.

Como bem pontuou Danah Boyd (2009), também não é porque as expressões das pessoas na internet podem ser acessíveis a um público indeterminado, que estas pessoas se percebem diante um grande público, de bilhões, em todo o espaço e por todo o tempo. Por mais que sejam espaços públicos, a atuação que uma pessoa tem em um parque com os filhos é bem diferente da que tem em um show com amigos, por exemplo.

(...) não significa que há um contexto uniforme. Para entender as práticas das pessoas *on-line*, é preciso entender o contexto em que os indivíduos estão operando

(...) Somente porque as pessoas podem, teoricamente, usar a internet para difundir as suas expressões, chegar a diversas populações em todo o mundo, não significa que isto é o que as pessoas fazem ou se vêm fazendo (BOYD, 2009, p.31, tradução minha).

Atenta a essas recomendações e refletindo sobre o replanejamento da pesquisa na medida em que alguns dilemas éticos surgiam (MARKHAM; BUCHANAN, 2012), as necessidades específicas de cada caso foram aqui consideradas.

2.2 Tarô online: proposições de uma Nova Era

A Nova Era é um campo onde diferentes discursos espirituais: orientais e ocidentais se cruzam e se misturam. Surgiu no Brasil entre os anos 1960 e 1970 e destaca-se pela “metáfora da transformação e pelo experimentalismo religioso” (AMARAL, 2000, p.15).

Ao participar de eventos e encontros no Brasil e na Inglaterra entre os anos de 1993 a 1997, Leila Amaral observou que os nova eristas apresentam uma “errância religiosa”, marcada por um “espírito sem lar”. Desapegados de doutrinas e dogmas, mostram-se mergulhados em uma “religiosidade caleidoscópica” ou um “sincretismo em movimento”. Trata-se de

(...) um campo de discursos variados, mas em cruzamento, por onde passam: a) os herdeiros da contracultura com suas propostas de comunidades alternativas; b) o discurso do autodesenvolvimento, na base das propostas terapêuticas atraídas por experiências místicas e filosofias holistas, fazendo-as corresponder às modernas teses de divulgação científica; c) os curiosos do oculto, informados pelos movimentos esotéricos do século XIX e pelo encontro com as religiões orientais, populares e indígenas; d) o discurso ecológico de sacralização da natureza e do encontro cósmico do sujeito com sua essência e perfeição interior e e) a reinterpretação yuppie dessa espiritualidade centrada na perfeição interior, através dos serviços New Age oferecidos para o treinamento de Recursos Humanos, nas empresas capitalistas. Provém dessa heterogeneidade e dificuldade para encontrar um termo que possa cobrir, sem controvérsia, uma cultura religiosa descentralizada e errante, em um campo onde diferentes discursos se cruzam e diversas áreas da vida – negócio, pessoal e espiritual – se misturam (AMARAL, 2000, p.15-16).

Os tarólogos pertencem a este universo, ao lado de tantos outros esotéricos, em um trânsito e trabalho contínuos de mesclar conhecimentos, “costurando” uma imensa “colcha de retalhos”, reunindo mancias, correntes espiritualistas e (porque não) conhecimentos provindos de áreas acadêmicas, tais como: a psicologia, antropologia, história das religiões e a física quântica. São junções que refletem o “compromisso entre o ‘mágico’ e o ‘científico’” (VILHENA, 1990, p.93).

Como José Guilherme Magnani observou a partir de pesquisas realizadas desde 1991, os discursos pertencentes a este meio *New Age* valorizam a tradição, “fruto da elaboração cumulativa de refinadas civilizações” (MAGNANI, 1999, p.84), o que não significa que desprezem a ciência. Entretanto, a ela conferem um papel auxiliar. “Se a tendência é valorizar as terapias *soft*, o hemisfério direito do cérebro, o contato com o ‘eu superior’, isso se faz em nome de uma visão holística, integradora, em conformidade com leis cósmicas, já antevistas nas antigas tradições e que agora a ciência começaria a comprovar” (MAGNANI, 1999, p.86). Quando surgiu, o movimento Nova Era tinha uma presença tímida. Com o tempo, foi conquistando espaço na mídia por meio dos jornais, revistas, rádio, televisão e agora também pela internet. Saiu dos espaços secretos, reservados para poucos e tornou-se aberto a todos aqueles que se dispusessem a adentrar por este meio.

Observando mais de perto o fenômeno, verificou-se ademais que além desta surpreendente visibilidade mudara também seu sistema de funcionamento: a maneira como tais serviços estavam sendo oferecidos contrastava com o estilo tradicional – o da cartomante atendendo em sua casa, ou do adivinho no recesso de uma sala escura e forrada de objetos cabalísticos. Agora é diferente: a leitura das cartas, a interpretação do I-Ching, o alinhamento dos chakras, a prática de yoga, a aplicação do doin e outras tantas atividades que integram, de uma forma genérica, o caldeirão das práticas neo-esotéricas finalmente modernizaram-se. Seus praticantes não desdenham equipamentos, condições e técnicas – computação, *marketing*, terceirização – comuns a qualquer das atividades de prestação de serviços nos grandes centros urbanos. O neo-esoterismo virou empreendimento empresarial! (MAGNANI, 1996, p.8).

Em certa medida, o avanço propagador dos nova eristas pelos espaços urbanos indicam sua disposição para compartilhar e oferecer seus conhecimentos também através do mercado formal. Eles identificaram lacunas no mercado e se viram em condições de oferecer um serviço diferenciado que atendesse outras necessidades humanas: as buscas de aprimoramento espiritual (o que inclui não só um melhor relacionamento com o sagrado, mas também consigo mesmo e com os outros), de autoconhecimento, alívio de estresse, dentre outras.

Citando McKendrick, Colin Campbell (2001) esclarece que foi durante o séc. XVIII, com a efervescência da Revolução Industrial na Inglaterra, que o homem mudou drasticamente sua forma de consumo, caminhando em direção ao que é observado hoje em dia. Naquele momento, a classe média e a nobreza passaram a adquirir itens supérfluos, que não eram “de primeira necessidade”; e sendo geralmente relacionados ao lazer: o teatro, a música, a dança, o esporte, os livros de ficção e depois os de romance.

Diferente do consumidor tradicional que poupava o dinheiro e o priorizava para a sobrevivência, o atual consumidor tem crenças, valores e atitudes que favorecem a compra; colocando-se disponível às novidades do mercado. Segundo Campbell (2001), o consumidor moderno tem como características a insaciabilidade e o estímulo a experiências através da manipulação de sensações. A respeito disso, vale destacar a ênfase que é dada à capacidade imaginativa, o que amplia as possibilidades de experiências agradáveis; uma vez que o consumidor não fica mais restrito apenas ao que recebe, obtendo satisfação também com suas próprias fantasias e devaneios.

Ao contrário do que muitos pensam,

(...) o espírito do consumismo moderno é tudo, menos materialista. A ideia de que os consumidores contemporâneos têm um desejo insaciável de adquirir objetos representa um sério mal-entendido sobre o mecanismo que impele as pessoas a querer os bens. Sua motivação básica é o desejo de experimentar na realidade os dramas agradáveis de que já desfrutaram na imaginação, e cada ‘novo’ produto é visto como se oferecesse uma possibilidade de concretizar essa ambição. Todavia, desde que a realidade não pode nunca proporcionar os prazeres perfeitos encontrados nos devaneios (ou, se de qualquer modo, tão-somente em parte, e muito ocasionalmente), cada compra leva literalmente à desilusão, algo que explica como o necessitar se extingue tão depressa, e porque as pessoas se desfazem dos bens tão rapidamente quanto os adquirem. O que não se extingue, contudo, é o anseio fundamental que o próprio devaneio gera e, conseqüentemente, há tanta determinação quanto sempre de achar novos produtos que sirvam como objetos de desejo a serem repostos (CAMPBELL, 2001, p.131-132).

O consulente é um consumidor que carrega consigo o “ciclo de desejo-aquisição-desilusão-desejo renovado” (CAMPBELL, 2001, p.132). Ele alimenta fantasias que o fazem buscar objetos e situações. Quando finalmente se depara com aquilo que demandou, tem uma nova frustração (pois o objeto não consegue suprir exatamente tudo o que ele desejava), o que o faz partir atrás de uma nova procura. E o ciclo se repete incessantemente.

Os tarólogos, por sua vez, visando atender uma clientela exigente, que busca constantemente por “algo melhor” (que corresponda mais aproximadamente àquilo que foi desejado), estão reatualizando seus métodos, não só no sentido original, de rememoração mítica, mas também instalando mudanças na prática, com novas formas de divulgação e de usos do tarô.

Segundo Nei Naiff, na década de 70 os tarólogos, astrólogos e videntes já ofereciam consultas à distância. Recebiam cartas contendo os questionamentos dos consulentes e respondiam através de uma fita cassete com uma gravação de cerca de uma hora, uma hora e meia. Mesmo com as limitações daquela época, pessoas que nunca se encontraram pessoalmente trocavam informações oraculares. Mas a internet teria surgido para

revolucionar, porque possibilita que as pessoas se vejam “olhar olho no olho” (Informação verbal. Apresentação no fórum aberto: “Tarô on-line: Quais os prós e contras?” proferida por Nei Naiff no 2º Encontro Nacional de Tarô e 19º Encontro da Nova Consciência. Campina Grande, 14 fev. 2010). Ou seja, a internet potencializou práticas de consulta à distância que já existiam, mas não as inaugurou. O que a internet produziu foram novas estratégias ou modalidades de legitimação profissional - mas que convivem com as “antigas”: *workshops*, vivências, cursos, propaganda boca a boca - e transformações em suas práticas de atendimento, que são vistas, tanto pelos tarólogos como pelos consultentes, como diferenciadas do atendimento presencial. Não são melhores nem piores: atendem a demandas específicas.

Atualmente a tecnologia permite uma divulgação rápida e eficaz, ampliando muito o território de atuação do tarólogo. Hoje qualquer pessoa pode consultar as cartas virtualmente, e se preferir a consulta aos moldes tradicionais, pode conhecer um espaço que oferece o serviço e agendar um horário. Já para aqueles que desejam realizar cursos sobre o assunto, a internet também oferece essa possibilidade, reunindo pessoas em fóruns de discussão, *workshops* e outros eventos. Segundo Airton Jungblut, a classificação Esotérica (oracular) no Brasil nos últimos 15 anos cresceu, tendo um “número cada vez maior de *sites*, oferecendo serviços de oráculo tais como, tarô, astrologia, numerologia, etc”. Destaca-se que “as páginas divulgando assuntos esotéricos na *web* são geralmente pessoais; há média interatividade individual intra e extramuros (possuem listas de discussão e *chats*)” (JUNGBLUT, 2009, p.153).

2.3 As ferramentas de atendimento na internet: mapeando quem são os tarólogos *online* brasileiros

Através de uma pesquisa sobre o tarô *online* na ferramenta de busca Google, foram obtidos inúmeros resultados. Deve-se reconhecer a riqueza de informações oferecida pela referida ferramenta. Entretanto, percebe-se que ainda é exigido do pesquisador um trabalho de garimpo frente ao material levantado. Isso porque aparecem conteúdos – que embora sejam relacionados ao tema proposto – não correspondem à demanda solicitada; além de serem exibidas diversas páginas de um mesmo site, conferindo a falsa impressão que o material obtido é maior do que de fato é. Após a coleta de dados virtuais (realizada em outubro de 2014 e retomada em abril de 2015), foram identificados um total de 90 URLs (endereços

virtuais) referentes a portais, *sites* e *blogs* de brasileiros que discorrem sobre a temática do tarô. São espaços que oferecem cursos (em níveis iniciante, intermediário e avançado), divulgam eventos (*Workshops*, fóruns, simpósios, congressos), vendem livros e baralhos, assim como oferecem o atendimento de tarô. Vale ressaltar que todos estes serviços são ofertados presencialmente e/ou *online*. Entretanto, devido aos interesses desta pesquisa - entre eles, compreender as transformações das relações entre tarólogos e consulentes, bem como no manuseio das cartas através da internet -, foram descartados neste mapeamento os portais/*sites/blogs* cujas consultas não fossem *online* (realizadas através de *chats*, *emails*, *Skype*, *Facebook*, *WhatsApp*)¹⁸. Em menor uso, há aqueles que atendem pelo telefone¹⁹.

No intuito de mapear este microuniverso, estas 90 URLs foram categorizadas e tabuladas²⁰. Considerando que isso foi realizado no mês de abril de 2015, naquele momento foram identificados 30 endereços de *sites/blogs* que oferecem os serviços de somente um(a) tarólogo(a); 46 endereços de portais/*sites/blogs* que oferecem os serviços de vários tarólogos; 5 endereços que não informam qual(is) e quanto(s) tarólogo(s) atua(m) no *site*; 1 endereço que oferece somente consultas gratuitas, mediante um programa; 1 endereço exclusivo para o estudo do tarô; 4 endereços de escolas que ensinam o uso do tarô, mas nem todas elas oferecem consultas e 3 endereços que exercem a função de um guia ou catálogo para a localização de outros endereços virtuais e tarólogos.

Dentre as URLs visualizadas, teve destaque o *site* Clube do Tarô, elaborado por Constantino Riemma. Nele, há um espaço para divulgação²¹ de tarólogos e cartomantes que atuam em todo o Brasil e também em outros países: nos Estados Unidos (Califórnia e Miami), Marrocos, Peru e Portugal. A partir da consulta realizada em 21 de julho de 2015, verificou-se:

¹⁸ Esta decisão foi tomada em momento bem inicial da pesquisa. Naquela ocasião não tinha refletido que até mesmo aqueles *sites* que não oferecem atendimentos *online* podem alimentar sua procura, assim como situações *off-line* podem fazer o mesmo.

¹⁹ Nesse aspecto, <<http://andremantovanni.com.br/site/>> é um exemplo, e denomina os atendimentos oferecidos em seu *site* de “consultas ao vivo”. Acesso em: 16 abr. 2015.

²⁰ O material encontra-se disponível nos apêndices.

²¹ Conforme esclarecimento gentilmente prestado por Constantino a mim por *email*, ele criou o Guia de Tarólogos como um serviço gratuito para divulgação de nomes. De início era completamente aberto, mas com a ocorrência de casos em que algumas pessoas “aprontavam” sob disfarce de pseudônimos, ele passou a pedir o preenchimento de um breve formulário. É por isso que no Guia, com raras exceções, quando a pessoa utiliza pseudônimo, aparece entre parêntesis o nome verdadeiro ou vice-versa.

Tabela 1 - Tarólogos e cartomantes que divulgam os serviços no *site* Clube do Tarô.

Profissionais	Atuam no Brasil	Atuam no exterior
Homens	111	7
Mulheres	212	10
TOTAL	323	17

Elaborado pela pesquisadora. Fonte: CLUBE DO TARÔ, 2015.

Todos os profissionais que atuam no Brasil são brasileiros, mas nem todos oferecem consultas *online*. Alguns deixam claro que só atendem em modo presencial, mas essa informação não fica explícita na apresentação de todos. Dos tarólogos que têm atuação no exterior, são duas brasileiras que atendem uma na Califórnia e a outra em Marrocos; e dois sul-americanos, que atuam um em Miami e o outro no Peru. Treze são portugueses que prestam serviços em seu país.

Vários tarólogos oferecem outros serviços além da leitura das cartas, e alguns deles explicitam qual (is) baralhos utilizam. Em suas apresentações, os tarólogos disponibilizam *emails*, e quando têm, *sites* e *blogs* para contato. Poucos deram seus telefones. Alguns citam o seu tempo de experiência, escolaridade, religião e quando têm aparição na mídia, relatam em quais programas de TV e/ou revistas já atuaram. Quatro frisaram que atendem somente presencialmente.

Ao navegar pelas páginas do *site* Clube do Tarô, verifica-se que ele funciona como uma enciclopédia interativa, no qual textos são postados e a partir disso são abertos fóruns de discussão. Ao criar este *site*, o propósito de Constantino Riemma era ajudar as pessoas a se situarem “de forma séria e fundamentada, com essa linguagem simbólica”. Nele, Constantino assume a postura de professor que responde as dúvidas dos internautas e os encaminha textos através de *links*, quando considera necessário. Em vários trechos do site ele cita o quanto administrá-lo é uma tarefa exaustiva. Entretanto, também afirma que esse trabalho é positivo por favorecer a troca de experiências entre colegas, bem como oferecer aos consulentes um guia para encontrarem o profissional que consideram mais adequado às suas necessidades. Pelo amplo material de estudo que oferece e por entendê-lo como um caminho para compreender melhor as relações estabelecidas entre tarólogos e entre tarólogos e consulentes, é que decidiu-se utilizá-lo nesta pesquisa.

Através de observações dos fóruns de discussão promovidos no *site* Clube do Tarô, identificou-se que as discordâncias internas entre aqueles que usam aquele sistema oracular são várias: no que se refere a sua origem, a nomenclatura, aos trajes, ritos, influências da fé do

tarólogo em sua prática, tipos de baralhos adotados, uso de magia, usos do tarô, técnicas de tiragem, oferta de atendimentos na internet, apresentação do tarólogo com avatares. Muitas destas discordâncias ficam evidentes também no *Facebook*.

2.4 Tarólogos no *Facebook*

O *Facebook* é uma ferramenta de relacionamentos *online*. Seu objetivo é conectar pessoas e/ou organizações que têm interesses comuns; permitindo que eles possam visualizar e compartilhar textos, imagens, vídeos. Devido a interconectividade que promove, é conhecido como rede social.

Quando uma pessoa cria uma conta se torna um usuário do *Face*, como é apelidado. A partir de então o usuário é orientado a alimentar seu perfil com informações pessoais que o caracterizem, criando assim sua identidade *online*. A seguir, o *Facebook* apresenta sugestões de pessoas que talvez o usuário possa conhecer, dando a opção ou não de adicionar tais perfis a sua lista de amigos.

A ferramenta possibilita a proteção da privacidade de seus usuários através de configurações que dão a opção de tornar as informações visíveis para o público em geral (todas as pessoas do *Face*), somente os amigos ou não mostrá-las a ninguém.

O *Facebook* oferece para cada usuário um mural, também conhecido como *timeline*. Nele cada um pode postar textos, fotos, vídeos que podem ser compartilhados com seus amigos. Eles, por sua vez, podem curtir, comentar, marcar pessoas ou também compartilhar. Mas o *Face* também possui a função de *chat*, permitindo que as pessoas troquem mensagens instantâneas entre si, dando assim uma interação mais rápida entre os usuários.

Além da criação de perfis pessoais, o *Facebook* também oferece a criação de grupos, que podem ser “públicos” ou “fechados”. Como o nome diz, nos “grupos públicos” qualquer pessoa pode se tornar membro, enquanto nos “grupos fechados” isso depende de uma avaliação e aprovação do moderador (administrador) do grupo. Ambos tendem a reunir pessoas dos mesmos interesses, oferecendo um espaço para que compartilhem conteúdos relevantes ao grupo.

Em abril de 2015 fiz um perfil no *Facebook* especificamente para tratar de tarô. Nele adicionei empresas, pessoas famosas no meio ou não. Embora não seja uma taróloga, penso que fui “bem recebida”. Eventualmente alguém me enviava uma mensagem *inbox* (reservada, que somente eu tive acesso), no intuito de se apresentar e me conhecer. Esclareci meus

interesses com esta pesquisa e fui, por iniciativa deles, adicionada em alguns grupos. Em outros, fui eu quem solicitei a participação.

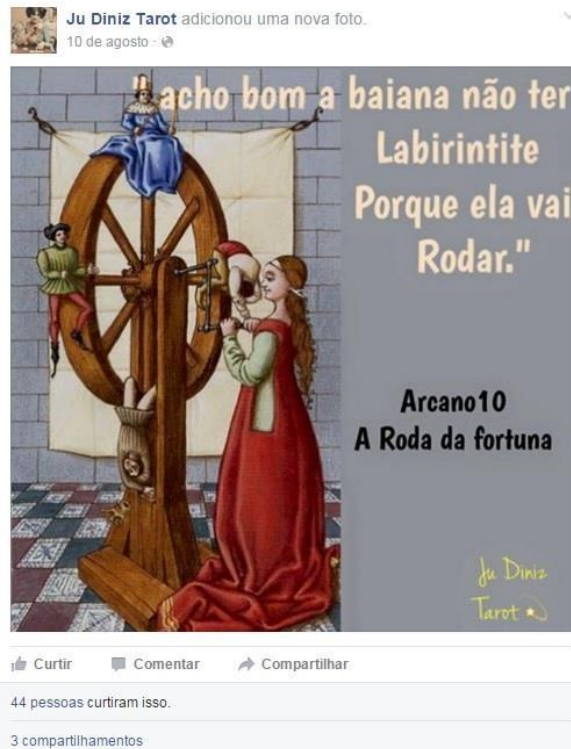
Assim, me tornei membro de “Grupo aberto ao Tarot”; “Taromancia”; “Tarosofia BH”; “Espaço Cultural Portal do Conhecimento” (todos estes grupos públicos); “do LOucO ao LOucO”; “Energias em ação!”; “Astrologia, Tarô e Cultura Holística” (todos estes grupos fechados).

Ao longo desta pesquisa o *Facebook* foi um espaço rico para observações. Acompanhei postagens dos meus entrevistados com seus pares e consulentes, assim como tive acesso imediato a vários profissionais da área. Percebi que a ferramenta era usada como local de divulgação de consultas, cursos, eventos, vagas de trabalho, críticas que se manifestavam em forma de piadas e desabafos. Se em pesquisas *off-line* o antropólogo tira fotografias, em pesquisas *online* pode “tirar *Print*”. Foi assim que coletei um material diversificado e de produção autoral dos próprios tarólogos. Mas embora fossem postagens públicas, solicitei autorização dos proponentes das mensagens para aqui utilizá-las.

No intuito de divulgar os serviços prestados, observei que de vez em quando algumas pessoas anunciam o sorteio de leituras de tarô gratuitas. Para concorrer os interessados devem curtir ou deixar um “Ok” no *post*. Outra prática comum entre tarólogos é a leitura da “carta do dia”, que vez por outra vem acompanhada de trocadilhos, textos escritos por eles mesmos e/ou mensagens escolhidas por eles, mas cujo conteúdo é diretamente relacionado aos significados das cartas.

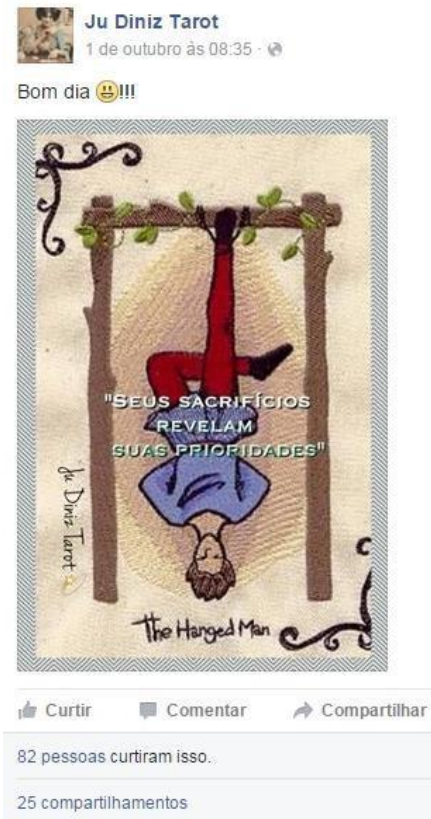
Apresentarei a seguir algumas postagens públicas feitas por tarólogos no *Facebook*:

Imagem 5 - Arcano 10: A Roda da Fortuna



Fonte: JU DINIZ TAROT, 2015.

Imagem 6 - Arcano 12: O Enforcado



Fonte: JU DINIZ TAROT, 2015.

Imagem 7 - 4 de copas



Fonte: JU DINIZ TAROT, 2015.

Imagem 8 - O Louco



Fonte: JU DINIZ TAROT, 2015.

Estas são algumas imagens produzidas por Ju Diniz Tarot e postada por ela. Assim como ela, outros tarólogos fazem o mesmo: demonstram o conhecimento simbólico que têm sobre as cartas e que dedicam tempo escrevendo ou selecionando textos e editando imagens sobre o assunto. Não satisfeitos em apenas usar o tarô que adquirem, apontam que podem existir outros “olhares” sobre o tarô. Aqui existe a proposição de um “tarô comentado”, fruto do processo de reapropriação dele e da expressão da individualidade de quem o produz. Por ser um uso autêntico, criativo, trata-se do que Campbell (2004) chamou de “consumo artesanal”.

No *Facebook* as cartas são objeto de atenção dos tarólogos constantemente, sendo utilizadas com diversos objetivos: na exemplificação de tiragens, no treinamento ou aperfeiçoamento dos significados simbólicos, como sátiras do cotidiano. São usos que geram curtidas, compartilhamentos e comentários. As pessoas parecem se divertir com a proposta, que auxilia particularmente os iniciantes como um treino interpretativo, onde é possível reforçar o conhecimento e tirar dúvidas.

Imagem 9 - 4 de ouros

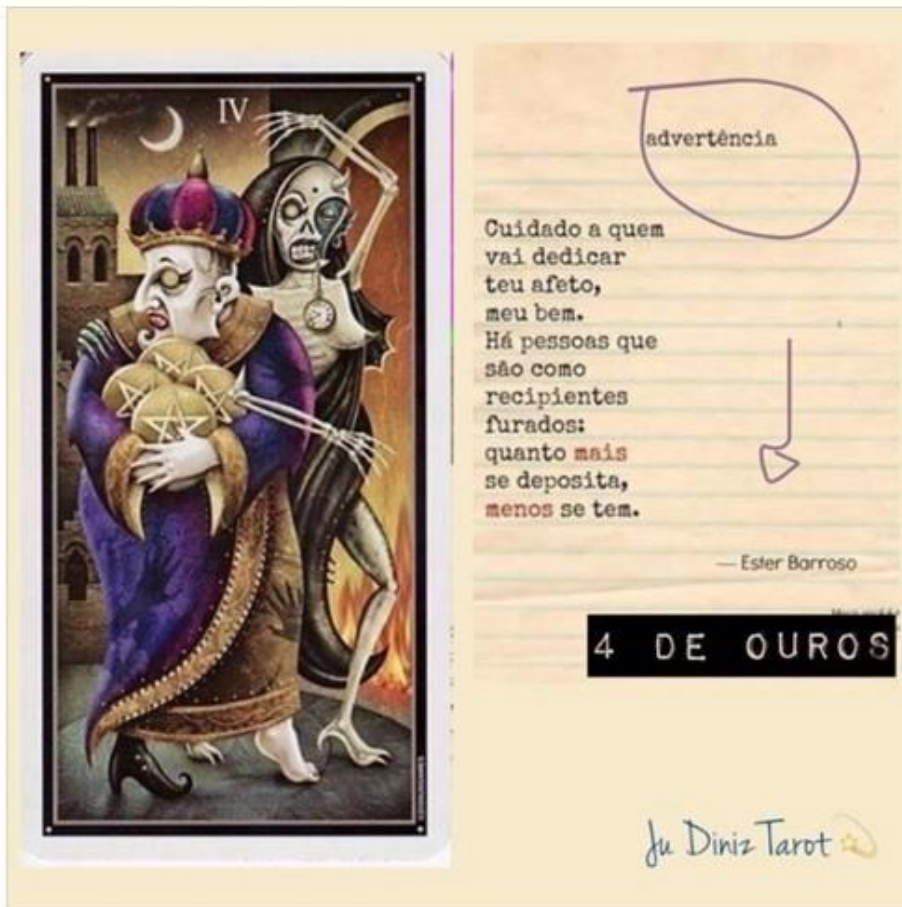


Ju Diniz Tarot

11 de setembro · Editado ·

Era um jogo afetivo, a relação estava bem complicada e quatro de ouros insistia em marcar presença. A consulente, esposa, carregava a água na peneira para o marido, e ele, segundo ela, não lhe retribuía de forma alguma.

Pra ela, e pra quem vive relações unilaterais, vai o post de hoje. 💋 bom dia!



Fonte: JU DINIZ TAROT, 2015.

Imagem 10 - Arcano 14: Temperança e 6 de paus



Ju Diniz Tarot

14 de setembro · Editado ·

A consulente decidira sair do emprego para trabalhar em negócio próprio. Depois das batalhas iniciais, buscou o Tarot porque estava bem ansiosa por resultados, queria saber quando seu empreendimento ia "bombar". Tirou A Temperança e o 6 de paus... Bom dia.



👍 Curtir

💬 Comentar

➦ Compartilhar

Fonte: JU DINIZ TAROT, 2015.

Imagem 11 - Comentários de Arcano 14: Temperança e 6 de paus

47 pessoas curtiram isso.



Monica Mil Ju Diniz Tarot, embora tarô e astrologia sejam artes "divinatórias", as pessoas procuram mesmo por adivinhação...rs. Acho que trocar um emprego por algo liberal...já é motivo de ansiedade.....e tbm de ter expectativa por resultados.....

Curtir · Responder ·  1 · 14 de setembro às 07:05



Ju Diniz Tarot Sim, e na maioria das vezes recebem orientações que lhes confortam, redirecionam, ampliam... Entram buscando adivinhação e saem com outra visão do oráculo.

Curtir · Responder · 14 de setembro às 16:43 · Editado

[Ver mais respostas](#)



Flávia Bocchi Recompensa me lembra a carta do julgamento 😊

Curtir · Responder · 14 de setembro às 07:46



Ju Diniz Tarot Sim, mas nem sempre o julgamento é a recompensa esperada. Se ela pergunta Qto tempo e sai o julgamento aí a resposta não seria essa. Eu diria: "só Deus sabe"..Rsrs

Curtir · Responder ·  3 · 14 de setembro às 08:21 · Editado

[Ver mais respostas](#)



Kêu Salvador A temperança mostra, se não estou errado, o próprio momento de escolha. Além disso, mostra que ela está certa do que quer. Sendo o 6 de paus uma carta de vitória e reconhecimento, tão logo seus planos serão realizados com êxito ..

Curtir · Responder ·  1 · 14 de setembro às 10:34



Ju Diniz Tarot Hummm isso aí garotooo!! Não será muito rápido pois a temperança mostra isso...

Curtir · Responder ·  1 · 14 de setembro às 11:12

[Ver mais respostas](#)



Cris Do Tarot Aí a gente resume: "rala que funfa!" rsrs

Curtir · Responder ·  2 · 14 de setembro às 11:54



Ju Diniz Tarot "O pensamento" é uma forma rebuscada de dizer : rala que funfa! Não sei pra que tanta "polidez" kkkkkkkkk

Curtir · Responder ·  1 · 14 de setembro às 15:42 · Editado

[Ver mais respostas](#)



Luciene Ferreira Não será no tempo que ela deseja, as o 6 já fala de reconhecimento. Acho que as coisas ainda estão sendo maturadas, elaboradas e aprimoradas. Provavelmente ela ainda tem muito que amadurecer nesse novo negócio.

Curtir · Responder ·  5 · 14 de setembro às 13:17



Ju Diniz Tarot Issai Luu.

Curtir · Responder ·  1 · 14 de setembro às 15:39



Ju Diniz Tarot Naldo Berruezo viu? estou postando os pares M+menor, está aberta a discussão... 😊

Curtir · Responder ·  1 · 14 de setembro às 15:45



Naldo Berruezo Maravilha, Ju! Só temos a ganhar com esses exercícios.. Gratidão! Aí me pareceu uma frase alquímica: "Ora Lege Lege Lege Relege labora et invenies". "Reza, lê, lê, lê, relê, trabalha e encontrarás". No caso A Temperança mostra a demora, mas que está divinamente protegido. Ela vem fazer florir o terreno que a Morte preparou. O 6 garante!

Curtir · Responder ·  2 · 14 de setembro às 16:33



Ju Diniz Tarot Muito bom!

Curtir · Responder · 16 de setembro às 09:33

Fonte: JU DINIZ TAROT, 2015.

Através destes comentários ficam evidentes algumas questões que Fátima Tavares (1993) também observou em seu campo: a dicotomia entre adivinhação e autoconhecimento (dimensão terapêutica) do tarô; e a questão do aprendizado, na decodificação do que é significativo da carta e o que é significativo da posição dela, sendo a leitura articulada (aprendida) e ao mesmo tempo intuitiva (descoberta).

Na internet de vez em quando os tarólogos fazem sátiras do seu cotidiano, “brincando” com situações que vivenciam: a tiragem de cartas para si mesmo que nem sempre traz mensagens que atendem suas expectativas, a inveja e as *selfies*: o modismo tecnológico da vez. São exemplos que na internet (e particularmente no *Facebook*), coabitam no mesmo espaço temas bem diferentes.

Os tarólogos compartilham, comentam e “respondem”, propondo novas postagens (às vezes charges) que dialogam com as anteriores. E nem sempre têm um conteúdo acessível ao grande público. Às vezes demandam um conhecimento específico para serem melhor compreendidas, como é o caso da figura 12 (Olha! Um dois de copas).

Imagem 12 - Tava tudo indo tão bem



Fonte: JU DINIZ TAROT, 2015.

Imagem 13 - 78 cartas...



Fonte: CRIS DO TAROT, 2015.

Imagem 14 - Olha! Um dois de copas!



Fonte: CAFÉ TAROT, 2015.

Imagem 15 - Quem nunca tirou *selfie* com as cartas...



Fonte: CRIS DO TAROT, 2015.

Nem sempre as postagens têm grandes repercussões. Mas algumas recebem atenção dos amigos. Após a postagem aqui apresentada como figura 13, seguiram-se vários comentários e fotos de tarólogos com suas cartas, atendendo ao “convite” da colega.

No campo das sátiras nem mesmo os consulentes são poupados. Um tema que aparece frequentemente no *Facebook* dos tarólogos é a insistência feminina em buscar informações sobre os homens. Segundo alguns profissionais entrevistados, as mulheres buscam o tarô principalmente para ter informações sobre sua vida amorosa e com menor frequência sobre a profissão, enquanto os homens geralmente querem saber somente sobre a profissão e/ou vida financeira. A respeito do tempo que cada um geralmente utiliza nas consultas, no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia Mônica Buonfiglio disse que “os homens levam 40 minutos, enquanto as mulheres levam uma hora e meia” (Informação verbal. Apresentação em mesa redonda proferida por Mônica Buonfiglio no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia, São Paulo, 21 mar. 2015). Naquele momento verificou-se que essa fala produziu um eco, ampliado pelo som de concordância do público presente. Observa-se também que nos *sites* a esmagadora maioria dos depoimentos deixados para os tarólogos são feitos por mulheres. E isso aparece nas redes sociais, às vezes como uma alfinetada do (a) tarólogo(a), principalmente direcionada ao público feminino.

Imagem 16 - Eu quero saber daquele boy



Fonte: JU DINIZ TAROT, 2015.

Outro assunto abordado por eles é a sua relação com a espiritualidade. Enquanto alguns afirmam suas convicções religiosas e inclusive se apresentam profissionalmente assim, outros criticam a associação do tarô aos serviços mágicos que enfatizam a solução de problemas através de “amarrações” e “desamarrações” que trazem “a pessoa amada em 3 dias”.

Imagem 17 - Como as pessoas me veem

Leitura de Cartas compartilhou a foto de Filhos da Magia
7 h · 📱



Fonte: LEITURA DE CARTAS, 2015.

Imagem 18 - Trago o seu amor próprio

Saamara Santos compartilhou a foto de Maria Flor Consultas
19 de maio às 20:55 · 📱



Curte · Comentar · Compartilhar

Fonte: SAAMARA SANTOS, 2015.

Leila Amaral (2000) auxilia na compreensão das experimentações da Nova Era. Nesse aspecto, sua distinção entre “versão *hard*” e “versão *soft*” aponta algumas diferenças neste meio. A versão *hard* (energia-poder) implica no empoderamento do sujeito e na instrumentalização e domínio das forças sempre preparadas para o combate. Já a versão *soft* (espiritualidade-harmonia) interrompe essa tendência “diluindo” o indivíduo no contexto das forças “cósmicas” (natureza-cultura). É possível fazer um uso mágico instrumental (*hard*) e não instrumental, terapêutico, voltado ao auto-conhecimento (*soft*).

Como no *Facebook* se conectam “todos” ou quase todos os amigos da vida *off-line*, aproximando inclusive suas respectivas listas de amigos entre si, ele é utilizado com ampla variedade de objetivos, para tratar de assuntos formais e informais. Utilizado para comentar situações e sentimentos vivenciados no dia-a-dia assim como para realizar convites de batizado, formatura, casamento, enterro e, porque não, como um espaço de divulgação de oportunidades de trabalho.

Imagem 19 - Vaga de Tarólogo(a)

Vaga de Tarólogo(a)

Estou com 2 vaga para profissionais esotéricos que tenha interesse em trabalhar em site esotérico pelo módulos de atendimento;

* Chat Texto - Fixo

* E-Mail - Fixo

* Chat Video

*Telefone

Comissão 35% Pagamento por deposito mensal. Carga horária de 4hras, sendo que pode entrar e ficar a mais do horário informado e combinado se desejar. Tenha disponibilidade de trabalhar com sua foto pessoal (mais profissionalismo e credibilidade com nossos clientes). Não trabalhamos mais com imagens de ciganos, santo, desenhos. Queremos a sua foto.

Fonte: *FACEBOOK*, 27 abr. 2015.

Meses depois, em outra postagem do mesmo tarólogo realizada no dia 4 de julho, ele reafirma a exigência que o interessado na oportunidade de trabalho mostre o rosto e critica o uso de avatares: “não procuramos tarólogos para enfeitar o site, queremos profissionais com vontade de trabalhar. Se você é um desses deixe seu Skype”. Aqueles que têm este tarólogo como amigo do *Face* e visualizam sua página permanecem informados sobre o que foi acontecendo, pois em outro momento ele publica uma nova postagem, agora um desabafo. Seus amigos comentam e apoiam seu posicionamento.

Imagem 20 - Se sentindo com raiva

É muita cara de pau vim me pedir trabalho no MEU SITE, depois de tudo que você fez aqui. Rouba cliente, faz trabalhos no site, confiei em voce e ainda vem na cara lisa e safada que voce tem e dizer que nunca trabalho aqui???

Vá procurar emprego em um site vagabundo que nem voce por que meu site é de respeito e de pessoas que sabe trabalhar HONESTAMENTE.

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

31 pessoas curtiram isso.



Rosemary Moreno ?????????

Curtir · Responder · 3 de agosto às 03:21



Chrys Lisboa Flores nossa compra jimo cupim e da pra essa pessoa passar na cara

Curtir · Responder · 🍌 2 · 3 de agosto às 07:30



Evane Davi Eitaaaaa

Curtir · Responder · 3 de agosto às 08:26

Eu quero é DISTAAANCIA de gnt assim.

Curtir · Responder · 3 de agosto às 08:56

Fonte: **FACEBOOK**, 3 ago. 2015.

Com isso, observa-se que as redes sociais *online*, semelhantes às redes sociais físicas, também têm espaço para a expressão de desafetos. Uma diferença crucial é o grau de exposição que as pessoas estão sujeitas no ambiente *online*. No caso apresentado, o tarólogo não citou o nome do envolvido, mas nem sempre as pessoas têm essa discrição ao dizer do que é desagradável. No *Facebook* as esferas pública e privada se misturam e interpenetram.

2.5 Atendimentos *online*

Com relação à diversidade de serviços *online* disponíveis atualmente, verifica-se que até mesmo os psicólogos – conhecidos pelo grande público por ofertarem atendimentos confidenciais, sigilosos – têm aderido à nova era da informação. Segundo a Resolução do Conselho Federal de Psicologia Nº11/2012 que regulamenta esta prática:

Art. 1º. São reconhecidos os seguintes serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância desde que pontuais, informativos, focados no tema proposto e que não firam o disposto no Código de Ética Profissional da (o) psicóloga(o) e esta Resolução: I. As Orientações Psicológicas de diferentes tipos, entendendo-se por orientação o atendimento realizado em até 20 encontros ou contatos virtuais, síncronos ou assíncronos²²; II. Os processos prévios de Seleção de

²² A comunicação síncrona é aquela que acontece ao mesmo tempo, como por exemplo as conversas realizadas em *chats*. Já a comunicação assíncrona, é aquela que não gera expectativa de resposta imediata, como os *emails*. As pessoas enviam suas mensagens e seus interlocutores respondem no momento em que podem.

Pessoal; III. A Aplicação de Testes devidamente regulamentados por resolução pertinente; IV. A Supervisão do trabalho de psicólogos, realizada de forma eventual ou complementar ao processo de sua formação profissional presencial; V. O Atendimento Eventual de clientes em trânsito e/ou de clientes que momentaneamente se encontrem impossibilitados de comparecer ao atendimento presencial. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 11, de 21 de junho de 2012, p.2)

O procedimento necessário para que um psicólogo ofereça atendimentos *online* é a realização de um cadastramento desses serviços no Conselho Regional de Psicologia no qual está inscrito. O site utilizado pelo profissional, por sua vez, deve:

I. Especificar o nome e o número do registro da (o) psicóloga (o) Responsável Técnica (o) pelo atendimento oferecido, bem como de todos os psicólogos que forem prestar serviço por meio do site; II. Informar o número máximo de sessões permitidas de acordo com esta resolução; III. Manter links na página principal para: o Código de Ética Profissional da (o) psicóloga (o); esta resolução; o site do Conselho Regional de Psicologia no qual a (o) psicóloga(o) está inscrita(o); o site do Conselho Federal de Psicologia no qual consta o cadastro do site. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 11, de 21 de junho de 2012, p.2)

Cumpridos os requisitos, o site recebe uma autorização pelo período de três anos, que pode ser renovada. Mas o disseminado uso das tecnologias divide opiniões, tanto entre os profissionais quanto entre as pessoas atendidas. Alguns “(...) pensam que a internet acentua a atomização moderna dos indivíduos, [enquanto outros] apostam com segurança e ardor no caráter agregador das comunidades que a rede contribui para formar” (SANTOS, CYPRIANO, 2014, p.67).

É possível que alguns dos neófobos estejam resistentes às mudanças. E eles estão em toda parte, independente da área de atuação. Inclusive, segundo

(...) o historiador Brian Vickers [a] ‘resistência à mudança’, é um traço do ocultismo como um todo. Essa tensão é recorrente no discurso de vários dos meus informantes²³: ao mesmo tempo que enfatizam o pluralismo, afirmando a necessidade de se compararem astrólogos e livros para que cada um adote o tipo de astrologia que lhe agrade, reafirmam a antiguidade desse sistema para além das datas que a historiografia reconhece, reforçando sua unidade e sua fidelidade para com a origem. (VICKERS citado por VILHENA, 1990, p.13).

Frente a isso, observa-se que, semelhante aos astrólogos, os tarólogos têm apresentado resistência a mudanças, que nesse caso seria frente à modalidade virtual de atendimento.

²³ Astrólogos e estudantes de astrologia do Rio de Janeiro na década de 1980, por ocasião de sua pesquisa de mestrado.

Quanto mais metamorfoses ocorrem, maior distanciamento do primeiro modelo. A resistência à mudança se apresenta enquanto uma proteção ao que é tradicional, primordial.

(...) pelos anúncios, se comprova a existência de uma vertente interessada apenas em modificar aos outros e não a si mesma, como fica evidente pelas práticas de ‘amarrações’ e ‘serviços’. No entanto, se estivermos pensando em autoconhecimento, em trabalho individual sobre as disposições emocionais, no esclarecimento de condições complexas que envolvem níveis mais profundos do ser, o contato pessoal pode se tornar uma condição indispensável. (...) Existem certas qualidades que apenas se transmitem ao vivo, seja o sentido subjacente das queixas do consulente, seja o influxo terapêutico do profissional. Trata-se de energias sutis que precisam ser vividas diretamente e são difíceis de serem traduzidas por palavras (RIEMMA, 2010B, s.p.).

Enquanto alguns precisam do contato face a face para sentir a “energia” do consulente, outros dispensam. Giancarlo, por exemplo, retruca: “é a presença física do consulente a qualidade da consulta ou sua interação psíquica com o tarólogo? Energia, no meu entender, rompe as barreiras de tempo e espaço” (SCHMID, 2010, s.p.).

Segundo Luís Eduardo Soares: ‘energia é a moeda cultural do mundo alternativo que prepara o terreno simbólico para o desenvolvimento de uma linguagem comum, independente das diversidades. Sua centralidade contribui também para o estabelecimento de uma vasta rede de vasos comunicantes entre os diversos submundos alternativos e os espaços axiológicos e simbólicos mais convencionais’. (OLIVEIRA, 2000, p.45).

Segundo Marcel Mauss (2007) o *mana* é uma categoria inconsciente do entendimento, uma ação, uma qualidade e um estado. Pode ser compreendida, portanto, como a energia que circunda entre o tarô, o tarólogo e o consulente.

Estamos, pois, em posição de concluir que por toda parte existiu uma noção que envolve a noção do poder mágico. É a noção de uma eficácia pura, que, não obstante, é uma substância material e localizável, ao mesmo tempo que é espiritual, que age à distância e, portanto, por conexão direta, se não por contato, móvel e motora sem mover-se, impessoal e revestidora das formas pessoais, divisível e contínua. Nossas vagas idéias de sorte e de quintessência são pálidas sobrevivências dessa noção muito mais rica (MAUSS, 2007, p.146-147).

Vários tarólogos que interagem em um fórum de discussão sobre o assunto defendem o atendimento *online* e apontam que se preparam para ele de igual modo ao de um atendimento “ao vivo”. Estes internautas consideram que o profissional deva ter sensibilidade, imparcialidade, ética, como também devem ter no atendimento presencial. Há questionamentos quanto ao termo “distância”, tendo em vista que ambos (consulente e

tarólogo) podem estar distantes fisicamente, mas unidos energeticamente e/ou pela disposição de objetivos complementares. A facilidade de acesso também é considerada:

Imagem 21 - Comentário de taróloga sobre o tarô online.

Vanessa - 19/11/2010 13:24:02

Acredito que num mundo como o nosso em que as distâncias caíram com a internet e o fato de que as pessoas já têm tão pouco tempo para si mesmas, a ponto de não conseguirem se deslocar até um bom tarólogo, às vezes muito longe de suas casas, é muito agradável saber que, na segurança de seu lar, com todo o conforto, você pode obter ajuda, aconselhamento e dicas para se conhecer melhor e relaxar. Além disso, podemos atingir pessoas que, se atendêssemos presencialmente somente, nunca teriam acesso a nós. A internet dá a todos os mesmos privilégios.

Fonte: RIEMMA, 2010A.

Outro argumento citado a favor do atendimento *online* diz respeito à oferta de um conforto ao consulente, uma vez que o assunto tratado pode gerar constrangimentos e a tela do computador pode reduzir a exposição, pela liberdade que o anonimato gera.

Diferente dos psicólogos, os tarólogos não têm uma prática regulada. Entretanto, há uma iniciativa de estabelecimento de normas de conduta que iniciaram neste ano de 2015: o código de ética.

Trata-se de uma obra coletiva, baseada no *Código Ético del Taro de Barcelona*. Considera que “independente dos antecedentes e da habilidade de cada um com as cartas, o objetivo de um código ético não é dizer como as pessoas devem trabalhar, mas estabelecer parâmetros seguros e adequados de atuação, protegendo o profissional, aquele que procura este tipo de orientação e o segmento como um todo” (CÓDIGO DE ÉTICA DO TAROT, 2015, p.2).

O código defende a crença no livre arbítrio, já que “as cartas indicam, mas não determinam”. Cabe ao tarólogo informar as opções, mas não tomar as decisões. Também sugere que o atendimento seja imparcial, sem julgamento quanto à conduta e as decisões do consulente; tratando “com confidencialidade todas as informações que surgem no atendimento” (CÓDIGO DE ÉTICA DO TAROT, 2015, p.3-5). Cabe ao tarólogo utilizar uma linguagem clara, que evita conhecimentos técnicos e, portanto, compreensível. O código também prevê que o profissional tenha um preço previamente estabelecido, considerando a duração da consulta, habilidade e experiência do tarólogo.

O código também propõe que os profissionais defendam seu trabalho de afirmações injustas e difamações. Pode aderir a ele

(...) qualquer profissional do Tarot que veja seus valores e formas de atuar reconhecidos no texto proposto. A adesão ao código supõe a aceitação da totalidade

das partes que o compõe. No caso do profissional não estar de acordo com alguma delas, recomendamos a elaboração de um texto próprio, que abarque adequadamente seu espírito e forma de trabalhar (CÓDIGO DE ÉTICA DO TAROT, 2015, p.10).

Apesar da adesão ser voluntária, solicita-se que aqueles que assim o decidirem, divulguem o logotipo para os consulentes, indicando o site para acesso do conteúdo integral do código, já que são eles que avaliarão “se o profissional que os atendeu cumpre (ou não) o que se comprometeu a fazer. O código ético é, portanto, um compromisso de qualidade em relação aos clientes, mas não um sistema de certificação de qualidade” (CÓDIGO DE ÉTICA DO TAROT, 2015, p.11).

Imagem 22 - Logotipo e selos afiliados do Código de Ética do Tarot Edição Brasil



Fonte: CÓDIGO DE ÉTICA DO TAROT, 2015.

Presenciei uma breve discussão sobre o referido código quando participei do 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia. Naquela ocasião, um tarólogo mencionou que usa como referência o código de ética dos astrólogos, enquanto outra disse que usa o “seu próprio”. Falaram sobre a importância da ética. Nei Naiff (2015) apontou que em todas as profissões têm pessoas desonestas, em todos os seus segmentos. Em sua opinião, o que garante o tempo que cada um fica no mercado é a sua honestidade.

3 TARÓLOGOS *ONLINE*

3.1 Mapeando o mundo *online*

Na década de 1990 o Brasil viu despontar uma figura esotérica um tanto quanto diferente. Walter Mercado – que é astrólogo, vidente e tarólogo porto-riquenho – teve sua imagem marcada nas propagandas de televisão, nas quais ele dizia aquilo que se tornou um bordão: “Ligue Djá!”.

A partir das produções esotéricas, os tarólogos conquistaram as revistas e programas de entretenimento no rádio e TV, na maioria das vezes destinados ao público feminino. Mas ao longo do tempo avançaram para outros contextos: programas voltados aos cuidados com a saúde, programas de esportes e até mesmo revistas de cunho político e programas de *reality shows*. Sobre essa última modalidade, entre setembro e dezembro de 2014, foi exibido “Os Paranormais”, quadro do programa “Domingo Legal” no SBT. Tratava-se de uma competição com 16 participantes, dentre tarólogos, sensitivos e bruxos, cujo vencedor ganhou um prêmio de 50 mil reais. A cada semana um participante era eliminado de acordo com a pontuação recebida em provas de adivinhação. Neste programa foi possível observar que existem vários tipos de tarólogos: videntes ou não, com ou sem filiação religiosa (declarada). Outro ponto a mencionar é que é muito comum que os tarólogos tenham ampla formação mística, que extrapolam o conhecimento específico do tarô.

Outra mídia crescente na divulgação de estudos e consultas de tarô atualmente são os vídeos exibidos pela internet, geralmente encontrados no *YouTube*. São cursos livres, entrevistas e consultas ministradas por tarólogos em programas de televisão.

Na fase inicial desta pesquisa, quando foram mapeados os portais, *sites* e *blogs*, alguns elementos chamaram a atenção. Uma característica importante a mencionar nos endereços virtuais consultados diz respeito à apresentação dos tarólogos. A exposição do próprio rosto, por exemplo, é opcional. Existem tarólogos que se mostram através de avatares (representações gráficas). Tratam-se de imagens caricaturais (geralmente frisam aspectos do misticismo e da juventude). São imagens que não conferem com a descrição de anos de experiência descrita pelo tarólogo (a). As fotos são geralmente de pessoas jovens, mesmo quando o profissional se diz ter 30 anos de experiência ou mais. Além disso, são muito “perfeitas” para serem reais (o que sugere uma produção midiática).

Não se trata de tarefa simples reconhecer quem é ou não um avatar. Os desenhos são explícitos, mas as fotos podem ser reais. É o excesso de perfeição que muitas vezes denuncia a identidade especificamente virtual. Imagens que insinuam a sensualidade, enfatizam os olhos e o olhar são frequentes. Mulheres bem maquiadas (com os olhos realçados), usando vários acessórios (colares, pulseiras, anéis, véus, lenços), tatuagens, roupas, ciganas, por exemplo, sugerem que sejam imagens prontas, já disponíveis na internet. Em alguns casos, a dúvida foi confirmada ao consultar tal imagem no *Google* e perceber que ela aparecia novamente em vários contextos diferentes.

Embora existam portais/sites/blogs que mostram exclusivamente imagens que parecem ser as fotos originais dos tarólogos, existem também o seu oposto: aqueles endereços virtuais que apresentam exclusivamente avatares e/ou imagens inespecíficas dos profissionais. Vale destacar que predomina a coexistência em um mesmo endereço virtual de tarólogos que se apresentam através de avatares com aqueles que utilizam fotos próprias.

Na maioria das URLs consultadas, observam-se algumas características que se fazem presentes na descrição dos tarólogos. São elas: alguma imagem (seja ela uma foto pessoal, avatar, objetos relacionados a sua prática profissional ou até mesmo uma paisagem); tempo de experiência com o tarô; formação (escolaridade que contenha seus títulos acadêmicos e/ou místicos). Em alguns endereços virtuais, os tarólogos apresentam um pouco da sua história de vida, o que contém aspectos de sua vida familiar (alguns se dizem nascidos em uma família cigana, por exemplo), profissional (tanto no esoterismo quanto em outras áreas do conhecimento) e espiritual (alguns mencionam filiação/pertencimento religioso).

Somado a isso, são postados os depoimentos de clientes, com opiniões (positivas ou não) quanto ao atendimento e ao profissional. Um aspecto curioso disso é o blog do “Cigano Caio”, que apresenta comentários de clientes com fotos, embora ele mesmo se mostre através de um avatar.

É comum que os tarólogos se apresentem com nomes escolhidos por eles, nem sempre “convencionais”, que façam referência a pedras preciosas, a uma filiação religiosa e/ou que tenham algum significado mitológico/místico. Nomes com letras dobradas ou com uma escrita pouco comum na ortografia brasileira (incluindo uso de “ph”, “y” ou “x”), são possivelmente decorrentes de orientações da numerologia. Alguns nomes femininos encontrados nas URLs foram: Agatha, Artemisa, Astrid, Belatrix, Brida, Cristal, Darah, Esmeralda, Estrela, Evora, Évora, Flora, Jade, Madalena, Morgana, Muriel, Perola, Pietra, Safira, Samira, Saphyra, Sibila, Surya, Yaritsa. Alguns nomes masculinos foram: Anael, Igor,

Prometeus, Radamanthys, Ramiro, Syrius, Toninho do Xangô. Nem sempre os portais/sites/blogs esclarecem os significados dos nomes que os tarólogos adotam e tampouco o nome que consta em suas certidões de nascimento.

Ao mapear as 90 URLs observou-se alguns pontos que são dignos de nota. Em geral, é comum que os portais/sites/blogs tenham um “fale conosco”, *suporte online* através do qual os clientes podem tirar dúvidas através do telefone e/ou *email*. Existem várias formas de pagamento, que pode ser através do Pagseguro/cartão de crédito, transferência bancária, boleto. A maioria dos *sites* exige o pagamento antecipado, mas existem aqueles que não exige isso, podendo o cliente pagar sua consulta em até 48 horas após o atendimento. Também o pagamento pode ser via preço fixo ou minutagem. No primeiro, o tempo da consulta já está determinada antes mesmo dela se iniciar, enquanto no segundo o preço será proporcional ao tempo utilizado.

Os tarólogos se denominam muitas vezes como consultores e não é incomum que ofereçam seus serviços em sites distintos. Por exemplo: os sites “Império Cigano”, “Morada dos Bruxos” e “Mundo dos Magos” têm vários profissionais em comum. Além disso, muitos tarólogos do site “Taromantes” também estão no “Leitura *Tarot*”.

Nestes portais/sites/blogs, há *posts* de vídeos, textos que discutem situações relacionadas ao tarô, abertos a estudiosos/curiosos do assunto. Existem atalhos para o *Facebook* ou *Twitter*.

A respeito da efemeridade das informações aqui mencionadas, vivenciei isso no decorrer desta pesquisa. Alguns *sites* que tinham poucos profissionais aumentaram a quantidade de atendentes, outros que não expunham as fotos dos tarólogos passaram a mostrá-las, e ainda, outros que existiam, desapareceram. Uma situação específica, que é importante citar, foi quando tentei acessar um site que já tinha visitado antes, “Esotérica Karen”, mas automaticamente era direcionada a outro: “Consultas *Tarot*”. Observando com atenção, o primeiro era um endereço individual, de Karen, que no novo endereço surgia junto a um grupo de tarólogos: rearranjos virtuais que parecem dizer dos rearranjos profissionais. Sendo assim, é este último endereço que foi considerado na tabela apresentada nos apêndices.

Outro destaque digno de nota é o endereço “Místicos *online*”, que é um *site* blindado (SSL Blindado). É um diferencial em relação a outros *sites*, tendo em vista que ele tem acesso a dados pessoais dos clientes e tem a responsabilidade de protegê-los (ao contrário da grande maioria dos *sites*, que direcionam os clientes ao *Paypal* ou *Pagseguro*).

3.2 Caracterização geral dos tarólogos entrevistados

Ao acompanhar o *site* de Nei Naiff percebi que ele realizaria em abril de 2015 um curso em Belo Horizonte, intitulado “Tarô, oráculo e previsão”. Como as inscrições e pagamentos deveriam ser feitos através de Sávia, entrei em contato com ela. No Fórum tive a oportunidade de conhecê-la pessoalmente e depois agendamos um encontro para que ela me concedesse uma entrevista. Esta aconteceu em julho de 2015, em um restaurante próximo a sua casa, localizada no Barroca, em Belo Horizonte.

Com o objetivo de acompanhar interações entre tarólogos e entre tarólogos e consulentes, no mês de abril de 2015 pedi autorização para participar de alguns grupos de tarô no *Facebook*. Ao ser adicionada em um destes grupos, o moderador quis conversar comigo. Após trocarmos algumas palavras e por ter esclarecido sobre meus interesses em pesquisar o uso do tarô *online*, ele me sugeriu enviar um *email* para Alcides, que seria uma pessoa com experiência na área, embora nem tanto no meio *online*.

Alcides foi bem receptivo ao meu contato. Como estava ministrando um curso de tarô, sugeriu que eu fosse “cobaia” de sua aluna. No nosso primeiro encontro acompanhei a aula e sua aluna fez uma tiragem de cartas para mim sob sua orientação, que vez ou outra acrescentava alguns significados simbólicos na leitura. Foi uma experiência diferente. Era a nossa primeira vez: minha e dela. Nunca tinha me colocado naquela situação e ao mesmo tempo fui premiada com dois intérpretes. Bruna lia pausadamente, decifrando as imagens e avaliando o que dizer, ancorada pelo mestre que corrigia e ampliava os significados possíveis de cada carta. Naquele momento percebi que o fato deles conhecerem pouco da minha vida poderia ser um elemento dificultador na leitura. Várias mensagens ainda não faziam sentido. Depois desse dia, agendei com Alcides um novo encontro em que pudemos conversar mais alongadamente. Assim, a entrevista aconteceu em dois momentos, um realizado em 02 de maio e outro no dia 23 de maio de 2015. Ambos aconteceram no espaço em que o profissional ministra cursos e eventos (palestras místicas²⁴ e encontros). Trata-se de uma casa alugada e decorada com essa finalidade, localizada no bairro Carlos Prates. Não sabia que lá é também o local em que ele reside atualmente, se não me dissesse.

Conheci Aline Maat pelo *Facebook* e acompanhei algumas de suas postagens ofertando atendimentos e cursos. Entretanto, me apresentei a ela somente quando a encontrei,

²⁴ Neste leque de palestras místicas incluem-se várias atividades. O espaço propõe eventualmente atividades sobre astrologia, física quântica, cromoterapia, entre outros temas, sendo estes geralmente divulgados pelo *Facebook*.

por acaso, na II Feira Mística, promovida pela Loja Belo Horizonte – AMORC, que aconteceu em junho de 2015. Naquela ocasião Aline estava apresentando e vendendo artesanatos que produz. Peguei seu cartão e agendamos a entrevista através do *Facebook*, que foi concedida na sala de sua residência, no bairro Santa Efigênia, em 27 de junho de 2015.

Por indicação de Aline cheguei até Cris do Tarot, embora já tivesse acessado os seus *blogs* anteriormente. Agendamos a entrevista para uma sexta-feira, segundo ela, dia normalmente “mais tranquilo” de seus atendimentos. A entrevista aconteceu também em sua residência, no bairro Cachoeirinha.

Todas as entrevistas foram presenciais por escolha dos próprios informantes e aconteceram em Belo Horizonte, com a duração aproximada de 50 minutos cada encontro.

Busquei nesta pesquisa entrevistar apenas tarólogos que ofertam as leituras de cartas profissionalmente. Observei que dentre eles, quase todos divulgam os serviços prestados no *site* Clube do Tarô, exceto Aline Maat. E exceto Sália, todos os demais entrevistados ministram cursos de tarô. Neste ponto, destaca-se Alcides, fundador de uma escola sobre o assunto.

Alcides tem 59 anos, solteiro, sem filhos, tem ensino médio completo. Cris do Tarot tem 47 anos, casada, tem filhos, é jornalista. Sália tem 49 anos, divorciada, tem filhos, também é jornalista e tem uma especialização nesta área. Aline Maat possui 30 anos, solteira, sem filhos, tem ensino médio.

A respeito da experiência que eles têm com o tarô, em linhas gerais pode-se dizer que: Alcides conheceu o tarô há 49 anos e atua profissionalmente com ele há 20 anos. Cris conheceu o tarô há cerca de 28 anos e há 14 anos atua profissionalmente. Sália conheceu o tarô há 8 anos e faz 5 anos que atende. Por fim, Aline Maat conheceu o tarô há 16 anos, mas atua profissionalmente há 2 anos.

Através do *Facebook* percebi que todos eles se conhecem, e eventualmente fazem parcerias, organizando eventos juntos.

Todos eles realizam atendimentos *online*, sendo que Aline só atende através da internet. Sobre os atendimentos em *sites*, tanto Alcides quanto Cris do Tarot nunca vivenciaram esta experiência. Mas Aline Maat e Sália sim, e dizem que os *sites* oferecem um público rotativo e diversificado, o que seria positivo por permitir uma maior experiência de leituras.

3.3 Apresentação dos tarólogos

Quando iniciei o mapeamento do campo acessando *sites* de tarô *online*, a primeira característica que me chamou a atenção foi a apresentação: nome e aparência dos profissionais. Muitos deles declaram uma filiação religiosa, linhagem cigana ou têm nomes relacionados a histórias mitológicas.

Considerando que o nome de cada indivíduo carrega histórias, fiquei questionando quais seriam os enredos que estariam por trás daqueles nomes e figurinos. Afinal, qual seria o significado das “performances” de tais personagens?

É no momento em que um objeto ou um ser é nomeado, é que ele passa a existir socialmente (LEACH, 1972). O nome é o primeiro registro pelo qual uma pessoa será reconhecida, identificada. Por isso, a decisão de qual “marca” empregar em um neófito deve ser alvo de reflexões. Quando uma criança é registrada, ela ainda não teve tempo suficiente para constituir e expressar traços de uma identidade. A decisão fica a cargo de terceiros, e são estes que imprimem ali suas expectativas e vontades.

Ninguém pôde escolher o próprio nome. Mas se tem a oportunidade de escolher um “novo” nome, poderá lançar mão de vários artifícios: considerar a data do nascimento (seu signo), traços de personalidade, preferências (estéticas, míticas ou até mesmo cinematográficas), convicções religiosas, etc.

“Na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, surge também uma multiplicidade de identidades possíveis, conferindo uma variedade de possibilidades em que as pessoas podem se identificar” (HALL, 2005, p. 13). A identidade é um processo histórico, de desenvolvimento contínuo. Nunca estará “pronta” e finalizada, motivo pelo qual está sujeita a mudanças, em constante reelaboração. Decorre das relações entre o “eu” e o “mundo”. É construída tanto social quanto simbolicamente, já que é na relação com as outras pessoas que os indivíduos têm seus valores, sentidos e símbolos mediados (HALL, 2005).

No intuito de “dar voz” ao que via e lia nos *sites*, busquei entender com os meus entrevistados alguns sentidos para nomes tão pouco convencionais. Foram várias as justificativas: laços afetivos, orientação numerológica, identificação mítica, porque já era conhecido (a) por este nome, por exigência trabalhista, tiragem oracular, estética.

Alcides adotou o nome Cyddo de *Ignis* associando um apelido carinhoso ao seu elemento em latim²⁵. O apelido Cido foi recebido por uma amiga que conheceu quando tinha 17 anos e com quem “aprendeu algumas coisas” dentro do umbandismo. Por isso resolveu homenageá-la. Mas modificou a escrita do nome para Cyddo devido a uma orientação numerológica. Segundo Alcides, com essas letras seu nome passa a equivaler ao número 8. “Na numerologia, este número representa o progresso material. No tarô é progresso em qualquer nível” (Tarólogo. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizado no bairro Carlos Prates, 23 mai. 2015).

Aline Maat é o nome com o qual se apresentava em uma banda de rock, de modo que várias pessoas a conheceram assim e por isso resolveu manter. Adotou Maat porque é o nome da deusa da verdade e da justiça egípcia. Fez essa escolha por se identificar com essa deusa, pois gosta “do equilíbrio, ver o lado do outro, saber que [as coisas] sempre têm mais de um lado” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Santa Efigênia, 27 jun. 2015).

Cris do Tarot relata que quando começou os atendimentos atuava em uma feira de artesanato de Belo Horizonte e logo ficou conhecida pelo tarô. Foi assim nomeada pelo grupo social: “foi uma coisa que ficou fácil, né, das pessoas lembrarem, então eu aproveitei” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015). A respeito de ter adotado “Tarot” e não “Tarô” está atrelado ao ocultismo, a numerologia, “ao poder que já está contido nesta egrégora há anos”. Também acha que traduzir seria perder um pouco do encanto (estético e mágico).

Ela cita que no passado seus cartões vinham com seu nome completo. Atualmente Cris do Tarot apresenta cartões com este nome, o qual está em uma placa no portão de sua residência. Frisa que não tem problema em ser identificada e localizada, pelo contrário. Criou uma marca, fez um logotipo e o usa em vários lugares: nos seus *blogs*, no *site* Clube do Tarô, no *Facebook*. Também disponibilizou seu endereço no *Googlemaps*.

Sávia também se apresenta com nome próprio. Relata que já atendeu em *sites* e explica que naquele contexto era solicitada para ter um nome fantasia. Isso seria para a empresa evitar que o tarólogo atendesse às pessoas “por fora” do *site*. A respeito dos nomes fantasia adotados, Sávia diz que “variava. Tirava cartas, por exemplo, tinha Oráculo da

²⁵ O entrevistado explica que todos os indivíduos manifestam características dos quatro elementos: terra, fogo, água e ar. Entretanto, é possível localizar em qual destes elementos predomina a personalidade de cada pessoa. Em seu caso, como ele “é de fogo”, prevalecem características de agressividade e impulsividade. Seriam traços de personalidade e, portanto, difíceis de modificar.

Deusa²⁶, eu tirava assim a carta, [e decidia] vou usar esse [nome]. Já usei o nome da minha filha, teve outro em que eu usei o nome que eu gostaria de ter colocado na minha filha (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Barroca, 21 jul. 2015).

Estas foram as explicações que obtive sobre os nomes que eles são conhecidos pelo grande público. Mas alguns apontaram que podem existir outros nomes, advindos de um contexto mágico ou provenientes de uma orientação espiritual:

Aline explica que no meio do tarô não é obrigatório ter um nome mágico. Geralmente quem tem segue alguma linha de estudo e prática dentro da magia. Ela, por exemplo, é iniciada em uma tradição, tem um nome que ela mesma escolheu: Awen, que significa “espírito que flui”. Nem divulga muito, porque é da época que dava aula de magia e ficou mais conhecida pelo outro nome.

Mas existem nomes que não são acessíveis a “qualquer” pessoa. Alcides esclarece que o nome místico ou iniciático deve ser protegido e só o conhece aqueles que também foram iniciados. “O Nome é recebido na Iniciação, pelo próprio Iniciante. Ele não escolhe o Nome que quer, mas durante o Ritual ele recebe seu Nome intuitivamente” (Tarólogo. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Carlos Prates, 23 mai. 2015). O nome iniciático marca um renascimento, em que a pessoa assume compromissos diferentes e, portanto, também uma postura diferente.

O nome pelo qual o tarólogo se apresenta ao grande público confere a ele uma “marca” que não é despida de repercussões. Estampar uma determinada filiação religiosa, por exemplo, pode aproximar ou afastar consulentes que se afinizam (ou não) com aquele segmento.

Ainda sobre a aparência, com relação às roupas dos profissionais durante as entrevistas, observou-se que Alcides trajava calça e camisa brancas, o que tem estreita relação com sua religiosidade no candomblé. Cris vestia saia longa e blusa, Sália trajava uma bata com símbolos hinduístas. Aline usava bota, *legging* e camiseta.

Sabe-se que a vestimenta tem um caráter contextual: difere com o horário, estação do ano, tipo de evento, com quem a pessoa irá se encontrar. Entretanto, é digno de nota que é comum que os pertencentes ao meio esotérico prefiram roupas confortáveis, de tecidos leves, geralmente coloridos, de temas místicos ou com referências religiosas não cristãs.

²⁶ Oráculo formado por 52 cartas em que cada lâmina traz o nome e imagem de uma deusa hinduísta, cujo significado está associado aos atributos desta deusa. A forma de uso consiste em pensar no assunto que se deseja um conselho e retirar uma carta.

Enquanto os profissionais da saúde têm sua identidade declarada através da cor branca, os policiais se apresentam com suas fardas, os advogados e empresários com seus ternos e tantos outros profissionais têm seus uniformes; no meio esotérico a lógica é outra. Parece que eles podem (e se permitem) mostrar mais sua esfera subjetiva. Mesmo estando no contexto profissional, não aparentam pudores para expor características do seu mundo privado. Ao mesmo tempo, denotam um “estilo de vida”²⁷, cujos traços se explicitam de vários modos: pelo nome e roupas adotadas, alimentos que preferem, objetos místicos que possuem, técnicas ou rituais que realizam, turismo de cunho espiritual que participam.

3.4 Divulgações *online* dos serviços oferecidos

Tanto os profissionais dos *sites* quanto os tarólogos entrevistados têm outras habilidades ou conhecimentos místicos. Não localizei aquele profissional que estivesse restrito apenas ao tarô e que desconhecesse outros oráculos ou técnicas de manipulação energética que conduzem – de algum modo – à obtenção da cura (ou seja, ações mágicas). Dentre os tarólogos entrevistados, observa-se uma grande diversidade de serviços oferecidos, sendo que todos eles utilizam a internet para divulgá-los.

Alcides divulga no *Facebook* que é terapeuta vibracional, atuando com *reiki*, cromoterapia, florais de Bach, fitoterapia, homeopatia, calatonia²⁸, terapia bio-magnética. Também oferece cursos de tarô do básico ao avançado em sua Escola Antiga do Tarô, fundada por ele. No *site* Clube do Tarô se apresenta com os dizeres: “atende e dá cursos de tarot iniciático”.

A principal forma de divulgação dos atendimentos de tarô de Sália acontece através do *site* Clube do Tarô. Lá se apresenta assim: “psicoterapeuta, taróloga, utiliza o Petit Lenormand”. Ao ser questionada pela apresentação como psicoterapeuta neste *site*, ela diz que não sabia que essa informação estava assim, o que seria um engano. Ela explica que fez um curso de psicanálise há cerca de 10 anos atrás e na época atendeu no aglomerado da Serra. Também tem curso em radiestesia e terapia floral. Apesar destas outras formações, é mais procurada para leitura de cartas. Quando se apresentava nos *sites* que atuava, dizia das outras formações. Considera que todos estes conhecimentos influenciam em sua prática.

²⁷ O “estilo de vida” dos neo-esotéricos também é um tema que Magnani (1999) dedicou atenção.

²⁸ Técnica de relaxamento profundo através de massagens realizadas nos pés, pernas ou nuca.

Aline Maat divulga no *Facebook* que também atua como artesã de artigos místicos, confeccionando, vendendo e ministrando cursos para produção de porta incensos, caixas, velas, varinhas, vasos, taças e garrafas decoradas. Ministra cursos básicos de tarô.

Em seus *blogs*: “Cris do tarot” e “Paladar do tarot”, Cris divulga que realiza consultas de tarô com abordagens em autoconhecimento, cura e previsões. Ministra cursos de tarô do básico ao avançado, grupos de estudo e supervisão. Oferece técnicas de cura quântica (TQC) e odomertia para restauração do equilíbrio bioenergético. Na entrevista, ela explicou que faz “alinhamento dos *chakras*”²⁹, que é o desbloqueio através da odomertia, o uso do pêndulo com velocidade. (...) [usa] cristais e tambor xamânico, no caso pra desbloqueio da energia” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015). Mas todas essas terapias só são possíveis presencialmente, com exceção da cura quântica e a *Deeksha*³⁰.

A Deeksha é uma bênção que eu dou, às vezes eu falo até no Face lá: ‘gente eu vou dar a Deeksha hoje pra quem quiser, então quem quiser curte o comentário, escreve eu aí que eu vou mandar a bênção’. E a cura quântica também pode ser feita através de distância, mas não é tão comum, as pessoas ainda preferem o contato, ainda preferem vir pra isso. Até a quântica é uma das terapias que eu praticamente somei ao tarô no final da consulta, porque dependendo da fase que você está, dependendo da informação que você tem, tem coisas que mexem muito com a pessoa. E tem assuntos às vezes muito difíceis ou delicados da pessoa tá lidando com isso, então a quântica dá uma ajudada, vamos dizer assim, a superar ou deletar aí algumas informações que a gente não quer mais, ela é uma ferramenta também junto com o tarô. (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015).

Em meio à polivalência de conhecimentos dos profissionais, eles mesmos vislumbram a possibilidade de diálogo (e divulgação) de seus serviços de modo conjunto e interativo.

Um exemplo disso foi a parceria que resultou no “Encontro de Oráculos e Reiki”, realizado em 18 de julho de 2015. A iniciativa foi de Aline e neste encontro estavam envolvidos três profissionais, sendo que cada um exercia uma atividade: *reiki*, tarô ou numerologia. As pessoas que participaram deste evento pagaram um valor de R\$50,00 e

²⁹ São sete centros energéticos do corpo humano que, quando estão alinhados, possibilitam maior facilidade para que a energia vital flua. De acordo com este ponto de vista, as doenças seriam uma consequência de um desequilíbrio energético.

³⁰ Também conhecida como “benção da unidade”, a *Deeksha* não está vinculada a nenhuma filosofia ou religião. É dada pela imposição de mãos sobre a cabeça de quem recebe ou através da intenção. Podem doar a *Deeksha* pessoas que tenham sido submetidas a um treinamento na Oneness University na Índia ou em algum Oneness Trainers do Brasil.

tiveram direito a uma demonstração de cada um destes serviços. Segundo Sávia, estes eventos são mais comuns em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Imagem 23 - Divulgação do Encontro de Oráculos e Reiki



Fonte: Aline Maat, 2015.

Mas este tipo de parceria não é uma atividade inédita, pelo contrário. Na verdade, representa o uso de uma fórmula já conhecida no meio e que alcança o principal objetivo: divulgação e retroalimentação na venda de produtos e serviços.

Um nome de destaque na promoção de eventos místicos é Claudiney Prieto, idealizador da *Mystic Fair* Brasil. Sendo atualmente o maior evento no país com esta temática, foi inspirado na feira *Magic International*, que acontece anualmente em Barcelona há mais de 25 anos.

A primeira edição da *Mystic Fair* Brasil foi realizada no ano de 2010 e contou com a presença de 12 mil pessoas. Inclusive, foi na *Mystic Fair* de 2014 que Nei Naiff fez o lançamento do 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia. Agora em 2015 será realizada em São Paulo entre os dias 12 e 13 de dezembro a 6ª edição da *Mystic Fair*, que será simultânea à 4ª Expo Saúde Alternativa, à 2ª Feira Esotérica do Livro e à 2ª Virada Esotérica. Para aqueles que por ventura tenham dificuldade de deslocamento, é oferecido transporte gratuito do metrô Jabaquara até o local do evento. A programação prevê uma maratona ininterrupta de 24 horas de atividade e aguarda um público de mais de 48 mil visitantes.

A estrutura da *Mystic Fair* conta com ambulatorios de cura holística que apresentam técnicas como cromoterapia, reiki, aromaterapia, massagem, biotoque, impulsoterapia, avaliação bioenergética, mantras, radiestesia, dicas contra o stress, entre outras atividades. Além disso, palestras e atividades diversas sobre astrologia, tarot, numerologia, quiromancia, runas, florais de Bach, Budismo, anjos e muitos outros temas que acontecem paralelamente aos mais de 400 stands de exposição que apresentam produtos da Nova Era aos visitantes. Ao todo são mais de 800 atividades

que acontecem simultaneamente durante os dois dias de evento, aonde os visitantes podem conhecer as novidades das áreas esotéricas, místicas, ocultistas, paracientíficas e da medicina natural e alternativa (*MYSTIC FAIR*, 2015).

Durante o meu percurso nesta pesquisa, tive acesso aos “currículos” de inúmeros profissionais e não encontrei tarólogos que não tivessem também outros conhecimentos místicos e/ou habilidades paranormais. Um elemento conduz a outro, sucessivamente e todas aquelas experiências que parecem dispersas, são integradas pelo “poder” da *bricolage*, que acontece

(...) através de uma colagem (*bricolage*) de diversos elementos postos a sua disposição. Posteriormente aplica[se] esta resolução para problemas homólogos (de estrutura semelhantes) surgidos em planos distintos do original, assim, ‘a linguagem apropriada para um domínio estende-se a todos os domínios que poderia surgir um problema do mesmo tipo formal’ (LÉVI-STRAUSS, 1991, p. 179).

Sendo a previsão de tarô um dentre os inúmeros elementos que compõem o universo da Nova Era, seria difícil entender a atuação dos tarólogos sem compreender os trânsitos que eles percorrem, já que isso influencia diretamente em sua prática.

3.5 O tarô e a espiritualidade

Apesar de o tarô transitar da área da mancia para uma proposta terapêutica, verifica-se que isso não confere uma perda de seu “sentido tradicional”. Enquanto um oráculo, permanece traduzindo a ideia de divinação e diálogo com os deuses, e, portanto, de estreita ligação com a espiritualidade.

O tarô é um sistema oracular, antena para acessar o outro. Oráculo significa orar, falar. O tarô é um sistema mágico, que movimenta a energia do ambiente. É jogo, leitura (significado) e interpretação de cartas (no contexto do jogo). O jogo movimenta energia do universo. A leitura é 70% intuição, 29% significado das cartas e 1% chute do tarólogo (Tarólogo. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Carlos Prates, 02 mai. 2015).

O tarô, assim como as práticas pertencentes ao universo Nova Era, aparece despido de dogmas e sectarismo religioso: “O tarô é um sistema de conhecimento. A religião tem a ideia de um deus para acessar. O tarô tem um contexto filosófico, cultural, mas não religioso”. (Tarólogo. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Carlos Prates, 02 mai. 2015). Apesar de várias pessoas vincularem o tarô à religião, Alcides aponta que isso seria

uma conduta equivocada: “O tarô tem vínculo com a expansão da consciência” (Tarólogo. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Carlos Prates, 23 mai. 2015).

Discurso semelhante a este apresenta Sávia, quando avisa aos clientes novos que não é médium, não recebe entidades. O que ocorre é que a prática é comumente apresentada ao lado de tantos elementos, que leigos ficam confusos e pensam que adivinhação seja sinônimo de vidência. Ao contrário disso, Sávia prefere dizer que é uma “estudiosa”.

Sávia define que “o tarô mostra o nosso caminho de vida”. Considera que todas as pessoas têm as características representadas pelos arcanos maiores. O tarô ajuda a “reconhecer o que estamos vivendo, que o caminho da dor irá acabar e virá o caminho do prazer. É um ciclo. É a roda da fortuna” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Barroca, 21 jul. 2015).

Cris apresenta o tarô como “um mapa da alma, uma bússola e tanto”. Assim como a espiritualidade, considera que o tarô auxilia o homem a se conectar com si mesmo e “com seu eu maior” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015). Quando a entrevistei, fui recebida no local em que realiza seus atendimentos presenciais, uma sala repleta de informações relacionadas ao paganismo, a *Wicca*³¹, à mitologia. Sua sala fica ao fundo de sua residência, mas para chegar ao local não é necessário passar por dentro da casa, tendo em vista que ela tem uma porta lateral.

Cris do Tarot se denomina como bruxa e mantém em sua sala alguns objetos “pertencentes” a este universo: vassoura, espada, vela, incenso, espelho, quadros que façam referência a bruxas etc.

Estaria mentindo se dissesse que a decoração da sua sala não me chamou a atenção. De fato, são ofertas visuais de muitas informações, provenientes de fontes diversas. E como não tenho conhecimento do significado de tudo que ali está, sou invadida pelas asas da minha própria imaginação que corre solta. Quis pedir autorização dela para fotografar o espaço, mas não fiz isso. Um mês depois ela mesma postou as fotos no *Facebook* e me autorizou o uso delas. Embora tenha preocupação com a imagem que transmite aos consulentes, que podem se sentir incomodados com tais objetos, ela também reafirma que a decoração é coerente com o seu estilo, com “a sua cara” e demonstra cuidado com ele.

³¹ Ao pesquisar participantes da *Wicca*, Andréa Osório (2004) esclarece que é “(...) uma releitura de práticas pagãs européias anteriores ao cristianismo, especialmente aquelas de origem céltica. Em sua cosmologia, a *Wicca* professa a crença em um par divino, chamados a Deusa e o Deus. A Deusa teria dado origem ao Deus e ambos teriam criado o universo e todas as coisas nele” (OSÓRIO, 2004, p.158). Nos rituais, o lugar de destaque e liderança é tradicionalmente de uma mulher.

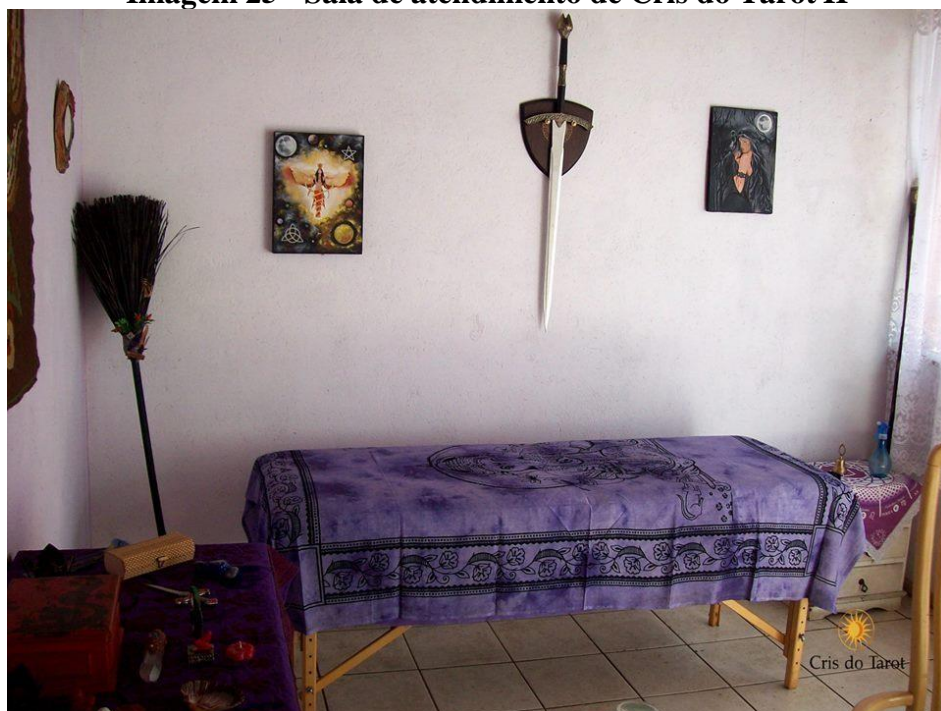
Apesar de que é uma profissão que tá ligada ao esotérico, mas, por que não? (...) nunca tive [algum caso de incômodo], mas é uma preocupação que eu tenho. Eu me ponho muito no lugar do outro. Será que eu ia gostar se fosse num lugar assim e já tivesse tudo isso de informação? (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015).

Imagem 24 - Sala de atendimento de Cris do Tarot



Fonte: Cris do *Tarot*, 10 ago. 2015.

Imagem 25 - Sala de atendimento de Cris do Tarot II



Fonte: Cris do *Tarot*, 10 ago. 2015.

Imagem 26 - Sala de atendimento de Cris do Tarot III



Fonte: Cris do Tarot, 10 ago. 2015.

Embora entenda que o tarô tem uma ligação estreita com a espiritualidade, Cris diz que isso não significa que ela relacione práticas mágicas ao tarô. Explica que distingue suas crenças e forma de ver o mundo com os dos clientes, tentando usar uma linguagem imparcial para não ferir nenhuma corrente filosófica deles.

Por exemplo, eu tenho baralhos que são consagrados por que são pra uso mágico meu, mas eu tenho baralhos que não são. São pro dia a dia, pra uso comum. Eu faço leitura com um tarô que não é sagrado, e aí? Isso não muda minha forma de ver o tarô. Eu achar que essa questão, ela cabe, é por exemplo, é igual você dizer que a medicina é sagrada, então eu tenho que consagrar o bisturi, a mesa de cirurgia. É por aí, tudo é sagrado, tudo tá conectado com esse lado. Mais não vejo dessa forma, apesar de eu ter as minhas coisas aqui eu até deixo o ‘mais limpo’ possível de informação pra que a pessoa não se sinta incomodada. Por que você tá numa relação com outro (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015).

Baseada em sua experiência de autoconhecimento e transformação, Aline concebe o tarô como um “caminho espiritual”.

Pra mim a espiritualidade é buscar o que vem do espírito, a luz que vem do espírito, para se sentir bem na vida. Quando você se conhece, você tem mais facilidade de ver o que precisa ser modificado para você buscar uma vida melhor. O tarô tem uma questão com autoconhecimento muito bacana **porque cada arcano vai transmitir**

um arquétipo, uma energia, uma personalidade, que ali dentro do jogo você vai se ver talvez de uma forma que não veria sem o tarô. E aí começa a se conhecer e modificar. E aí faz um trabalho de transformação, que pra mim, é um aspecto espiritual. (...) Me ajudou muito só de estudar cada arcano, me ajudou muito espiritualmente. Na época eu não estava numa fase muito boa e estudando o tarô eu entendi o que estava acontecendo comigo, que eu não estava entendendo. Fiquei tão apaixonada pelo tarô, que quando vou fazer um ritual, eu uso as cartas. Eu pego a energia para simbolizar o que eu quero. Pra mim o tarô passou a ser um caminho espiritual mesmo (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Santa Efigênia, 27 jun. 2015, grifos meus).

Ao usar o “poder” das energias transmitidas pelos arcanos obtidas através de rituais, ela utiliza da “lei da similaridade”, apontada por Mauss (2007).

Todos os tarólogos entrevistados disseram sobre “transformações” pessoais que vivenciaram depois que se adentraram no universo do tarô. Relataram situações em que saíram de um estado para outro, o que implicava mudanças e rupturas.

Alcides diz que a iniciação lhe trouxe “nova compreensão” ou, em outras palavras, “expansão da consciência”, mas que o crescimento permanece sucessivo até hoje, a níveis cada vez mais elevados. Tanto Aline quanto Sávia viviam, segundo elas, “momentos turbulentos” ou “crises” quando se inseriram no tarô e encontraram nele explicações e “sentido”. Já Cris aponta que o “tarô é uma longa história de amor”, anterior ao seu curso de fonoaudiologia. Explica que diante uma doença grave de um filho ela ficou dois anos sem trabalhar e no momento de retornar considerou que “as coisas não acontecem por acaso”, o que a fez decidir trabalhar com algo que sempre gostou e que até então era usado apenas como “forma de aprofundamento, estudo pessoal”. No caso dela, a adoção do tarô profissionalmente foi uma decisão que implicou em mudanças significativas nos rumos de sua vida.

Em sua pesquisa com iniciantes de tarô, Fátima Tavares também encontrou um “caminho de mudança de vida”:

(...) o iniciado, à medida em que se relaciona com o tarô cotidianamente, utilizando-o como ‘instrumento de crescimento espiritual’, vivencia essa ‘transformação de olhar’, presente na lâmina: procurando fazer do tarô um caminho de ‘mudança de vida’, ele vai conquistando uma nova percepção do seu cotidiano. Ser um tarólogo significa utilizar esta ‘habilidade’ não somente em benefício próprio, mas apontando caminhos para outras pessoas. Significa assumi-lo enquanto um projeto de vida, uma ‘missão’. Neste sentido, é preciso não perder de vista a natureza da ruptura para esta nova esfera de sentido: num mundo permeado pelo desencantamento, assumir o tarô ‘profissionalmente’ é aprender a transformar a magia em algo ‘familiar’ (TAVARES, 1993, p.94).

Quanto à adoção do tarô como uma missão, isso é exemplificado na fala de Vera: “para entender tarô você tem que estudar linguagem simbólica, tem que entender de método, você tem que amar o ser humano, porque se não ama, não dá pra ser tarólogo. É um trabalho de amor, paciência, de alma, de coração” (Informação verbal. Apresentação no fórum aberto: “Tarô on-line: Quais os prós e contras?” proferida por Vera Chrystina no 2º Encontro Nacional de Tarô e 19º Encontro da Nova Consciência. Campina Grande, 14 fev. 2010). Constantemente o conhecimento simbólico (racional) e a intuição ou a “energia” e o afeto são citados como ingredientes complementares que aparecem tanto em ambiente presencial quanto *online* e com os quais o tarólogo precisa saber lidar.

3.6 Percursos profissionais no tarô: estudos, práticas e dinheiro

Todos os tarólogos entrevistados tiveram um tempo entre a “teoria” (seja qual fosse ela) e a prática profissional. No processo de conquista de “maturidade” interpretativa, a experiência é valorizada tanto quanto os estudos simbólicos.

Alcides iniciou os estudos de tarô com uma professora em São Paulo quando tinha 39 anos e se consagrou no ano seguinte. Quando começou os atendimentos foi pra casa de uma amiga umbandista que trabalhava com benzimentos, trabalhos, orientação. Pediu acordo para que todas as pessoas que se consultassem com ela, passassem por ele. Cobrava barato, jogou para muitas pessoas e treinou o aprendizado. Depois procurou espaços esotéricos para jogar. Diz que “em São Paulo o campo é grande, mas a concorrência também é grande. Quase um tarólogo jogando para outro”. Veio pra BH buscando oportunidade de trabalho. Pensou em ter um emprego e jogar tarô, até se estabilizar. Por volta do ano 2000 fundou sua própria escola: a Antiga Escola de Tarô.

Aline Maat relata que começou a estudar a bruxaria em 1999, momento em que conheceu o tarô e outros oráculos em geral. Tentava jogar mas não conseguia entender, mesmo pegando os livros, achava “tudo muito superficial. Achava que não dava conta ou que precisava de um dom para ler”. Quando leu “O curso completo do tarô”, de Nei Naiff, aprendeu. Considera que ele explicou de forma bem prática, mas também aponta que insistiu nas tentativas. “Era uma coisa que me chamava”. Quando percebeu que tinha entendido, começou a pesquisar melhor. Conheceu o *site* Clube do Tarô, através do qual entendeu a parte filosófica do tarô. Mandou *email* para todos os tarólogos que escrevem os textos no *site*. Queria sintetizar a opinião de todos e fazer uma opinião geral. E apesar de nem todos a terem

respondido, ficou satisfeita com as explicações daqueles que a responderam. Através do *site*, ela percebeu que é raro alguém que vai ter um “dom”³², uma entidade que ajuda ou uma intuição mais forte. “A maioria pega na raça, estuda pra caramba pra fazer o trabalho” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Santa Efigênia, 27 jun. 2015).

Aline Maat aprendeu o tarô sozinha, através de livros. Fez somente um curso presencial com Nei Naiff no mês de abril de 2015³³ e percebeu que no curso ele detalhou algumas informações que no livro estavam presentes de forma resumida.

Cris não fez cursos. Mas teve alguns professores esporádicos “porque também não era uma época fácil igual agora”. Ela considera que atualmente a oferta é bem ampla.

Hoje você entra, a internet facilita isso, nesse ponto. Antes era uma coisa até muito velada e tudo. Ou você tinha professores assim muito famosos, por exemplo eu sou do Rio, na época era o Namur Gopala. Ele que trouxe o tarô pra cá, pro Brasil. Então ou era o bambambam lá ou então você se arriscava com algumas pessoas que você não conhecia. Então assim, como não era o meu foco, eu estudava às vezes junto com um colega ou alguém que já estudava há mais tempo. Eu falo professores porque as pessoas passaram a experiência que tinham também, mas não foi nenhum curso formal, nenhum curso como hoje, que se vê: estrutura, história do tarô, tiragens. Hoje você tem um conteúdo muito didático (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015).

Ela deve isso ao reconhecimento da ocupação, que teria acarretado em um maior cuidado com a formação dos tarólogos.

Cris tem no tarô sua única fonte de renda, e explica que isso é difícil na área. A maioria dos seus colegas tem um emprego fixo e com o tarô consegue um valor complementar, “um lado de realização pessoal”.

Aline reafirma isso, demonstrando o quanto é complicado se manter somente com o tarô: “tem alguns consulentes que voltam, mas não são muitos. Se fosse trabalhar só com

³² Vale lembrar que Aline Maat participa de uma linha da *Wicca*. Nela, os participantes entendem que a bruxaria é uma expressão de dons que a mulher já possui por natureza. “Toda mulher pode ser uma bruxa ou, em palavras de uma entrevistada, ‘se tem útero, é bruxa’, ao passo que os homens só dominam esse dom, visto como ‘natural’ das mulheres à custa de estudo, esforço e prática” (OSÓRIO, 2004, p.158). Existe aí um enaltecimento da possibilidade de gerar uma nova vida enquanto um ato mágico por excelência, dado o poder criador e transformador que encerra em si mesmo. Por ter uma concepção mágica inatista e pela dificuldade em aprender o tarô, inicialmente Aline achou que não teria dom para isso.

³³ Trata-se do curso ministrado em Belo Horizonte, “Tarô, oráculo e previsão”, que citei anteriormente. Por ser um curso avançado, para fazê-lo Nei Naiff orientava que as pessoas tivessem feito o curso básico de tarô ou que tivessem lido sua trilogia, intitulada “Estudos Completos do Tarô”. O primeiro livro é **Tarô: simbologia e ocultismo**. Ed Nova Era, 2012, 420p. O segundo é **Tarô: vida e destino**. Ed BestSeller, 2013, 464p. E o terceiro volume é **Tarô: oráculo e métodos**. Ed BestSeller, 2014, 392p.

leitura não ia me salvar não, não ia me dar estabilidade” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Santa Efigênia, 27 jun. 2015).

Embora não fosse o tema central esse assunto foi abordado, por iniciativa da plateia, no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia. Naquela ocasião Viviane (uma taróloga que participava do fórum enquanto ouvinte) disse que estava deixando a função de controladora de voo para se dedicar exclusivamente aos atendimentos de tarô e perguntou a opinião da mesa. Nei Naiff considera que é bom atuar concomitante a outra profissão:

É importante se sentir seguro pra fazer a transição. São várias questões. São necessários pelo menos três a quatro anos pra ter uma ‘carteira’ de clientes que voltam, criando uma demanda semanal. Eu tenho mais de 30 anos de experiência. Hoje eu tenho dificuldade de ter clientes novos, infelizmente (Informação verbal. Mediação de mesa redonda realizada por Nei Naiff no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia, São Paulo, 21 mar. 2015).

Vera Chrystina acha que largar um trabalho estável pelo tarô “é arriscado, porque tem época que se tem muitos clientes e em outras, ninguém” (Informação verbal. Apresentação em mesa redonda proferida por Vera Chrystina no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia, São Paulo, 21 mar. 2015). Vera aponta que é bom ter conhecimentos em várias áreas, para driblar as crises que eventualmente surgem.

Como os tarólogos frisam, leva-se tempo para conquistar estabilidade financeira neste ramo, o que demanda se tornar conhecido e reconhecido. Mas os profissionais da área também enfrentam outra dificuldade: a compreensão dos outros perante sua prática enquanto um trabalho como outro qualquer. O pagamento de um serviço místico, espiritual, ainda gera algumas discussões, principalmente dentre aqueles que não pertencem a este universo. Leigos no assunto nem sempre concordam que este tipo de serviço seja cobrado. Por vezes os tarólogos driblam questionamentos e comentários de pessoas que nem são consulentes, tampouco parecem ser simpatizantes com a sua prática. Eles entendem que por se tratar de um “serviço de cunho espiritual”, não deve ser cobrado. Cris do Tarot trata deste tema com alguns exemplos:

(...) [Uma] questão que é antiga, agora não tem mais isso: ‘Ah mas o tarólogo não devia te cobrar por que isso é um dom!’. Você já escutou isso? Uma grande mentira! O padeiro tem um dom, o médico tem dom, a costureira detém um dom. Mas todo mundo come, bebe, vive. Você usa o dinheiro para seu sustento. E outra coisa, não é uma profissão, eu não decidi fazer disso minha profissão? Então eu tenho que ganhar de acordo com meu esforço. No caso, eu faço curso, compro livro. Você viu, você foi no fórum, as coisas não são baratas, o tarô não é um instrumento de trabalho barato (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015).

Ninguém questiona o fato de que um profissional deva receber pelo serviço que realiza. O difícil para muitos é aceitar que o dinheiro, esse elemento de troca tão “mundano”, possa coexistir juntamente com o que há de mais “puro”: a espiritualidade.

Pelas observações realizadas durante minha participação no fórum nacional de tarô e durante as entrevistas, não me pareceu que os tarólogos tenham constrangimento ao cobrar pelos serviços. Embora afirmem que têm um ofício que envolve a espiritualidade e o sagrado, isso não se opõe ao entendimento que se trata de um trabalho.

O dinheiro é um meio criado para facilitar o intercâmbio de produtos, bens e serviços. Mas mensurar quanto vale um produto ou um serviço não é tarefa fácil. Uma resposta de um oráculo pode trazer tranquilidade, direcionamento quanto a como proceder etc., assim, como medir o valor dos possíveis benefícios e estipular um valor adequado a consulta? No caso de Cris do Tarot, por exemplo, ela considerou uma pesquisa de mercado para saber o valor médio das consultas. A partir daí, estipulou o valor das suas consultas. Segundo Vera Crystina, “cada tarólogo tem um preço. (...) O meu valor é o mesmo presencial e ao vivo, porque eu vou responder tudo o que o cliente quer” (Informação verbal. Apresentação em fórum aberto proferida por Vera Chrystina no 2º Encontro Nacional de Tarô e 19º Encontro da Nova Consciência. Campina Grande, 14 fev. 2010).

(...) the value of commodities is not based on some objective standard, but is merely the outcome of what people are willing to pay in relation to all the other goods and services they want, given the resources at their disposal. Money is the means of making these complex calculations (...) A lot more circulates by means of money than the goods and services it buys. Money conveys meanings and these tell us a lot about the way human beings make communities (Buchan, 1997). (...) Money is, with language, the most important vehicle for this collective sharing (CARRIER, 2005, s.p.)³⁴

Mas além do lado prático de sobrevivência em uma sociedade capitalista, existe também um sentido simbólico no ato do pagamento. Segundo Alcides, a importância do dinheiro no jogo de tarô está no fato de que as pessoas (tarólogo e consulente) não precisam

³⁴ “(...) o valor das mercadorias não é baseado em algum padrão objetivo, mas é apenas o resultado do que as pessoas estão dispostas a pagar em relação a todos os outros produtos e serviços que eles querem, dados os recursos à sua disposição. Dinheiro é o meio de fazer esses cálculos complexos” (...) Muito mais circula por meio do dinheiro do que os produtos e serviços que ele pode comprar. Dinheiro transmite significados e estes nos dizem muito sobre a forma que os seres humanos constroem comunidades (Buchan, 1997). (...) O dinheiro é, como a linguagem, o veículo mais importante para este compartilhamento coletivo (CARRIER, 2005, s.p., tradução minha).

se vincular. “Quando alguém joga de graça, ele assume o carma³⁵ do indivíduo”. Quando há um pagamento (ainda que seja um valor pequeno), há um corte, e uma desvinculação entre eles com o pagamento. O tarósofo, (como se intitula)³⁶ diz que se o consulente não paga o valor combinado, é ele quem assume um carma, e o universo vai fazê-lo pagar. Alcides já leu cartas em troca de algumas moedas ou como um presente de aniversário para o consulente. “É importante ter um valor, ainda que seja negociado. Tudo tem um custo, um preço” (Tarólogo. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Carlos Prates, 23 mai. 2015).

Alcides explica que ao abrir as cartas para uma pessoa, ele movimenta “energias” do universo e do consulente. Quando o jogo é encerrado, a última carta é colocada em posição distinta das demais (“deitada”, fica disposta na horizontal, enquanto todas as outras estão na vertical). Nesse momento há uma ruptura energética. Ainda que o consulente queira saber algo mais, não é possível abrir novas cartas, pois não haveria comunicação. Somente é possível esclarecer dúvidas que ainda existam sobre o que já está na mesa. Finalmente, quando o consulente paga, há um desvencilhamento cármico.

Se por um lado o pagamento desvincula “energeticamente” as partes envolvidas na consulta, o que parece é que afetivamente isso não precisa, de fato, acontecer.

O pagamento é uma retribuição consequente a um serviço prestado. O valor cobrado pelo profissional corresponde a uma soma de elementos: cobra-se pelo uso de seu conhecimento acumulado, habilidade (tempo de experiência), tempo utilizado na consulta em si, resultado obtido (no caso, as respostas e orientações). Com relação a esse último aspecto, as três mulheres entrevistadas relataram que a satisfação encontrada na leitura de cartas e no relacionamento com os consulentes também equivale a um pagamento. “Há consulentes que dá vontade de pagar pra eles” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Barroca, 21 jul. 2015). Eventualmente a relação se inverte, dificultando a compreensão de quem deveria pagar a quem pela consulta.

Também existem casos de consulentes que se tornam amigos, “batem papo antes da consulta” (Tarólogo. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Santa Efigênia, 27 jun. 2015). Segundo Sávia e Cris do Tarot, alguns consulentes ligam como

³⁵ Termo associado a religiões espiritualistas. Representa a relação de causa e efeito nas ações dos indivíduos, de modo que tudo o que cada um faz tem consequências.

³⁶ Na Escola Antiga do Tarô, Alcides propõe a iniciação de tarósofos. Conforme esclarece, “taromante é um jogador de carta, não quer estudar. Tarólogo estuda o conhecimento, o tarô (intelectualmente, didaticamente, racionalmente), quer aprofundar e compreender o que faz. Tarósofo vive o conhecimento, aplica o tarô vivo, ambulante” (Tarólogo. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Carlos Prates, 02 mai. 2015). Em sua fala, Alcides denuncia uma “distinção de espaços” (BOURDIEU, 1989), sugerindo que o tarósofo seria um profissional mais refinado, por “viver o conhecimento”.

amigos para conversar e nem sempre para agendar horários. Elas entendem esse estreitamento de laços de modo positivo, pois consideram que é uma troca em que ambas as partes ganham. É a relação de reciprocidade: dar, receber e retribuir definida por Mauss.

Quanto à proximidade que tem de seus consulentes, Cris do Tarot relata:

eu tenho, se é que a gente pode chamar de amigos, clientes que depois de muito tempo acabam virando amigos. Porque você é o conselheiro e aquela pessoa tá precisando ouvir naquele momento, então acaba que existe uma certa afinidade que vai sendo trabalhada. Então não vejo muita diferença, é lógico que você ver a pessoa ao vivo, a cores igual a gente tá aqui, sentar, conversar, é diferente de eu tá só ali pelo *Skype*, mas a relação em si não vejo grandes diferenças não. Pessoal que me manda o *feedback* depois até mostra foto, tipo assim: ‘Oh, olha, agora as coisas tão mais bacanas’. A relação é bacana, é uma troca boa, até mesmo a gente pode falar afetuosa, porque hoje em dia é tão difícil isso de demonstração assim, mas eu acho que tem uma coisa bacana aí nessas relações (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoerinha, 10 jul. 2015).

Quando a relação entre tarólogo e consulente se torna mais íntima, além de previsor de situações o tarólogo passa a ser visto também como conselheiro, “ombro amigo” confidente, relação esta que é permeada de afeto. Assim, o status de cliente pode avançar para o status de amigo e, dependendo dos interesses do consulente, para o de aluno.

3.7 Trânsitos: consulentes, alunos, amigos

Por ser fundador de uma escola de tarô em Belo Horizonte, Alcides lida com dois públicos distintos: os que querem ser atendidos e os que querem fazer cursos. Percebe que alguns o procuram para consultas devido à escola, porque isso dá uma credibilidade maior, “de trabalho sério”.

Explica que não usa o termo “cliente”, “porque [com isso] vê apenas um cifrão”. O termo “paciente”, por sua vez, dá uma ideia de passividade. Quer uma interação com a pessoa, por isso prefere o termo “consulente”.

Alcides lamenta que geralmente os consulentes querem reafirmação da própria opinião e vontade: “a maioria das pessoas quer que o tarólogo assuma a responsabilidade por eles”. Explica que dispensa clientes que querem somente adivinhação. Teve épocas que só atendia pessoas indicadas ou que quisessem “seguir o caminho”³⁷. Hoje diz que não está tão radical, está mais livre.

³⁷ Note-se que em linguagem nativa, “seguir o caminho” está relacionado ao caminho do louco. Para alguns tarólogos, “o Louco” é o arcano mais importante do tarô, pois representa o caminhante em sua jornada de autoconhecimento rumo à sua realização pessoal e espiritual.

Cris do Tarot ministra cursos de final de semana, que são cursos básicos, através dos quais a pessoa aprende como estudar com o tarô, mas ela esclarece que isso não é suficiente para a realização de leituras profissionais. A pessoa “vai aprender a ler sim, a gente brinca que vai usar as cabaías da família e tudo mais pra ela ver como que é o *feedback* daquilo que ela tá vendo ali. Mas o tarô precisa amadurecer. Então é uma experiência que leva um tempo, não é de uma hora pra outra” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015). Além de estudo simbólico e treino interpretativo, é frisada a importância da própria “experiência” do futuro tarólogo com o oráculo. Aqui ela trata do valor da vivência e da transformação do olhar, conforme foi mencionado anteriormente.

De acordo com as observações de Cris, geralmente as pessoas que fizeram cursos com ela tinham interesse pelo autoconhecimento, “de satisfazer uma necessidade, uma curiosidade de si mesmo, entender o que tá se passando com ele, com o mundo em volta” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015). Relata que poucos tinham o interesse de atuar na área, o que também é uma percepção de Aline em sua experiência ministrando cursos. Ao mesmo tempo, Cris do Tarot observou que poucos clientes manifestam interesse pelos cursos. Provavelmente isso aconteça porque os consulentes estão mais voltados para as respostas do que para a construção delas.

4 ATENDIMENTOS *ONLINE*: EXPERIÊNCIAS E POSICIONAMENTOS DO PONTO DE VISTA DOS TARÓLOGOS

Apesar de algumas vantagens, tais como: encurtar distâncias, economizar tempo e reduzir custos, a oferta de consultas *online* não é um consenso dentre os tarólogos. Há quem defenda que um atendimento face a face tenha qualidade superior ao atendimento à distância. Outros, ao contrário, alegam que em ambos os espaços é possível conectar com a “energia” do consulente, de modo que para estes profissionais não existiriam comprometimentos na eficácia da consulta.

Pode-se dizer que a leitura das cartas quando realizada em ambiente *online* apresentase com “nova roupagem”. Na *web* o tarólogo torna-se blogueiro, escritor e publicitário de si mesmo. Amplia a divulgação dos serviços, alcançando um público sensivelmente maior através dos *posts*, curtidas e comentários nas redes sociais.

Através da internet, tarólogos têm a oportunidade de interagir com maior frequência e intensidade tanto entre si quanto com consulentes ou pessoas interessadas no assunto. Direcionam perguntas, comentários, fotos e piadas uns para os outros. Também é comum encontrar na *web* conselhos dos profissionais direcionados aos consulentes. São “dicas” para que eles compreendam e aproveitem melhor o que é oferecido em uma consulta de tarô ou alertas contra possíveis charlatões e aproveitadores. Observa-se que os tarólogos estão ocupando sem qualquer pudor ou receio os espaços do mundo *online*.

Considerando a experiência dos tarólogos entrevistados, a maioria deles afirma ter iniciado os atendimentos *online* nos últimos cinco anos.

A primeira consulta “à distância” de Alcides aconteceu em 2013. O custo foi igual ao presencial e nos atendimentos que fez por telefone cobrou a metade do habitual, porque considera que é a pessoa que arca com os custos da ligação. Alcides atendeu três pessoas por celular, sendo que todas elas já haviam sido atendidas presencialmente por ele. Atendeu duas pessoas por *Skype* que o conheceram pelo *Facebook*: uma reside em São Paulo e a outra na Bahia. Também já atendeu pelo *chat* do *Facebook*. Este consulente estava no trabalho e reside no Rio Grande do Sul. Ele foi indicado por um conhecido e, apesar da relutância em atendê-lo, Alcides “não quis se queimar como tarólogo”, já que havia sido uma indicação. Alcides explica que não gosta de usar o *Facebook*, “usa por necessidade”. Naquela ocasião, conferiu o comprovante de pagamento e depois jogou. Também relata que teve uma experiência por

email. “É pior que no *chat*, porque o tempo da interação é diferente” Não gosta da assincronicidade.

No meio *online* a comunicação pode ser síncrona ou assíncrona. A primeira ocorre em tempo real, ou seja, as partes envolvidas na troca de mensagens têm acesso imediato às respostas e reações do outro. A segunda é aquela em que a troca de mensagens é intercalada por um algum período de tempo, uma vez que os interlocutores não estão presentes simultaneamente. Enquanto o *Skype*, semelhante ao telefone, é uma ferramenta síncrona por natureza, o *email* e o *chat* oscilam de acordo com a disponibilidade das pessoas, sendo às vezes síncronos outras vezes não.

Alcides não divulga que oferece o atendimento *online*, mas se surgir faz, embora deixe bem claro que não gosta. Atendeu somente porque os consulentes pediram. Considera que cada consulente *online* escolheu uma ferramenta (telefone, *chat*, *Skype* ou *email*) de acordo com o momento. O rapaz que estava no trabalho não podia abrir o *Skype*, por isso conversaram pelo *chat*. Já os atendimentos realizados no *Skype* foram agendados com mais antecedência.

No atendimento presencial, geralmente Alcides abre o jogo e fala o que o jogo mostra. Na experiência que teve nos atendimentos *online*, as pessoas chegaram até ele com perguntas específicas. Como diferença entre as modalidades, aponta que o jogo na internet é mais rápido. Outra mudança é a descrição detalhada que faz de cada carta que tira, porque o consulente não está vendo. Afirma que sua forma de ler cartas é idêntica em ambos os ambientes.

Apesar da preocupação em conferir o pagamento antes de realizar a leitura, Alcides lembra que os calotes também surgiam no passado, com os cheques sem fundo. Mas afirma que “deixar o consulente depositar depois não é interessante, senão vai jogar grátis” (Tarólogo. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Carlos Prates, 23 mai. 2015). Tentou trabalhar em dois *sites*, mas cita que em um deles teve “problema com o programa” e quando ia fazer nova tentativa teve vírus no computador, de modo que acabou desistindo.

Cris do Tarot não se recorda em que momento começou a oferecer atendimentos *online*, mas sabe que foi uma demanda das pessoas. Cita que uma cliente tinha se mudado e perguntou se poderia ser atendida pelo *Skype*. Elas tentaram e avaliaram que não perderam em nada no quesito de qualidade. Sobre as diferenças entre os atendimentos presenciais, Cris explica que a consulta que oferece no *Skype* é mais reduzida, é menor porque é mais objetiva.

“Eu não acho interessante abrir grandes jogos no *Skype*. A pessoa tá longe, ela quer uma orientação normalmente sobre algum assunto mais específico, então o que eu fiz foi fazer uma consulta menor mais que fosse bem direta pra atender aquela necessidade naquele momento” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015).

Dentre as ferramentas disponíveis para o atendimento *online*, Cris só utiliza o *Skype* devido a sua facilidade. A taróloga tem dois *blogs*: “Cris do tarot” e “Paladar do tarot”, mantém um perfil no *Facebook* e outro no *Linkedin*. São espaços onde ela divulga o trabalho. Fora estes locais, só tem uma propaganda fora, no *site* Clube do Tarô. Não percebe diferenças entre as pessoas que entram em contato com ela por um caminho ou por outro (*blog*, *Face*, *Linkedin*). Avalia seus consulentes da seguinte forma:

são pessoas que tão muito atentas a questão de qualidade, com quem vai entrar em contato. O pessoal que vem através do *blog* [geralmente] já leu tudo, já procurou se informar como é a minha consulta. Então são pessoas que realmente estão preocupadas em ter um atendimento legal. (...) eles me conhecem, eu não conheço [eles]. Eles me conhecem por que vêem as postagens, mais eu não [os] conheço pessoalmente, não tenho ligação com as pessoas (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015).

Cris nunca atendeu em *sites*. Já foi convidada para trabalhar deste modo, mas baseada no que ouvia dos colegas, formulou uma opinião negativa sobre estes espaços.

Eu tenho horror a *sites*. (...) eu acho uma exploração tanto do profissional quanto da pessoa que liga. (...) Quando uma pessoa vem me procurar, ela agendou a consulta, ela teve tempo de pensar se ela realmente quer a consulta. Ela teve tempo de ler sobre mim e ela sabe o quanto ela vai pagar, o meu valor de consulta é fechado. Então, ela não vai pagar a mais se eu ficar no telefone, *Skype* com ela. (...) não posso falar por todos [*sites*], vou falar de algumas coisas que eu já vi. Os *sites* normalmente têm os profissionais disponíveis que você liga a hora que você quiser e aquela pessoa tá sendo atendida. Se você tá no momento de desespero você vai ligar pra um profissional desses não importa o quanto você vá pagar, e se você tá num momento de desespero, você não tá vendo quanto tempo tá se passando a consulta. Ou seja, você está num serviço em que você não sabe no final qual a despesa daquilo ali, se você teve um impulso ou alguma coisa assim e arrepende depois, já foi. Então eu não acho ético esse tipo de coisa. E assim, a maioria das pessoas já sabe disso, tanto é que já me pararam de chamar pra *site*. (...) Mais não, muito obrigada! (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015).

Diferente de Alcides e Cris do Tarot que iniciaram os atendimentos *online* para atender a demanda dos consulentes, Sália dirigiu-se a essa modalidade espontaneamente, pois percebeu que seria uma oportunidade de aperfeiçoamento na prática. Sobre sua atuação em

sites, cita “Oráculos Web”, “Caminhos do Tarô” e “Astrocentro” como os melhores que já trabalhou.

[São] *sites* mais conhecidos. Eu tava no Astrocentro agora, aí eu passei a trabalhar em horário integral [como jornalista]. Aí tive que sair porque eles tinham uma exigência de ter uma meta a cumprir, e não deu pra cumprir (...) Lá no Astrocentro eu posso até usar o meu nome. Eu tenho que fazer assim, por exemplo, trezentos reais por mês, eu não lembro direito, se eu não fizer nos três meses consecutivos eu sou retirada [e] eu não tive tempo de atender (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Barroca, 21 jul. 2015).

Naquele *site* o combinado era atingir uma meta de valor em todos os atendimentos do mês. Mas nem todos os *sites* funcionam dessa forma. Alguns exigem a disponibilidade do tarólogo nos dias e horários de interesse da empresa. Outros deixam o profissional organizar sua própria escala de horários, considerando apenas uma carga horária semanal a cumprir.

Neste meio é comum que os prestadores de serviço atendam nos *sites* sem nenhum contrato formal: “é um contrato boca a boca, não tem uma garantia trabalhista” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Barroca, 21 jul. 2015). Como se trata de um acordo às escuras, ela já se viu em situação desfavorável, atuando em *sites* “picaretas”. Mas explica que é possível evitar ou minimizar os prejuízos:

Então, o primeiro mês que você vê que a pessoa te enrolou você já sai fora, ou, quando a pessoa te chama pra trabalhar você já pergunta pra outros colegas como é que é o *site*. Você já sabe quais são os *sites* corretos, então nessa questão de picaretagem de não pagar tem muito mesmo, tem mais picaretas do que menos, eu acho. Mais tem os *sites* corretos, pessoas que pagam direitinho, no dia certinho (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Barroca, 21 jul. 2015).

Segundo a taróloga o atendimento nos *sites* é bom principalmente para treinar. Sávia diz que nos finais de semana tem muita procura de consulentes, o que também é expressivo nos meses de dezembro.

O atendimento na internet a princípio a gente recebe pouco, mais se o *site* é bom, cliente não falta! Se você tem tempo pra dedicar, por exemplo, sábado e domingo, o atendimento *online* é excelente pra você aprender. (...) tem muito cliente sábado a noite, domingo a tarde é excelente pra atender e é muito bom pra você praticar porque você tem que fazer uma leitura muito rápida, dinâmica, tem que aprender a lidar com todo tipo de gente (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Barroca, 21 jul. 2015).

Geralmente os profissionais recebem como pagamento uma comissão de cerca de 30 a 35% do dinheiro que o consulente pagou ao *site* pelas consultas. Diante da desigualdade

decorrente desta divisão do trabalho, é que os empresários dos *sites* têm receio que os tarólogos atendam os consulentes “por fora”. O fato dos tarólogos conhecerem o valor final que o consulente pagou e a parcela bem menor que eles receberam, pode deixá-los incomodados com a exploração do seu trabalho. Mas esta relação também pode ser vantajosa do ponto de vista dos tarólogos. Nesse aspecto, Sália cita como exemplos a possibilidade de aprendizagem, que acontece tanto quantitativa quanto qualitativamente. O que ela estima é que dificilmente atenderia um público intenso e diversificado, já que dedica a maior parte do seu tempo ao jornalismo.

Ao fazer uma busca nos *sites* que ela atuou, observei que eles cobravam valores aproximados. Em novembro de 2015 cada minuto do *site* “Oráculos Web” custava R\$2,10, sendo que periodicamente são oferecidas promoções. Na madrugada, por exemplo, as consultas custavam R\$1,40 o minuto para os horários compreendidos entre 2 e 6 horas da manhã. O tempo mínimo que podia ser adquirido pelo consulente era de 10 minutos e o máximo era 5 horas. O que o *site* não informava no primeiro momento, é que esses valores são para as consultas via *chat*. O custo normal dos atendimentos por vídeo era de R\$2,40 o minuto. No “Caminhos do Tarô” o valor promocional era de R\$1,88 o minuto, sendo o preço normal de R\$2,15 tanto para as consultas pelo telefone ou pelo *chat*. Neste *site* é possível pagar antes ou em até três dias depois do atendimento. Já no “Astrocentro” o valor das consultas com os esotéricos (assim apresentados no *site*) oscila de acordo com as ferramentas utilizadas. As “consultas livres” (sem definição prévia de tempo) que acontecem através do telefone custavam a partir de R\$3,99 o minuto, por *chat* custava a partir de R\$2,99 o minuto e via *email* a partir de R\$25,00. Neste último caso, os valores podiam variar de acordo com o “esotérico”. Em novembro de 2015 existia uma promoção válida apenas para a primeira consulta, de modo que a fração de 15 minutos custava R\$15,00. Em todos estes *sites* o cliente devia fazer um cadastro antes das consultas. Observando rapidamente parece que são valores baixos, mas isso deve ser avaliado com cautela. Geralmente, os profissionais autônomos que atendem negociando diretamente com os consulentes têm valores fixos para a consulta. Segundo Cris do Tarot, o valor médio de um atendimento *online* de uma hora de duração é de cerca de R\$80,00. Nestes *sites*, uma consulta com este tempo pode custar de R\$ 84,00 a R\$239,40.

Mas nem todos os consulentes pagam pela hora, já que o *site* disponibiliza a consulta a partir de dez minutos. Por causa disso, Aline não gostou muito da experiência. Trabalhou em 4 ou 5 *sites* e ficou na maioria deles por cerca de 6 meses. Neles, tinha que “atender muito

rápido, a pessoa ficava pensando nos minutos que estava perdendo ali. E também o pagamento não compensava” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Santa Efigênia, 27 jun. 2015). Era comum que o atendimento caísse (fosse interrompido) porque o tempo pago pelo consulente foi insuficiente.

Segundo Sávia, com relação aos atendimentos agendados diretamente com ela, sem intermédio dos *sites*, os custos do atendimento presencial e *online* são os mesmos, bem como a duração deles. Nos *sites*, Sávia já atendeu via PABX, *email*, *chat* e *Skype*. Percebe que as pessoas que escolhem ser atendidas pelo PABX e *Skype* “geralmente querem conversar e ouvir”.

Na opinião de Sávia, o que influencia a leitura é o estado do tarólogo no dia e o tipo de consulente. Quando me concedeu a entrevista, Sávia não estava trabalhando em nenhum *site*. Explica que também tinha sido afastada do seu trabalho de jornalista pelo médico psiquiatra que a acompanha para melhor tratar do quadro de depressão que apresenta já há alguns anos. Como não estava se sentindo bem não estava atendendo, mesmo que lhe pedissem. Sabe que não teria condições de oferecer um bom atendimento. A respeito dos tipos de consulentes que mencionou, Sávia explica que aqueles que falam pouco e “ficam parados”, esperando pelo tarólogo, não dão *feedback* (concordando ou discordando) geralmente recebem uma leitura empobrecida. Isso porque a leitura demanda um diálogo entre os três envolvidos: o consulente, o tarô e o tarólogo.

Também no universo neo-esotérico uma tríade foi observada por Magnani (1999), composta pelo indivíduo, a comunidade e a totalidade. O primeiro é entendido como um ser em evolução cíclica, em estreita relação com um “eu” maior, superior e do qual ele originou, entendido como a totalidade. A comunidade, por sua vez, seria mais um caminho para o indivíduo acessar a totalidade.

O modelo ideal, portanto, supõe o indivíduo, tomado em sua integralidade (corpo/mente/espírito), que pertence ao seio de uma comunidade considerada harmônica e se aperfeiçoa nele; ambos imersos e integrados numa realidade mais inclusiva e total, da qual é preciso tomar consciência (MAGNANI, 1999, p.90).

Segundo a fala de seus praticantes, o tarô apresenta estreita relação com a espiritualidade. Isso é exemplificado por Alcides, que define: “o tarô é sagrado, pois [com ele] se acessa a caixa universal (...) tem vínculo com a expansão da consciência” (Tarólogo. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Carlos Prates, 23 mai. 2015). Por isso, entende-se que o tarô pode ser usado como mediador entre o indivíduo e a totalidade. A tríade

proposta por Magnani para compreensão dos neo-esotéricos também cabe neste caso, de modo que o tripé seria erguido pelo indivíduo ou consulente que alcança uma aproximação com a totalidade via autoconhecimento, “expansão da consciência” obtida através da comunidade intérprete das cartas. Mas os três elementos são importantes na tríade, de modo que se o consulente se omite e não participa “adequadamente”, o tarólogo não tem condições ideais (plenas) de fazer o seu trabalho, por melhor que esteja preparado simbolicamente. Isso porque a prática do tarô se realiza através de uma dinâmica de perguntas e respostas, cujo enredo interpretativo das cartas é norteado também pelos *feedbacks* do consulente. Por outro lado, é comum ouvir dos seus praticantes: “o tarô sozinho não é nada”, ressaltando que embora seja um elemento muito importante, ele também depende do seu intérprete.

Segundo Leach, os homens apresentam três tipos de comportamento: o racional técnico, o comunicativo e o mágico (LEACH, 1972). Por este viés, pode-se entender que a leitura de cartas é um comportamento comunicativo e mágico. Isso porque faz parte de um sistema que serve para transmitir informações no qual existe um “código de comunicação culturalmente definido”. Ao mesmo tempo, “é dirigido para evocar a potência de poderes ocultos, embora não se pressupõe ser potente em si” (LEACH, 1972, s.p.).

Na leitura do tarô, o consulente leva para a mesa suas dúvidas e inquietações. O tarólogo leva seu arcabouço teórico, sua intuição e seu baralho. A função do tarô é a de intermediar a comunicação, esclarecendo informações. Mas além desses elementos, pode-se dizer que há mais um que é igualmente importante, pois circula entre eles. Nesse tipo de relação observa-se aquilo que Marcel Mauss (2007) chamou de *mana*. É uma categoria inconsciente do entendimento, uma ação, uma qualidade e um estado.

O *mana* circula entre o consulente, o tarô e o tarólogo. É porque existe uma noção de eficácia no instrumento e no especialista que o primeiro vai em busca dos demais. Por outro lado, quando o tarólogo tem suas previsões reconhecidas como “acertadas”, ele tem um aumento de credibilidade não só perante os clientes, mas também perante os seus pares. Com isso, o tarólogo se torna cada vez mais empoderado pelo *mana*, o que retroalimenta a sua relação com o oráculo e seu status no meio social.

Mas nem todos os tarólogos estão empoderados pelo *mana*. Vez por outra surgem consulentes apáticos. Alguns se comportam assim por característica própria, outros por ignorância de como funciona o atendimento e outros ainda porque querem “testar” o profissional. Entretanto, essa conduta minimiza a quantidade e/ou a adequação das informações que poderiam surgir na consulta.

Aline Maat iniciou os atendimentos *online* pela praticidade e por ser um terreno que se sente confortável. Diz que começou a entender o tarô em 2012 e passou a atender no final de 2013. Tinha aprendido a técnica da mandala astrológica³⁸ e colocou no *Facebook* que “precisava de uma cobaia para aprender”. Atendia por *email* e pedia *feedbacks* de todos. Relata que “nem atendeu muito, porque o pessoal dava um retorno bom”. Naquele momento não cobrava a consulta porque estava treinando. Somente passou a cobrar quando teve segurança “para divulgar como trabalho” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Santa Efigênia, 27 jun. 2015).

Em alguns dos *sites* que atendeu, os proprietários pediam alguma leitura antes para confirmar se ela sabia mesmo. Aline não conheceu outras pessoas que, como ela, atendiam nos *sites*, mantinha contato somente com quem a contratava e sempre de modo informal. Recebia a porcentagem referente aos atendimentos realizados, através de depósitos mensais.

Comenta que em um deles a dona do *site* orientou que quando o assunto fosse morte ou traição, não era para ela falar ao consulente. Ela não sabe até que ponto isso é bom ou ruim. Mas diz que, na maioria dos casos, a pessoa não aceitava escutar a mensagem que o tarô tinha para dizer. “Uma vez estava com dois *sites* abertos [disponível para atendimento em dois *sites* ao mesmo tempo], uma pessoa perguntou se fulano gostava dela. [Respondi]. Ela saiu do *chat* e, sem saber que eu atendia no outro *site*, ela perguntou a mesma coisa. Ela não acreditou” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Santa Efigênia, 27 jun. 2015). Segundo Aline, “a maioria das pessoas fica incomodada quando não escuta o que quer ouvir”. Por isso, desistiu de dar conselhos na tentativa de mudar a opinião das pessoas para ajudá-las. Simplesmente explica a situação que identifica através das cartas.

De todos os *sites* que atuou, somente em um deles Aline “sentiu” que a proprietária estava oferecendo um trabalho bom. A impressão que tinha é que nos outros eles estavam somente querendo ganhar dinheiro. No *site* que ela gostou, ela pediu para colocar a própria foto e explica que acha que isso passa confiança.

³⁸ É uma técnica de leitura de cartas. Na mandala astrológica são abertas 13 cartas, entendidas como “casas”, em um círculo. Cada uma delas representa uma esfera da vida da pessoa. Em geral, os sentidos atribuídos a cada uma delas são: A casa 0 representa o consulente; a 1 as tendências pessoais, o momento; a 2 bens materiais, valores espirituais e morais. A 3 representa a comunicação, intelecto, o ambiente próximo; a 4 o lar, a família; a 5 talento e criatividade; 6 trabalho e saúde. 7 casamento, sociedade; 8 mudanças que estão acontecendo; 9 religiosidade, justiça. 10 carreira, status; 11 projetos futuros e 12 inconsciente. Pela quantidade de cartas abertas e por permitir uma visão panorâmica da vida do consulente, a mandala é considerada uma técnica mais abrangente. Existem técnicas que abrem menos cartas e que são, portanto, mais simples. Por ser mais demorada, alguns tarólogos a utilizam apenas no atendimento presencial.

Pelos *sites* você vê a diferença. [No] ‘Leitura tarô’ [por exemplo] você vê na página a dedicação das pessoas. Em outros, parece que é um jogo de videogame, de tão estranho, não é humano, parece que você não tem acesso à outra pessoa. (...) Teve um *site* que fiquei apenas uma semana e percebi que não rolava. Era um virtual muito virtual, parecia que não tinha uma pessoa do outro lado (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Santa Efigênia, 27 jun. 2015).

Aline atende presencialmente somente os amigos. Profissionalmente, atende exclusivamente por *email*. Não gosta dos *chats*, embora eventualmente faça trocas de leituras entre tarólogos por *chats*. Na consulta por *email* a pessoa passa os dados (nome completo, data de nascimento), ela faz a leitura e depois escreve no intuito de esclarecer a situação. Responde em até 48 horas e caso o consulente não entenda algo, ele pode tirar dúvidas. Diz que:

prefere pegar um tempo e fazer a leitura, analisar, escrever sem pressa nenhuma, por isso gosta da leitura por *email*. A chance de ajudar a pessoa é maior. A maioria [dos consulentes] faz uma pergunta. Mas se pede: ‘vê minha vida como está’, eu faço a mandala [astrológica] (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Santa Efigênia, 27 jun. 2015).

Esclarece que oferta atendimentos *online* porque é introspectiva, tem mais facilidade com a escrita do que com a fala. “Travava com a pessoa na minha frente”. *Online* faz o atendimento mais tranquila, consegue elaborar a resposta com mais calma. “Fazendo presencial sempre faltava alguma coisa. Pra mim é uma questão pessoal, da minha personalidade” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Santa Efigênia, 27 jun. 2015).

Aline relata que a maioria das pessoas que a procura quer o atendimento presencial. “A pessoa quer ver se a pessoa está tirando o tarô, quer ver as cartas, acho que passa mais segurança. Nesse caso eu falo: ‘sinto muito’. É mais uma questão interna, de me expressar. É uma questão de costume. A maioria [dos consulentes] cede e faz por *email*” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Santa Efigênia, 27 jun. 2015).

Em geral, os custos dos atendimentos presenciais e *online* podem variar se também variarem os serviços prestados pelo profissional. Geralmente aqueles que entendem que a consulta *online* é mais objetiva, portanto com duração de tempo menor, cobram cerca de metade do valor do que cobrariam no atendimento presencial. Já aqueles profissionais que nada alteram em sua prática cobram por ela o mesmo valor, sem distinções.

A consulta *online* de Cris do Tarot acontece somente pelo *Skype* e tem tempo médio de trinta minutos, variável se a pessoa preferir uma consulta maior. Já o atendimento

presencial dura até uma hora e meia. Mas afirma que em geral nada é alterado em sua forma de ler cartas em ambas as modalidades de atendimento.

O que vai mudar é a questão da abrangência, se tem mais tempo, eu tenho mais tempo de explorar mais assuntos, mais detalhes. Se eu tenho menos tempo eu vou ser mais pontual. A grande diferença é que na consulta presencial a tiragem que eu abro primeiro ela é abrangente, então ela já fala por si. Vou abrir a mandala astrológica, vou falar um pouco de cada assunto ‘de cara’, muitas vezes já responde muita coisa ali. E na consulta *online* a pessoa me traz a questão, então ela já vai [dizer]: ‘eu queria saber sobre isso, to precisando daquilo’, então ela já direciona. Ela tem a informação que ela quer mas é uma informação já filtrada, quer dizer, pela prioridade dela. E na presencial não, é uma coisa maior, você tem mais informações além daquilo que você achava muito importante vem uma série de outras informações que também vão te ajudar no final das contas (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015).

Cris cita o uso de técnicas distintas em cada modalidade de atendimento. Sávvia, nas consultas que oferecia através dos *sites*, adaptava a técnica: utilizava quatro baralhos, 2 tarôs Rider-Waite e 2 baralhos ciganos (Petit Lenormand). Ela explica que isso é para ser mais rápida, porque se a pessoa fizesse várias perguntas em sequência ela não precisaria embaralhar novamente. Em sua opinião, os consulentes digitam as perguntas em um documento do *Word* e durante a consulta copiam e colam. Ela tem essa hipótese porque as perguntas aparecem na tela muito rápido, num tempo curto. Antes ela ficava ansiosa com essa situação, mas depois passou a responder conforme conseguia, sem se preocupar com o tempo. Respondia quantas perguntas era possível, “até o atendimento cair”, com a expiração do tempo pago pelo consulente. Nesse tipo de atendimento, cita que a maior dificuldade é a comunicação: deve oferecer uma orientação a mais clara possível, a fim de evitar mal-entendidos. Entretanto, pelo fato de ser jornalista, “digita rápido e escreve relativamente bem”, o que considera que a ajuda na atividade desenvolvida.

Cris relata que tem aproximadamente a mesma quantidade de consulentes presenciais e *online*. Considera que o que leva o consulente a buscar por um tipo de atendimento ou outro seja principalmente sua disponibilidade de deslocamento. Cita como exemplo que atende pessoas que estão residindo em outros países e que quando eles estão no Brasil marcam consulta presencial.

Alcides não divulga que realiza atendimentos *online*, oferecendo apenas sob demanda. Ele frisa que prefere o atendimento presencial principalmente pela tradição e porque em sua concepção há uma “perda energética” no atendimento à distância.

José Guilherme Magnani, ao acompanhar o circuito neo-esotérico em São Paulo na década de 1990, percebeu que a tradição é norteadora de várias e distintas linhas de pensamento, funcionando também como a

instância legitimadora de todos estes discursos (...) no meio neo-esotérico, ‘Tradição’ é considerada a fonte e depositária de determinado tipo de conhecimentos a respeito da natureza, destino e lugar do homem na ordem mais geral do universo, produzidos ao longo do tempo, nas mais diferentes sociedades. Disseminados e não raro dissimulados num amplo corpo de doutrinas secretas, mitos, fórmulas herméticas e saberes empíricos, tais conhecimentos formariam uma corrente perene e ininterrupta – ainda que descontínua e às vezes subterrânea ao plano da manifestação – suscitada por questões comuns a toda a humanidade (MAGNANI, 1999, p.82-83)

Ao observar os assuntos que mais se repetiam neste meio, Magnani propôs uma distinção entre discursos que coabitam a tradição. Assim, ela foi compreendida como porta voz de uma vertente “erudita”, que apresenta documentos escritos ou conjuntos significativos de cultura material e ao mesmo tempo a tradição também representa outra vertente “ágrafa/popular”, cujas contribuições são acessíveis mediante a oralidade ou por vestígios arqueológicos.

Dentre as fontes eruditas estariam:

a) **Grandes civilizações** do passado, já desaparecidas, ou já não mais em seus dias de esplendor. As mais recorrentes são as tradições genericamente designadas como orientais – que incluem códigos e panteão religiosos, corpos de mitos, sistemas divinatórios, técnicas de cura e ordenamentos morais provenientes de ou referidos ao Antigo Egito, às cidades-estado da Mesopotâmia, à Índia, Extremo Oriente – sem maiores referências à duração, superposição ou abrangência das respectivas áreas e períodos de influência; b) **O esoterismo ocidental**, que vai dos cultos de mistérios gregos e romanos, passando pelo druidismo celta, pela cabala e alquimia medievais e renascentistas até as sociedades ocultistas da época moderna; c) **As civilizações sul e meso-americanas**, principalmente a incaica, azteca e maia; d) Por último, figuram os saberes atribuídos a **civilizações e/ou cidades perdidas** como “Atlântida”, “Lemúria”, conhecidos por um suposto registro arqueológico (principalmente inscrições rupestres) ou por traços preservados no interior da cultura de outros povos (MAGNANI, 1999, p.83).

Durante esta pesquisa, observou-se que os tarólogos entrevistados pertencem a esta tradição “erudita”, conforme proposição de Magnani. As tarólogas apresentam uma proximidade ao “esoterismo ocidental”, explícita pelo vínculo com o ocultismo (Aline Maat e Cris do Tarot). Já Alcides defende “civilizações e/ou cidades perdidas”. Sua escola, a Antiga Escola do Tarô aceita como fato que a origem deste oráculo aconteceu na Antiga Atlântida.

Como Magnani observou, em geral existe uma defesa da tradição porque, segundo a linguagem nativa, “preserva algo de que o homem contemporâneo, dominado pelos imperativos de uma modernidade que terminou se revelando arrogante e parcial, fora despojado” (MAGNANI, 1999, p.84). Isso se torna visível no posicionamento do tarólogo Alcides, que considera que a sociedade atual está doente e que uma das marcas disso é o imediatismo. Ele diz que já foi muito criticado por valorizar a ideia do sagrado. Denomina-se uma pessoa radical, que trabalha em função de princípio. Não pode trair seus princípios. Um deles, inclusive, é resgatar a tradição antiga, que também é proposta da tarosofia.

Segundo Alcides, a maioria dos tarólogos considera normal acompanhar a evolução tecnológica. Não generaliza, sabe que existem pessoas íntegras, mas acredita que tanto eles quanto os consulentes “deixaram-se levar pela tecnologia e superficialidade”. Para ele, a interação energética fica limitada, a espiritualidade não pode ser mecanizada. Considera que a pessoa deve ver o jogo e a relação mediada por computador limita o contato, “não há intimidade, e sim distância” (Tarólogo. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Carlos Prates, 23 mai. 2015).

Alcides pensa que o consulente *online* – salvo as exceções das pessoas que têm limitações de locomoção – estão em busca de comodidade, “nada profundo, sério”. Para ele são pessoas curiosas, mas que não estão dispostas “a ir atrás da informação”. Compara com aquele indivíduo que lê horóscopos sempre, mas não tem iniciativa de resolver as questões da sua vida.

Considerando a contemporaneidade, Cris do Tarot acredita que a pressa seja uma característica do estilo de vida atual. Aqueles profissionais que se negam a responder o que os consulentes demandam estariam “fazendo birra”, presos às próprias concepções. Com isso, estariam desconsiderando o que realmente importa neste momento para o consulente.

O imediatismo tá aí, não tem como você ir contra isso, num mundo do jeito que tá, com tudo tão rápido, formação rápida, é natural até que as pessoas estejam mais apressadas, mais correndo. Essa questão vai muito na questão do autoconhecimento. Tem muito tarólogo que só trabalha na parte do autoconhecimento (...) eu vou para o autoconhecimento por uma via ou por outra. Se hoje o que me preocupa é que eu não tenho dinheiro pra comprar copinho³⁹, o autoconhecimento pra mim naquele momento não é minha prioridade. Agora, se eu descubro uma forma de me entender pra comprar esse copinho aqui, mas que eu coloque uma linguagem prática, acessível pra pessoa, apontando uma direção pra ela, ela vai chegar no autoconhecimento também. Ela vai perceber que: ‘olha eu fiz assim, mudei tal coisa e eu comprei o copinho’. Mas assim, eu vou chegar lá de qualquer maneira, eu acho que aí é uma certa birra às vezes de não ver que o outro tem um caminho diferente,

³⁹ No momento da entrevista, Cris do Tarot pegou um copo descartável que estava na mesa e usou como exemplo.

não ver que o outro tem uma necessidade diferente naquela hora. As pessoas acham que têm coisas mais elevadas do que outras. É como se eu tivesse colocando na balança: espiritualidade e o material. Eu alcanço a espiritualidade e pra isso eu tenho que deixar de lado o material? Não, eu alcanço a espiritualidade tendo o material também. (...) [Não acho que posso menosprezar], digamos, essa pressa do outro: ‘Ah, a pessoa só quer saber se vai comprar, vai casar, vai isso, vai aquilo?’ Sim! Nesse momento aquilo é a prioridade dela. Então, trabalha a prioridade pra que ela possa enxergar outras coisas. Isso não me incomoda. Eu acho que cada um tem um momento, uma hora. A consciência vai bater na hora que a pessoa tiver pronta. Não adianta também querer enfiar autoconhecimento se eu não tenho o dinheiro suficiente pra me sustentar, tá entendendo? A questão da prioridade ali, você tá ali pra orientar, não é pra julgar nem se sentir superior, pelo contrário, eu to entendendo o que o outro tá me trazendo. Por isso que eu falo da experiência da vida, quem já não passou por isso? Quem já não esteve nesse lugar? Então, eu acho que pode ser um tipo de preconceito também que as pessoas têm quanto a questão de achar que são questões menores, tem que ter um certo cuidado (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015).

Apesar de se mostrar compreensiva frente às necessidades do consulente, Cris não nega que tenha preferência pelo atendimento presencial. Tanto ela quanto Sávia valorizam essa modalidade devido às trocas afetivas (toques, abraços, conversas) que ocorrem com o consulente. Sávia não acha que o ambiente *online* influencia “o entrosamento” entre as partes, que pode ocorrer ou não, tanto presencialmente quanto à distância.

Aline Maat prioriza o atendimento *online* e só atende nesta modalidade por causa de sua timidez e da flexibilidade de fazer a leitura sem a pressão do tempo e do olhar da pessoa sobre ela. A vontade de não ser visto pode conduzir os profissionais também a outro recurso disponibilizado na internet: o uso de avatares.

Um assunto que desperta discussões no tocante ao atendimento *online* é a forma como os tarólogos se apresentam nos *sites*. Segundo mapeamento realizado em endereços virtuais, das 90 URLs encontradas que oferecem o atendimento de tarô *online*, observou-se que, em abril de 2015, quarenta deles tinham apresentações com avatares. Destes endereços, em 28 deles os tarólogos do *site* se apresentavam unicamente através de avatares e em 12 tinham pelo menos um profissional que se apresentava assim.

Alcides é contra este tipo de artifício e acredita que o profissional deve “colocar a cara a tapa”. Antes, não adicionava pessoas no *Facebook* que não mostravam o próprio rosto. Mudou de opinião há dois anos, quando descobriu que a rede social pode ser um instrumento de divulgação do seu trabalho. Reconhece que é uma pessoa radical e afirma que é “considerado um purista no tarô”.

Cris do Tarot não se incomoda com os avatares, embora não use. Entende que a internet gera muita visibilidade e que isso pode gerar transtornos. Assim, avalia que o avatar pode ser um meio de proteger o tarólogo de ter sua privacidade invadida. Como a internet é

também seu espaço de trabalho, evita expor fotos de família, “até mesmo pra separar o profissional do pessoal. O mundo tá muito louco e hoje a gente sabe disso” (Taróloga. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada no bairro Cachoeirinha, 10 jul. 2015).

Ao mapear os endereços virtuais que oferecem atendimentos *online* de tarô percebi que muitos tarólogos têm formações acadêmicas. Dentre eles existem psicólogos, advogados, historiadores, pedagogos, jornalistas, publicitários. Sabe-se que em algumas profissões há uma preocupação maior em resguardar a vida privada da pessoa, como a psicologia e o direito. Na psicologia, por exemplo, existe uma recomendação de que o profissional não mescle intervenções de cunho espiritual e/ou religioso em sua prática. Aqueles que oferecem serviços místicos devem fazê-lo em separado das atividades psicológicas⁴⁰. O uso de avatares por esses profissionais significaria, portanto, uma distinção de espaços de trabalho.

No 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia, o uso de avatares foi um tema muito abordado. Naquela ocasião, o *site* “Disk Tarot” foi mencionado como um espaço que tem “avatar de pedras”. Nele os tarólogos se apresentam com nomes de pedras: Ágata, Jade, Safira, Ametista, Rubi, Pedra da Lua. “Algumas pessoas não querem mostrar quem são, o que deve ser respeitado. A profissão não é 100% bem vista na sociedade. Há quem tenha vergonha da profissão” (Informação verbal. Mediação de mesa redonda realizada por Nei Naiff no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia, São Paulo, 21 mar. 2015).

Os participantes da mesa foram convidados por Nei Naiff (organizador do evento e coordenador da mesa) a falar sua opinião sobre o uso (ou não) da própria imagem nos *sites*. Edu Scarfon, tarólogo que ganhou notoriedade no meio recentemente, ao vencer “Os Paranormais”, quadro exibido pelo programa “Domingo Legal” no SBT, entre setembro e dezembro de 2014 (competição com 12 participantes, dentre tarólogos, sensitivos e bruxos); acha importante mostrar o rosto. Edu entende que o avatar pode ser uma forma de proteção, mas acha que o cliente vai se sentir mais seguro com quem se mostra.

Mônica Delgado se apresenta como uma empresária, proprietária do “Espaço Mystico”, *site* em que todos os tarólogos se apresentam com avatares. Ela explica que existem advogados e psicólogos que jogam cartas e não podem ou não querem se identificar. Outro argumento utilizado por ela é que o cliente pode procurar o tarólogo fora do *site*, de modo que não é possível garantir que os tarólogos não vão atender às pessoas. Os avatares ajudariam duplamente, no quesito de preservar o anonimato, o que evitaria o incômodo do profissional ser encontrado nas redes sociais e também para proteção da empresa. Afirma que “a decisão

⁴⁰ A respeito deste assunto, Fátima Tavares apresenta a postura adotada pelo Conselho Federal de Psicologia frente às fronteiras entre o saber do campo psicológico com outras áreas, “alternativas”. Ver: TAVARES, 2003.

de não mostrar o rosto no *site* não se trata de uma dificuldade de colocar a cara a tapa” (Informação verbal. Apresentação em mesa redonda proferida por Mônica Delgado no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia, São Paulo, 21 mar. 2015).

Christiane Carlier, taróloga, psicanalista e advogada, esteve presente no fórum falando principalmente da posição de advogada. Chamou a atenção para o fato que qualquer profissional – em qualquer contexto, não só *online* – pode roubar os clientes dos outros. Aponta a questão ética, necessária em todos os ambientes: “Não é com o avatar que se resolve isso” (Informação verbal. Apresentação em mesa redonda proferida por Christiane Carlier no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia, São Paulo, 21 mar. 2015).

Não se trata apenas de implicância com aqueles que não desejam se mostrar. É fato que alguns “abusam” da invisibilidade, tal como ocorre no “mito do anel de Gíges” de Platão. Em troca de *emails* com Constantino Riemma, ele confidenciou que já teve em seu *site* pessoas que solicitaram para divulgar seus serviços, mas que protegidos por um pseudônimo, agiam com desonestidade. Se sentiam livres para oferecer consultas gratuitas e depois cobrar por “trabalhos”; ou montavam um “circo” fantasioso, cenários que nada condiziam com a realidade do consulente. E ao serem reconhecidos como desonestos – tanto em sua auto-apresentação quanto em seu estilo de atendimento – mudavam de pseudônimo para continuar atraindo os incautos.

Nei Naiff traz outro lado desta situação, citando que o avatar dificulta que o tarólogo construa uma história, uma trajetória profissional: “Se o *site* quebra, os clientes perdem referência pra localizar a ‘mãe Joana’, por exemplo” (Informação verbal. Mediação de mesa redonda realizada por Nei Naiff no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia, São Paulo, 21 mar. 2015). Aqui a dicotomia “esconder e ser visto” aparece por outro viés. Até então tinham sido pontuadas as vantagens e o que alguns consideram como adequado. Pela primeira vez foi levantada uma desvantagem: se esse profissional quer ser reconhecido, precisa ser visto. O profissional que utiliza avatar pode não ter uma reputação a zelar, mas tampouco tem o bônus de construir uma trajetória.

Mas estes são alguns posicionamentos dos tarólogos sobre os seus colegas de trabalho. Cabe ainda entender o que se passa do outro lado da internet e quais são as motivações, experiências e opiniões dos consulentes de tarô *online*.

5 DO OUTRO LADO DA INTERNET: EXPERIÊNCIAS E POSICIONAMENTOS DO PONTO DE VISTA DOS CONSULENTES DE TARÔ *ONLINE*

5.1 Aproximação aos consulentes entrevistados

Localizar os consulentes de tarô *online* foi significativamente menos fácil do que encontrar os tarólogos. Sabe-se que é do interesse dos profissionais serem vistos, mas me chamou a atenção o quanto os consulentes têm uma aparição bem discreta. Nos *blogs e sites* é possível encontrar depoimentos dos consulentes para os profissionais. Raras vezes um consulente se manifestou durante as discussões dos fóruns no *site* Clube do Tarô. Não foram encontrados no *Facebook* grupos de consulentes, o que é de se estranhar, tendo em vista que as redes sociais abrigam grupos voltados para todos os públicos e todos os temas. Outra aparição dos consulentes aconteceu em alguns grupos mistos, compostos também por tarólogos e simpatizantes.

Me inseri em alguns grupos do *Facebook*: “Grupo aberto ao Tarot”; “Taromancia”; “Tarosofia BH”; “Espaço Cultural Portal do Conhecimento” (todos estes grupos públicos); “do LOucO ao LOucO”; “Energias em ação!”; “Astrologia, Tarô e Cultura Holística” (todos estes grupos fechados⁴¹).

Minha participação nestes grupos foi como observadora. Não postava mensagens, mas lia regularmente (pelo menos uma vez por semana) o que era postado em cada um deles. Percebi que nem sempre é possível saber quem no grupo é tarólogo e quem não é. Na maioria das vezes o tarólogo se identifica enquanto tal através do nome, foto do perfil (que nem sempre é uma foto, algumas vezes é um avatar) e foto de capa. Mas alguns tarólogos não usam o *Facebook* como espaço de divulgação de trabalho, de modo que não têm informações em seu perfil que o remetam a este universo, exceto o fato de serem membros de algum grupo desse assunto.

Outra observação é que por mais que existam vários membros em um grupo do *Facebook*, geralmente é uma parcela reduzida dele é que o movimenta, alimentando-o com postagens e comentários. Os grupos que participei, por exemplo, tinham entre 395 e 1600 membros e uma quantidade aproximada de 25 pessoas que participava ativamente com postagens e comentários. Também é comum que essas mesmas pessoas sejam ativas em outros grupos de temas similares, postando as mesmas mensagens em série. E dentre essas

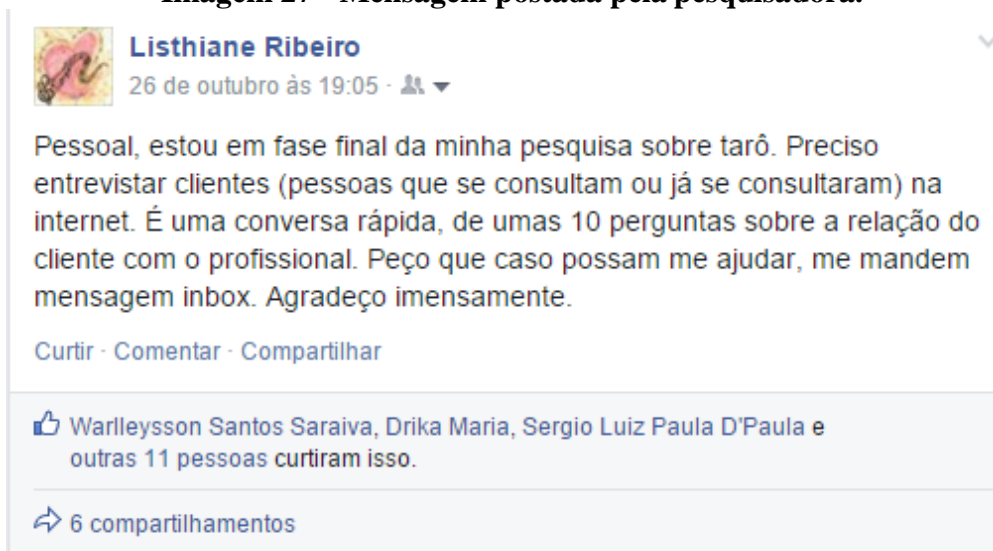
⁴¹ Como o nome diz, nos “grupos públicos” qualquer pessoa pode se tornar membro, enquanto nos “grupos fechados” isso está sujeito a uma avaliação e aprovação do moderador do grupo.

peessoas, a participação é visivelmente mais intensa por parte dos tarólogos, divulgando cursos, eventos, atendimentos ou em escassa frequência postando outras mensagens relacionadas a situações do cotidiano.

Durante esta pesquisa, a cada tarólogo que entrevistei solicitei que verificasse se teria algum consulente que aceitaria conversar comigo. E foi por isso que entrevistei Joice, que me foi indicada por Aline. Add Joice no *Facebook* em 04 de julho, ela aceitou no mesmo momento e fizemos a entrevista pelo telefone (ela me ligou do trabalho dela). Vi pelo *Facebook* que, coincidentemente, ela é “amiga”⁴² de uma prima minha. Antes de iniciar a entrevista esclareci meus objetivos, mas que considerava pertinente dizer que tínhamos essa amiga em comum. Isso não a incomodou, e ela apontou que provavelmente minha prima “não gostaria do assunto por ser evangélica”.

Embora tenha recebido a indicação de outras consulentes de Aline, estas solicitaram sucessivamente que eu as procurasse em outro momento, de modo que considerei que não estavam verdadeiramente dispostas a conceder a entrevista. Postei no meu perfil do *Face* e nos grupos citados anteriormente, solicitando às pessoas que entrassem em contato para responder minhas perguntas.

Imagem 27 - Mensagem postada pela pesquisadora.



Fonte: LISTHIANE RIBEIRO, 2015.

No dia seguinte a essa publicação Sílvia entrou em contato comigo, dizendo que estava à disposição. Sílvia também é membro de “Energias em ação!” e “do LOucO ao

⁴² As pessoas se add (adicionam) no *Facebook* porque se reconhecem (ainda que) como conhecidas ou porque algum amigo em comum indicou a aproximação. No *Face*, a partir do momento que as pessoas se *add*, elas “se tornam amigas”. Mas só isso não diz de quão próximas essas pessoas são.

LOucO”. Foi por intermédio destes grupos que ela leu meu apelo. Por escolha dela enviei as perguntas por *email*, tendo as respostas no mesmo dia. Mas quando li percebi que precisava acrescentar outras perguntas e esclarecer uma dúvida dela, de modo que enviei novo *email* e ela me respondeu prontamente. Naquele momento, Sílvia e eu estávamos *online* e disponíveis. A seguir, diante a necessidade de outros esclarecimentos e envio de novas perguntas, obtive resposta dela somente cerca de vinte dias depois.

Apesar de breve a experiência, foi possível perceber que não é tão simples manter uma conversa mais alongada pelos meios assíncronos e me senti de volta à época das cartas que corripondi na minha pré-adolescência. Tendo um tempo de espera que pode ser menor ou superior ao tempo do correio, recordei que é necessário ter uma escrita bem clara e se possível minuciosa para minimizar dificuldades de comunicação. Ao mesmo tempo, ficou ainda mais evidente o quanto a entrevista é um processo fluido, em que novas perguntas surgem a partir de como o relato é desenvolvido. Por melhor que seja, um roteiro jamais será suficiente sozinho. É apenas um instrumento que facilita o diálogo.

Com relação as minhas outras entrevistadas, conversei também com a Bruna, aluna de Alcides do curso básico de tarô. Finalmente, por intermédio de um amigo comum conheci Isis. Ela, diferente das demais entrevistadas, não teve uma experiência positiva com as consultas de tarô *online*. Acessou um *site* “por curiosidade” e desde então vem recebendo inúmeros *e-mails* que parecem *spams*. Depois disso não teve mais vontade de ter nova experiência com os oráculos.

5.2 Conhecendo consulentes de tarô *online*

Nesta pesquisa foram realizadas três entrevistas com consulentes e uma observação de atendimento *online*. Por escolha delas uma aconteceu por telefone, outra por *email* e a última pelo *Facebook*. Na observação, a consulente e eu simulamos passo a passo uma nova “consulta”, sendo tais dados apresentados aqui. A entrevista por telefone teve 25 minutos de duração e nas entrevistas por *email* e *Facebook* experimentei alguns desafios da assincronicidade. Como os dados levantados foram mais condensados, optou-se por apresentá-los um de cada vez. Entende-se que isso facilitaria a compreensão das informações.

Joice tem 22 anos, reside em Ribeirão das Neves, tem ensino médio, trabalha como analista de suporte técnico júnior, é solteira e sem filhos.

Fez até o momento da entrevista (julho de 2015) somente duas consultas, cada vez com uma pessoa diferente e sempre pela internet, contactando a pessoa pelo *Facebook*. A primeira consulta foi em 2013, com Liliam, uma colega que atende profissionalmente, mas que naquele momento não a cobrou, fez o atendimento gratuito. Ela é cigana, tem ascendência na família. Quando Joice procurou Aline (recentemente, em 2015) solicitou atendimento presencial, mas como ela não fazia, fez a consulta por *email*. Buscou atendimentos virtuais “porque foi a opção que teve, não conhece [fisicamente] quem faça pessoalmente”. Não teve confiança pra fazer com outras pessoas. Uma taróloga iria cobrar dela R\$180,00 reais pelo atendimento e ela achou caro. Acha que é um risco “colocar o dinheiro na conta da pessoa e ela sumir” (Consulente. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada através do telefone, 02 jul. 2015).

Inicialmente, o fato de ambas não fazerem atendimento presencial a deixou com receio. Mas pela curiosidade, quis fazer mesmo assim. Permanece com interesse em conhecer o atendimento presencial.

Não soube responder o que leva em consideração ao escolher um tarólogo. Fez a consulta com a colega Liliam porque a conhece há muito tempo, embora não tenham proximidade de amigas. Aline mandou convite no *Facebook*, ela aceitou. Não sabe porque Aline a convidou no *Face* (não se conhecem pessoalmente), mas justificou que elas têm amigos em comum. A partir disso Joice acompanhou postagens de Aline no *Facebook* e a considerou confiável. Teve essa impressão a partir do que Aline posta, seu estilo (pertencia a uma banda de *folk*, estilo de rock medieval), estilo que Joice gosta.

O primeiro atendimento aconteceu pelo *chat* do *Facebook*, pediu para a colega e ela fez a consulta ao tarô no mesmo momento. Já no segundo atendimento ela conversou com Aline no *Facebook* e ela mandou a resposta pelo *email* dois dias depois. “*Email* demora mais. Na hora é melhor, a gente fica menos ansiosa”. Explicou que o atendimento com sua colega “era cheio de código, tinha que adivinhar enigmas” (Consulente. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada através do telefone, 02 jul. 2015). Na opinião de Joice, com Aline as informações foram mais claras. Em outro momento que a colega falou em cobrar o atendimento Joice desistiu, pois já sabia como era. Não correspondeu a suas expectativas.

Nas duas consultas que fez de tarô, Joice queria saber sobre sua vida amorosa. Já consultou búzios com uma terceira pessoa, onde “teve uma resposta clara e objetiva do que a atrapalhava”. No tarô, recebeu dicas de como fazer diante a situação que vivia. Não tem conhecimentos de tarô, e não sabe quais os baralhos cada profissional usou.

Quando questionada a sua opinião sobre o uso de avatares, Joice não sabia do que se tratava, de modo que expliquei o que era. Disse que não se consultaria com um profissional que se apresentasse deste modo, “pois não passaria confiança” para ela.

Sílvia tem 38 anos, reside em Campinas-SP, é formada em relações públicas, atua na área e como taróloga, é solteira e tem um filho.

Se consulta anualmente “para verificações e orientações geralmente no âmbito profissional” (Consulente. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada através da internet, 27 out. 2015). O que ela leva em consideração ao escolher um tarólogo é a indicação. Sua primeira consulta de tarô aconteceu presencialmente, quando tinha 18 anos. Já a primeira consulta *online* foi em 2013. A facilidade do atendimento, principalmente no quesito deslocamento, foi o que a levou a buscar essa modalidade.

Não percebe mudanças no atendimento quando realizado presencialmente ou *online*. Considera que não tem “nenhuma perda da qualidade das orientações e esclarecimentos”. Também não tem preferência por alguma das modalidades: “minha preferência é pelo profissional que está me atendendo, não pelo modo pelo qual ele irá me atender” (Consulente. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada através da internet, 27 out. 2015). Nesses atendimentos a ferramenta utilizada é sempre o *Skype*. Utiliza este recurso porque é o mais fácil para o profissional e para ela.

No total, Sílvia já se consultou com cerca de cinco ou seis tarólogos. Entretanto, optou por manter os atendimentos apenas com a última delas, por sua excelência: “Não procuro outros tarólogos. Mantenho a fidelidade a ela por acreditar no método de orientação que utiliza. Ela não faz somente previsões, ela mostra caminhos e alternativas para a resolução dos objetivos ou qual o melhor caminho para atingir metas” (Consulente. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada através da internet, 15 nov. 2015).

Anteriormente a taróloga de Sílvia atendia em São Paulo, mas atualmente está residindo em Americana-SP. Após esta mudança, os atendimentos que aconteciam *online* passaram a ser presenciais. Além das consultas, Sílvia já fez cursos com ela: a “Iniciação ao Tarô” e “Aprimoramento em Jogos”. Antes destes cursos a consulente já era taróloga e fazia atendimentos profissionais. Como pessoa também pertencente a este universo, tem um olhar de especialista que reconhece outro.

Sílvia também não sabia o que seriam os avatares. Esclareci que são imagens utilizadas para representar as pessoas na internet e exemplifiquei mencionando que no caso dos tarólogos é comum que usem ilustrações de ciganos, bruxas, fenômenos da natureza, etc.

Diante isso, recebi como resposta: “Ahhhhhhh... não me passam credibilidade” (Consulente. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada através de email, 27 out. 2015).

A entrevista com Bruna aconteceu pelo *Facebook*. Enviei as perguntas pelo *chat* e obtive as respostas um mês depois. Embora a internet seja um meio de comunicação de alcance imediato, como qualquer outro recurso demanda a disponibilidade das partes envolvidas. Este foi um dos desafios vivenciados por mim. Algumas pessoas aceitaram me conceder entrevista, pediram que eu enviasse as perguntas, mas nunca responderam. Apesar do tempo de espera das respostas de Bruna, elas chegaram “a tempo” de aqui serem inseridas.

Bruna tem 21 anos, reside em Belo Horizonte, é estudante de psicologia, cursa o nível básico de tarô, é solteira e sem filhos. Sua primeira consulta de tarô foi em junho de 2014 e naquele momento o atendimento foi presencial.

O que você leva em consideração ao escolher um tarólogo é se a proposta de atendimento (tempo, métodos a utilizar no jogo e valor da consulta) é compatível com a sua demanda: um jogo específico a uma questão ou algo mais geral sobre o momento.

Iniciou as consultas *online* em abril de 2015. O que a levou a buscar essa modalidade de atendimentos foi a praticidade para se adequar aos compromissos do dia-a-dia e por ser mais rápido para agendar as consultas.

Percebe mudanças de um status ou outro de atendimento. Segundo Bruna, no ambiente virtual na maioria das vezes a mensagem é descrita com mais objetividade, com menos detalhes. No atendimento presencial, ao contrário, é possível conversar mais sobre a questão colocada. Mas no atendimento *online* alguns tarólogos enviam a interpretação via áudio, permitindo que alguns detalhes da interpretação sejam explorados.

Bruna realiza consultas periodicamente em ambas as modalidades. No intervalo de três a quatro meses faz consultas presenciais e a cada quinze dias se consulta *online*, via troca. Participa de um grupo de tarólogos no *Facebook* em que um troca leituras de cartas com outro.

Quanto à preferência pelo atendimento presencial ou *online*, Bruna diz que avalia o tarólogo, independentemente da modalidade. Pesquisa sobre ele com alguém que já tenha jogado. Quando é *online*, pesquisa sua página e vê seus “pitacos” tarológicos nos grupos, para ver se se identifica com o trabalho que ele oferece. Mas prefere a consulta presencial.

Já se consultou na internet através de *e-mail*, *Facebook* e *WhatsApp*. Ela explica que a taróloga “jogou” a mandala e enviou as interpretações digitadas por *e-mail*. No caso do *WhatsApp*, foi usado em jogos de pergunta e resposta, que são menores. Dentre estas

ferramentas utilizadas no atendimento *online*, a preferência de Bruna é pelo *WhatsApp* porque nele existe a opção de áudio para enviar as respostas. Em segundo lugar gosta do *Facebook*. A vantagem de ambos citada por ela é a de “possibilitar uma comunicação em tempo real, o que facilita o esclarecimento das respostas”.

Segundo Bruna, o atendimento *online* pode ter algumas lacunas que seriam minimizadas no atendimento presencial:

O tarólogo que utiliza o ambiente virtual pode assumir uma postura mais imediatista e finalizar a consulta de forma rápida. O tarólogo que utiliza o *e-mail* pode acabar não respondendo o suficiente, mesmo que ele faça o jogo bem detalhado e se prontifique a tirar dúvidas posteriormente, nada substitui uma conversa presencial (Consulente. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada através da internet em 20 nov. 2015).

Bruna não se importa com os avatares porque para ela a confiança passa a existir durante a primeira conversa. “Alguns tarólogos que utilizam a sua foto original nem sempre são melhores ou mais confiáveis que os que utilizam avatares” (Consulente. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada através da internet em 20 nov. 2015).

Ela define consulente e tarólogo do meio *online* da seguinte forma: “o consulente virtual é uma pessoa que tem pressa e/ou ansiedade de realizar uma consulta. O tarólogo virtual é alguém que interage bem com o meio virtual e que quer conseguir maior número de consulentes adequados ao seu tempo” (Consulente. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada através da internet em 20 nov. 2015).

Isis tem 30 anos, é formada em análise de sistemas e atua na área, casada, sem filhos. Acessou um *site* de tarô *online* em abril deste ano “por curiosidade” e se arrependeu. Para me explicar melhor como foi sua experiência, acessamos juntas o *site*, simulamos uma previsão e ela me disponibilizou os *e-mails* decorrentes da “consulta”.

O *site* acessado por ela, “Portal Angels”, apresenta um convite para o internauta fazer uma pergunta:

Imagem 28 - Tarot *online* grátis.

Tarot OnLine grátis

Consulta gratuita para seu dia-a-dia,
veja as previsões que o tarot tem para você.



Mentalize a sua questão da forma mais clara
e objetivo possível.
Lembre-se de que o acaso não existe,
Boa sorte.

Mentalize sua pergunta e clique aqui

Fonte: PORTAL ANGELS, 2015.

A seguir, é aberta uma carta com sua descrição, significado e mensagem “prontos”:

Imagem 29 - O Imperador.

O Imperador



Portal Angels

Corresponde a letra Hebraica: GHIMEL

Uma mulher sentada no trono com o cetro sustentando um globo encimado por uma cruz é o símbolo da Ação.

Representa: O resultado da União da Ciência e a Vontade. Assim como a beleza, felicidade, prazer, sucesso e também luxúria. É a carta que indica o poder feminino e a fecundidade. A Imperatriz é tranqüila e pede para você relaxar e permitir que a força da natureza opere pois é chegada a hora das realizações, a hora de colher os frutos da próspera Natureza. Cultive o otimismo e trabalhe confiante de que logo colherá os frutos do que semeou.

Significado da carta: Ação, planejamento, empreendimento, iniciativa, progresso feminino, disposição, encanto pessoal, fertilidade, realização, intuição.

No geral pode significar: A fonte da vida, o poder da natureza capaz de destruir o que é velho e inútil para dar lugar a uma nova vida. Significa realização, produção, criação de novas coisas. Traz a necessidade de que novas portas sejam abertas para que as mudanças possam ocorrer.

Profissionalmente pode indicar: Pode indicar fase de realizações com grande energia. Criatividade, idéias novas, mudanças, capacidade de levar os outros à ação, poder de persuasão. Qualidades latentes: vontade, confiança, otimismo, liderança e criatividade.

No amor pode significar: Mudanças emocionais e físicas também, podendo trazer novos acontecimentos que mudam o rumo da relação, inclusive possibilidade de gravidez ou nascimento.

Mensagem: Não se esqueça de que o mundo está em movimento e a vida é regido por ciclos. Tudo tem seu tempo e na natureza nada se perde.

[Clique aqui para jogar novamente](#)

Fonte: PORTAL ANGELS, 2015.

Essa “consulta” não conduz a nenhum profissional. Vários *sites* oferecem esta “amostra grátis” no intuito de captar novos consulentes que pagarão pelo serviço com um “atendente”, “tarólogo”, “especialista” ou “esotérico”.

Continuando no mesmo *site*, clicamos para jogar novamente e fomos direcionadas a página principal. Agora clicamos em outra imagem, localizada no plano inferior da tela:

Imagem 30 - Amor, dinheiro, saúde...



Fonte: PORTAL ANGELS, 2015.

Neste momento somos direcionadas a outro *site*, o “Portal das Vidências”. A próxima tela que surge indica que o internauta clique em uma carta dentre várias que estão viradas para baixo:

Imagem 31 - Vidência Tarot: Escolhe uma carta.



Fonte: PORTAL DAS VIDÊNCIAS, 2015.

Após uma carta ser “aberta” aparece sua explicação e ao mesmo tempo surge a imagem da taróloga Turuq, através da qual o *site* convida a pessoa a se cadastrar para receber um atendimento: “SOLICITE SUA 1ª VIDÊNCIA GRATUITA. Depois da primeira avaliação gratuita irei contacta-lo por e-mail para lhe propor os meus serviços de Vidência Completa”.

Imagem 32 - Taróloga Turuq.



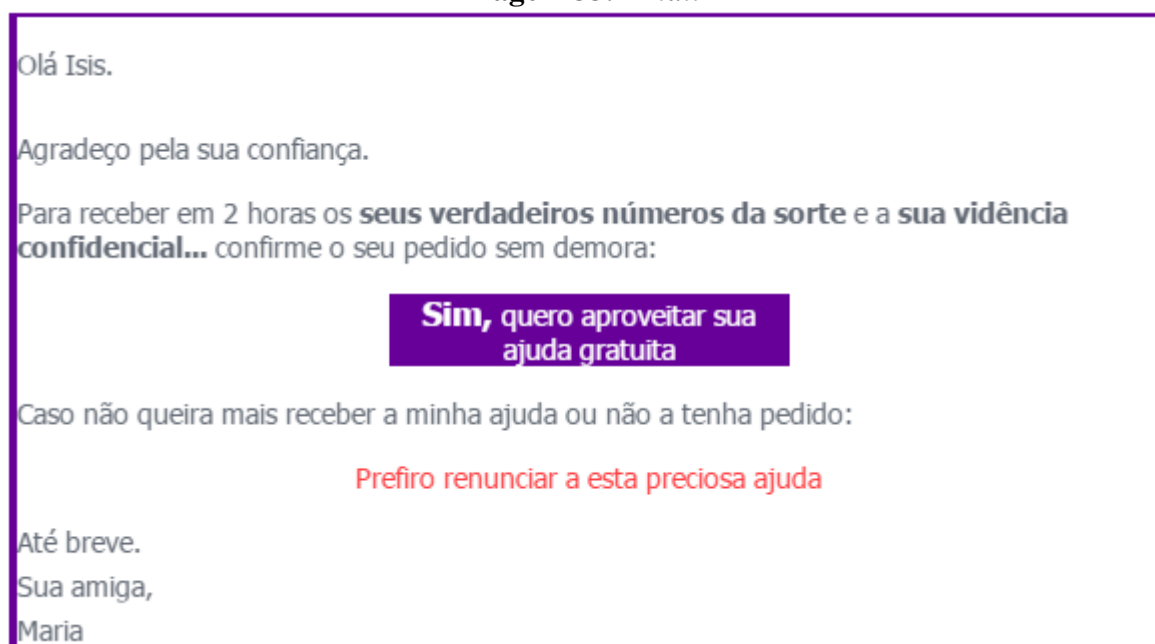
Fonte: PORTAL DAS VIDÊNCIAS, 2015.

A seguir, a taróloga Turuq solicita o sexo, nome, data completa de nascimento. O “diálogo” (as respostas dela e suas próximas perguntas) eram muito rápidas, o que sugere que seja um programa automatizado (robô) e não uma pessoa. Simulamos um nome (Monica Pereira) e idade e recebemos como resposta: “Monica Pereira peço desculpa mas não poderei realizar a sua vidência personalizada, pois tem que ter pelo menos 18 anos. Muito Obrigada”. Dando sequência em outra tentativa (agora com o nome Isis Miranda, minha entrevistada), a taróloga “escreve”: “Sinto que na sua vida as coisas não andam como deseja. Diga o que lhe preocupa e, em seguida, realizarei sua vidência gratuita”. Abaixo estavam dispostas opções de múltipla escolha: amor, dinheiro, trabalho e saúde. Como clicamos na opção amor, ela “responde”: “Isis Miranda, realmente precisas de ver as coisas de uma forma mais clara. Pressinto que brevemente sentirás grandes mudanças!” E continua: “Desejas realizar agora a tua Vidência Personalizada gratuita?” Tendo a resposta positiva, ela solicita um *email*: “Gostaria de saber o teu email para quando terminar o teu caso te poder enviar o resultado.”

Sendo enviado o email, surge a próxima pergunta: “Desejas receber informações importantes relacionadas contigo, da minha parte, por mail e newsletters?” Tentamos responder negativamente, mas o *site* não avança. Respondendo positivamente, ela “afirma”: “Entretanto Isis Miranda, fique sabendo que, para problemas de amor, conheço e trabalho diretamente com as grandes Médiuns Tara, Maria e Tupak. Consulte os seus e-mails! Dei a indicação aos meus parceiros para analisar o seu futuro! Irá receber um email imediatamente. Isis Miranda, fica atento ao teu e-mail, vou começar imediatamente a trabalhar no teu caso. Veja também as ofertas dos nossos parceiros que me ajudam a trabalhar para você. Veja os melhores preços Clickmart Aqui! Oferta Limitada Aqui! Obrigado pela atenção e fica atento ao teu email! Até breve!”

A seguir, Isis me mostrou o *email* recebido pela “taróloga”, em decorrência deste acesso ao *site*:

Imagem 33. *Email 1*



Fonte: Disponibilizado por Isis. Acesso em: 07 nov. 2015.

Por ter clicado anteriormente no “Sim, quero aproveitar sua ajuda gratuita”, ela recebeu a seguinte mensagem:

Tabela 2 - *Email 2*

Promessa é dívida, Isis!
O seu pedido de ajuda grátis para melhorar a sua vida acabou de chegar. Daqui

a duas horas no máximo, você vai receber o resultado do meu trabalho no email que acabou de confirmar.

Como você merece dar o seu primeiro passo imediatamente em direção a uma vida mais bela e feliz, eu lhe envio, como primeiro presente de amizade, o seu:

Talismã de Força-Sorte

Sim Isis, você é um ser único, composto pelos mesmos átomos da matéria e pela mesma energia que o resto do universo. Desta forma, no centro deste universo, feito de magnetismo e de vibrações, você também emite e recebe as ondas. Você faz parte do Grande Todo.

A partir do momento em que você se iniciar, poderá usar as vibrações do Universo, para que um fluxo de Sorte entre de repente na sua vida.

Você precisa de um catalisador: o Talismã de Força-Sorte. O seu segredo é um processo antigo, que consiste na conexão que ele estabelece entre você, o seu Destino e os fluxos vibracionais de Sorte que ele vai captar e atrair para você.

* * *

Imprima o seu Talismã de Força-Sorte. Escreva no verso o seu nome, sobrenome e data de nascimento, com caneta vermelha. Coloque a mão direita sobre o seu Talismã e diga a seguinte invocação ritual, para ativar os seus poderes:

Invoco esta noite a Ordem Cósmica.

Sou como o filho pródigo,

Que pede para receber a energia da Sorte

O sol é o seu pai, a lua a sua mãe, trazido pelo vento

Que comece a sua viagem e venha até mim,

Que penetre o meu espírito e o melhor de mim

Obrigado

Não deixe mais ninguém tocar o seu Talismã e leve-o com você, sempre que possível.

A partir de agora, que a Sorte esteja sempre com você.

Maria

Fonte: Disponibilizado por Isis. Acesso em: 07 nov. 2015.

Note-se que nesta mensagem surge o nome de nova “profissional”. Ao final deste *email* aparece o seu *site*, que não é mais o “Portal das Vidências”, “Secure Maria medium numeróloga”.

Ao observar o *site* “Portal das Vidências”, visualiza-se que este apresenta quatro videntes no consultório *online*, sendo cada um de uma especialidade: búzios, tarô, runas e numerologia. Os profissionais têm fotos e apresentam uma imagem “caricatural” de ciganos, com roupas, adornos e adereços, como se pôde ver na Imagem 32: Taróloga Turuq. O vestuário, neste caso, parece compor o figurino de especialista, no intuito de atingir a “relação de autoridade-crença”, mencionada por Bourdieu (1983).

Pelo final do domínio com o “pt”, indica-se que se trata de um *site* de Portugal. Nele não se encontram descrições dos profissionais, sua experiência, habilidades, tampouco depoimentos de clientes. Difere visivelmente, portanto, de outros *sites* que parecem ser “sérios”.

A perspectiva “vantajosa” de se consultar sem pagar por isso, bem como o fascínio por respostas rápidas pode conduzir pessoas para este tipo de proposta. Por outro lado, a ignorância virtual pode levar uma pessoa a acreditar que existe outra pessoa conversando com ela em tempo real e enviando *emails*, quando neste contexto não acontece um atendimento personalizado.

O saldo que Isis teve desta experiência foi de desapontamento e “perda de confiança”. Permanece recebendo *e-mails* (na verdade *spams*) desde abril e relata que não tem mais interesse em ser atendida por qualquer profissional da área.

5.3 Monólogos de tarólogos e consulentes na internet

Ao pesquisar *sites* e *blogs* de tarô, observei que de modo geral é comum que os tarólogos dirijam “dicas” aos consulentes. Algumas são para que eles compreendam e aproveitem melhor do que é oferecido em uma consulta de tarô, outras são alertas contra

possíveis charlatões e aproveitadores. Mas também existem conselhos que tratam de especificidades dos atendimentos *online*. A taróloga Keli Miranda (2009), proprietária do *blog* “Portal do Tarô”, por exemplo, esclarece que suas orientações são “toques dados por alguém que trabalhou dentro de lugares onde se atende à distância e viu muita coisa que não é legal” (MIRANDA, 2009, s.p.).

Algumas sugestões para o momento anterior às consultas é que, ao procurar e escolher um profissional, as pessoas considerem referências de conhecidos ou busquem depoimentos de clientes, geralmente disponíveis nos *sites* ou nas redes sociais. Como no tarô existem vários tipos de abordagem (adivinhatória e/ou terapêutica) e existem vários profissionais que têm outras habilidades ou conhecimentos atrelados; para garantir a satisfação do atendimento é importante que a pessoa saiba o que quer, para então procurar o profissional mais adequado. Sabendo o que deseja e tendo boas referências, a pessoa consegue ter segurança da credibilidade do profissional e da qualidade do atendimento que lhe será prestado. Outra orientação é que a pessoa desconfie de atendimentos gratuitos ou com preços muito baixos. Embora existam profissionais sérios que oferecem isso, não se trata de uma prática frequente. Ou seja, é importante que a pessoa pesquise profissionais verificando seus estilos de atendimento, as avaliações recebidas dos clientes e se o preço cobrado se encontra na média, comparado aos de outros profissionais do mesmo ramo. De um modo geral, uma busca pelo *Google* já sinaliza tais informações.

Keli Miranda (2009) sugere que as pessoas tenham cuidado ao darem seus documentos pessoais (RG e CPF) e no uso de cartões de crédito em consultas não presenciais, verificando a idoneidade dos estabelecimentos. Ela orienta que a pessoa procure tarólogos que tenham uma fala clara e objetiva e que exija que o profissional use câmeras durante o atendimento, “para vê-lo trabalhar” (MIRANDA, 2009, s.p.).

Algumas sugestões para que a consulta ocorra de modo proveitoso é que a pessoa tenha em mãos as perguntas do que deseja saber. Que o consulente seja objetivo, perguntando o que realmente quer saber, ao invés de perder tempo com assuntos que são para ele menos importantes. E se o consulente sabe que tem muitas perguntas ou espera um aprofundamento de alguns temas, que pague o tempo necessário para ser bem atendido.

Não tem coisa mais desagradável para um tarólogo, do que ter que se apressar por que o consulente comprou pouco tempo de consulta, despejou mil perguntas e ainda fica te acelerando. Lembre-se que o oráculo deve ser aberto com respeito, e interpretado. Um bom tarólogo sempre irá interpretar as cartas com cuidado e calma, e isso não significa que ele está te enrolando, e sim, que ele precisa analisar corretamente o recado das cartas para poder passar a você (SIND'OYA, 2013, s.p.)

Outras recomendações estão relacionadas ao estado emocional do consulente: que evite se consultar quando estiver ansioso, pois provavelmente não conseguirá escutar e compreender bem o que o tarólogo lhe disser. Segundo Keli Miranda,

Por mais que você esteja preocupado (a), tenso (a) ou irritado (a), procure outro momento para conversar com o tarólogo (a). Tome água, respire fundo, de ao menos uns 20 minutos e procure seu tarólogo (a). Nunca se esqueça que sentimento é energia e isso pode atrapalhar energeticamente a leitura, dificultando até a formalização e perguntas sobre o tema que você está passando (MIRANDA, 2009, s.p.).

Segundo Lucia Sind'oya, proprietária do *blog* e do *site* “Espaço Luz Vida”, outra dica é não se consultar diariamente, nem procurar vários profissionais em busca de respostas para as mesmas perguntas, o que de nada adiantaria. Tal postura sinaliza a impaciência, ansiedade e dúvidas do consulente com relação à competência do profissional. Neste último caso, o ideal é que a pessoa converse com quem a atendeu para maiores esclarecimentos que se fizerem necessários (SIND'OYA, 2013).

Caso a pessoa saia mal do atendimento, sugere-se que converse com o profissional. Essa medida seria importante não só para que ele saiba o que está ocorrendo e possa dar mais alguma orientação; como também para que o cliente faça reclamações (quando elas existirem) diretamente ao tarólogo, ao invés de enviá-las para a administração do *site* em que é intermediado o atendimento (MIRANDA, 2009).

Mas algumas dicas são verdadeiros desabafos dos profissionais, conforme se lê adiante:

Esta para mim, é uma das dicas mais importantes. Não minta para o seu tarólogo. Ele não é adivinho. (...)Não tente inventar situações para tentar conduzir a consulta conforme o seu desejo. Pois o trabalho do tarólogo é interpretar as cartas baseado nas perguntas que você faz. Se você perguntar algo surreal, obterá a sua resposta. E isso não significa que ele seja um mal tarólogo, significa que ele apenas respondeu o que foi perguntado. Tenha respeito pelo trabalho de seu tarólogo, pelo oráculo que ele usa também pelo tempo que ele usará para lhe atender. Se você acha isso desnecessário, tenha respeito então por você mesmo, e pelo valor que você está investindo na consulta (SIND'OYA, 2013, s.p.).

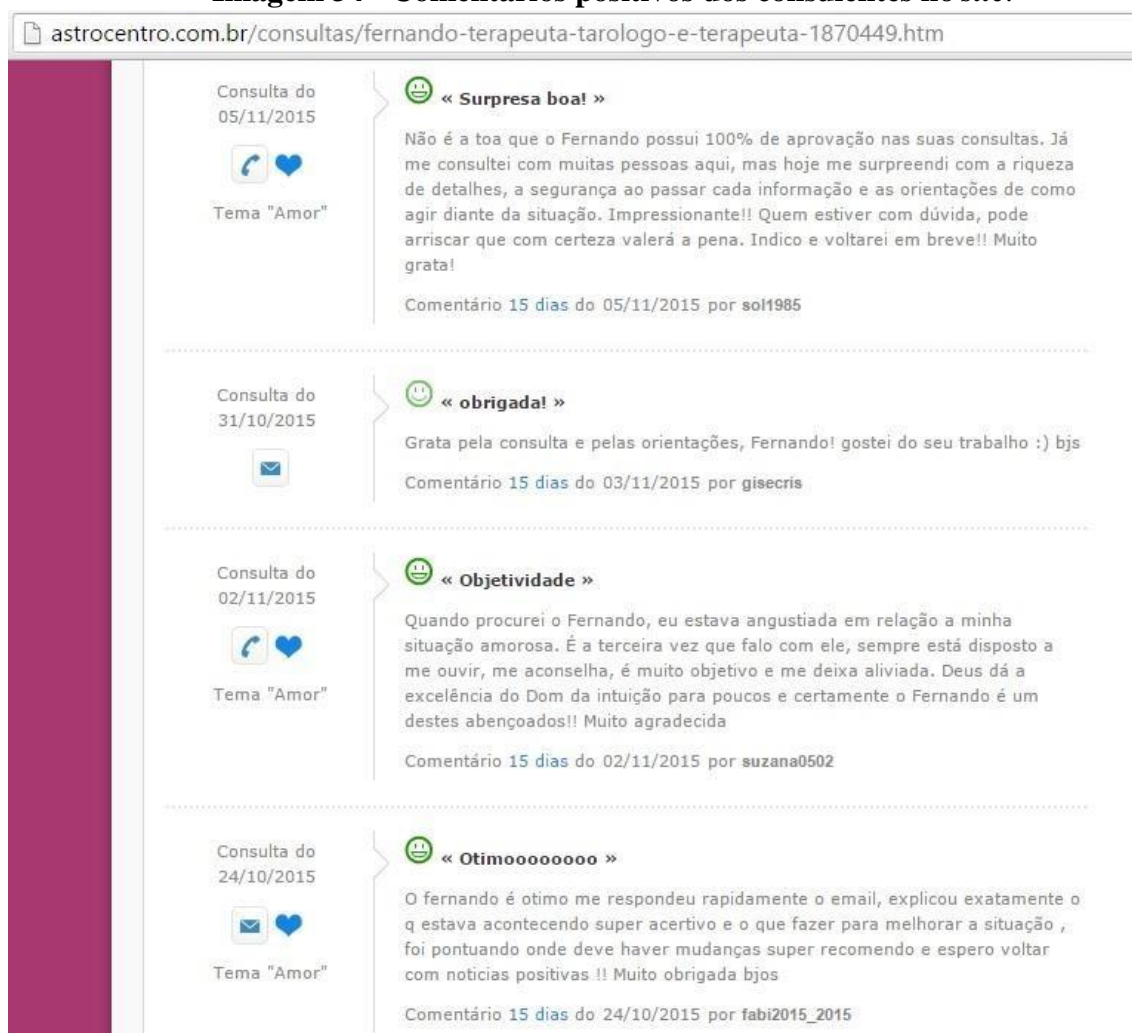
FINALIZANDO: ‘O TARÔT É INSTRUMENTO DE ORIENTAÇÃO, QUE CAPTA PELA ENERGIA DO SEU MOMENTO ATUAL, O QUE VEM ACONTECENDO CONTIGO E COM OUTREM ENVOLVIDO NA SUA VIDA TAMBÉM. TE DÁ DIRETRIZES E RESPOSTAS SIM. TE DA CAMINHOS E PODE AJUDA-LO (A) MUITO BEM SIM! MAS ANTES DE MAIS NADA RATIFICO AQUI: NEM O TARÔT NEM O TARÓLOGO SÃO DEUS! PORTANTO ACEITE SUA SITUAÇÃO ANTES DE MAIS NADA ANTES DE DIZER QUE O PROBLEMA ESTÁ NO PROFISSIONAL. ATÉ POR QUE É

VOCÊ QUE ESTÁ O PROCURANDO E NÃO ELE A TI'. (MIRANDA, 2009, s.p.)⁴³.

Estes foram alguns exemplos de monólogos. “Vozes” sem respostas que despertam dúvidas se foram, de fato, “ouvidas” e valorizadas.

Mas existem outros monólogos. São os comentários sobre tarólogos, postados por consulentes nos *sites*. Ao contrário dos comentários observados no *Facebook* onde há uma troca de agradecimentos, nos *sites* raramente os tarólogos respondem ao que é falado sobre eles.

Imagem 34 - Comentários positivos dos consulentes no site.



Fonte: ASTROCENTRO, 2015.

Poderia pensar que se trata de uma prestação de serviços. Um paga, o outro atende. Mas a relação não termina aí. A relação entre tarólogos e consulentes não é (apenas) uma

⁴³ Como se trata de uma citação direta, apresentei o texto literalmente como ele está no *site*. Vale destacar que na linguagem da internet a escrita em caixa alta significa uma fala enérgica, gritada.

relação monetária. Os consulentes parecem se sentir em dívida, como se o valor que eles pagaram não tivesse sido o suficiente. É necessário agradecer: é a “dádiva” articulando uma nova retribuição. “Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” – podemos dizer igualmente, “cortesias”. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros” (MAUSS, 2007, p. 263).

Mas nos *sites*, o que parece é que o ciclo da dádiva se encerra no depoimento do consulente. É um monólogo, mas potente para gerar repercussões. Isso porque na internet a gratidão ganha outra dimensão: influencia o status do profissional, servindo como “propaganda viva” do seu trabalho, que por sua vez capta novos consulentes, sucessivamente.








Nos *sites* místicos os tarólogos se apresentam enfileirados, lado a lado. Ali eles ressaltam vários atributos que possuem: cursos místicos realizados, habilidades paranormais, formação acadêmica, filiação religiosa, linhagem familiar, tempo de experiência com o tarô. Valoriza-se o que é aprendido, conquistado e herdado no intuito de disponibilizar um perfil de cada profissional, tornando os consulentes informados e aptos para fazerem a sua escolha. Alguns tarólogos mostram o próprio rosto enquanto outros se apresentam com avatares, sendo comum o uso de imagens de ciganos, bruxas, fenômenos da natureza, etc.

Utilizando o *site* “Astrocentro” como exemplo, observa-se que nele o profissional se apresenta com fotos próprias, faz uma apresentação tanto por escrito quanto em áudio. Os tarólogos ou cartomantes – ali apresentados como “esotéricos⁴⁴” – disponibilizam uma agenda de horários, de modo que o próprio consulente pode agendar, de acordo com o seu interesse e preferência.

Após o atendimento, os consulentes pontuam o profissional com *smiles* que significam: “muito satisfeito”, “satisfeito”, “opinião neutra” ou “insatisfeito” e podem registrar depoimentos sobre o atendimento, conforme se observa nas imagens 34 e 36. Baseado nas informações levantadas pelos clientes o *site* apresenta o perfil do especialista, considerando os critérios: relação preço-qualidade, qualidade da resposta, qualidade de bom ouvinte, qualidade do atendimento e pontualidade. Mas também o próprio *site* premia os profissionais, nas categorias “especialista do mês”: para aquele que obteve o maior número de comentários positivos no mês; “especialista do ano”, entre outros. Ainda que o “prêmio” seja antigo, ele fica disponibilizado na página do profissional. Afinal, tudo isso compõe a mensuração da credibilidade dos esotéricos.

⁴⁴ O *site* usa a nomenclatura “esotéricos” porque oferece atendimentos de tipos distintos de profissionais, assim agrupados: médius e videntes; tarólogos e cartomantes; astrólogos; numerólogos; terapeutas.

Imagem 35 - Categorias de premiação dos esotéricos no site “Astrocentro”

	ESPECIALISTA DO MÊS Fevereiro 2014 - Categoria Astro	Estes Especialistas obtiveram o maior número de comentários positivos este mês.
	FAVORITOS DOS CLIENTES Obteram 90 votos em Abril	Ao longo de cada mês, os clientes elegem os seus Especialistas favoritos.
	NOVO na Wengo	Estes Especialistas estão disponíveis na Wengo há menos de 2 semanas!
	ESPECIALISTA DO ANO 2014 Categoria Astro	Durante todo o ano, estes Especialistas ofereceram um serviço de máxima qualidade e foram os preferidos dos Clientes. Assim, merecem uma recompensa suprema: o título de melhor Especialista do ano!
	EM EXCLUSIVIDADE na Wengo	Disponíveis apenas e somente na Wengo!
	ESTRELA EM ASCENSÃO +40% de chamadas esta semana	Estes Especialistas são cada vez mais solicitados pelos clientes!
	VISTOS NA TV	Não há dúvida: eles são excelentes Especialistas e poderá agora, vê-los na TV!

Fonte: ASTROCENTRO, 2014.

Uma pessoa que queira se consultar pela primeira vez e que não dispõe da indicação de um profissional, tem nos *sites* a exposição de rótulos que tem uma quantidade variada de informações. Nos *sites* mais descritivos o candidato a consulente pode avaliar a aparência, descrição do histórico da atuação e comentários de outras pessoas que já se consultaram com aquele tarólogo. Opiniões de outros consulentes, ainda que sejam de pessoas desconhecidas, podem servir como guia para avaliar a reputação do tarólogo. Oferecem indícios de confiabilidade e competência, ou seja, se a performance dele é satisfatória ou não.

Segundo Franck Cochoy, o que o consumidor, ao observar um produto observa de fato, é a embalagem. Esta, por conseguinte, “(...) é, talvez, um dos dispositivos de atração mais poderosos que existe: a embalagem captura o produto (envolve-o, mascara-o, representa-o) e cativa, então, o consumidor (fascina-o e informa-o, atrai-o e detém-no, prende-o e o libera)” (COCHOY, 2004, p.70).

Mas isso não implica em entender o cliente somente como um fantoche, um ser manipulado que perdeu o discernimento para escolher racionalmente. Segundo o autor, o rótulo

(...) mescla quatro dimensões: uma dimensão sociológica, que se fundamenta na ativação dos *habitus*, das trajetórias individuais e de seu *encadeamento*; uma dimensão afetiva, que aposta na sedução, no afeto e no *apego*; uma dimensão lógica, que recorre às capacidades de reflexão, de cálculo e de *interesse*; e uma dimensão axiológica, que se orienta em direção aos valores, o senso coletivo, o *engajamento* do consumidor (COCHOY, 2004, p.89).

Os *sites* místicos funcionam como um chamariz de clientes. Através de um *layout* harmônico que apresenta informações com clareza, um *site* pode inspirar confiança e se tornar uma boa vitrine. Pela forma como apresenta, descreve os profissionais e propõe formas de pagamento, o *site* consegue ativar as dimensões sociológica, axiológica e lógica. Já os

comentários positivos dos consulentes podem atingir tanto a dimensão lógica quanto a afetiva, o que também é acionado quando um profissional supre as expectativas de quem o consultou.

O que se pretende destacar aqui é o quanto os vínculos interpessoais também têm um valor simbólico, mesmo em se tratando de uma relação monetária, onde eles poderiam ser relegados a um segundo plano.

Com relação aos monólogos da internet, outro ponto que desperta a atenção é que mesmo diante comentários negativos nos *sites* geralmente os profissionais permanecem em silêncio, não esboçam justificativas ou esclarecimentos:

Imagem 36 - Comentários negativos dos consulentes no *site*.



Fonte: ASTROCENTRO, 2014.

Como as queixas dos consulentes ficam disponíveis no *site* sem qualquer resposta, parece que a única forma de protesto que manifestam é o depoimento negativo, como meio de macular a reputação do profissional e/ou servir de alerta para outros consulentes. Isso se o administrador do *site* permitir a exibição destes depoimentos, já que ele tem o poder de excluir estas informações ou de não exibi-las.

Conforme os tarólogos entrevistados que já atuaram em *sites* mencionaram, trata-se de um público muito rotativo. Aline, por exemplo, não sabe se durante os seis meses que atendeu teve algum consulente que retornou. Nos *sites* a atuação é intensa, mas nem sempre extensa.

As consultas ficam restritas ao tempo pago pelo consulente, o que nem sempre é o bastante para os objetivos de ambas as partes. Um tarólogo que queira oferecer um atendimento que conduza ao autoconhecimento precisaria lançar mão de ações mágicas para conseguir tal proeza com um consulente que está acabando de conhecer durante uma consulta de 10 minutos. A ação terapêutica demanda proximidade, intimidade, e geralmente continuidade. Acontece através dos vínculos que são formados, os quais, por sua vez, demandam algum tempo de dedicação.

A internet facilitou a divulgação e o acesso aos atendimentos de tarô. E escancarou que neste universo existem várias propostas. Existe público para todos os tipos de profissionais e o inverso também: profissionais para todos os públicos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta pesquisa tive algumas dificuldades: o fato de não pertencer a este universo (nem como taróloga tampouco como consulente) demandou atenção e cuidado para que as informações fossem adequadamente coletadas, interpretadas e apresentadas. Outras dificuldades surgiram em decorrência de ser uma pesquisa no contexto da internet: a provisoriedade dos dados *online*, o manejo das entrevistas assíncronicas, a decisão de como apresentar as informações obtidas, já que manter o sigilo é uma tarefa delicada quando várias informações utilizadas estão acessíveis na rede. Conforme Markham e Buchanan (2012) apontam, o planejamento da pesquisa é contínuo e cada etapa do processo de investigação demanda novas reflexões.

A proposição deste estudo foi identificar e analisar as possíveis transformações dos procedimentos da prática ritual do tarô - segundo o ponto de vista de seus praticantes - no que se refere às novas formas de interação propiciadas pela internet entre consulentes e tarólogos.

Através das 90 URLs (portais, *sites* e *blogs*) identificadas no mapeamento realizado pelo *Google*, observou-se que 46 são de empresas que oferecem os serviços de vários profissionais; 31 apresentam os serviços de apenas um profissional; 5 não informam quais profissionais nele atendem; 1 é voltado exclusivamente ao estudo do tarô; 4 endereços são de espaços que ministram cursos de tarô e 3 exercem a função de guia ou catálogo para a localização de outros endereços virtuais ou tarólogos.

Alguns aspectos relacionados à decisão dos tarólogos para oferecer o atendimento *online* estão relacionados à demanda dos consulentes e à necessidade de acompanhar as evoluções tecnológicas, tendo em vista que atualmente a internet está presente em todas as esferas da vida humana. Além disso, a internet se mostra como uma aliada para os mais tímidos, que se sentem mais à vontade neste espaço que pode ser menos invasivo.

Quanto aos aspectos relacionados à decisão dos consulentes para buscar o atendimento *online*, estão: a curiosidade por nunca ter se consultado, o fato de não precisar de deslocamento físico, a agilidade para localizar e agendar um atendimento, a praticidade para adequar aos compromissos do dia-a-dia.

Os critérios para escolha de um profissional são: indicação/opinião de quem já consultou com ele(a); estabelecimento de confiança a partir do que o(a) profissional expõe de si; concordância com a proposta de atendimento (tempo, técnicas de tiragem e valor da consulta) e afinidades com as características pessoais do(a) tarólogo(a).

Em geral, os consulentes entrevistados entendem que os compromissos estabelecidos por tarólogos “com” o próprio rosto são mais confiáveis do que aqueles “sem”.

A fidelidade ao profissional também é um ponto mencionado. Nesse aspecto, a fala de Sílvia é significativa: “minha preferência é pelo profissional que está me atendendo, não pelo modo pelo qual ele irá me atender” (Consulente. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada através da internet, 27 out. 2015). Essa é também uma defesa do meio *online* utilizada por alguns tarólogos. Há quem diga que se o profissional for bom, ele será independente do meio que utiliza.

Dentre as ferramentas manuseadas para o atendimento *online*, teve destaque o *Skype* por permitir a opção de áudio e possibilitar “uma comunicação em tempo real, o que facilita o esclarecimento das respostas” (Consulente. Dados da entrevista. Pesquisa de campo realizada através da internet, 20 nov. 2015). Nesse aspecto, também o *WhatsApp* pode ser usado pelas mesmas características. Nos *sites* de empresas não foi observada a oferta dessa ferramenta, que aparece em alguns *sites* e anúncios do *Facebook* de profissionais autônomos.

Há quem defenda que um atendimento face a face tenha qualidade superior ao atendimento *online*. Outros, ao contrário, alegam que em ambos os espaços é possível conectar com a “energia” do consulente, de modo que para estes profissionais não existiriam comprometimentos na eficácia da consulta. Parece que não existe “melhor” ou “pior”, mas espaços de continuidades e descontinuidades entre as duas propostas.

Devido às diferenças observadas nas modalidades presencial e *online*, propõem-se uma tabela comparativa, evidenciando alguns contrastes. Para tanto, nos atendimentos presenciais foram consideradas as experiências provenientes de tarólogos autônomos; enquanto nos atendimentos *online* foram considerados tanto a atuação autônoma quanto a realizada através dos *sites*.

Tabela 3 – Comparação entre atendimentos presenciais e *online*

CARACTERÍSTICAS	ATENDIMENTOS PRESENCIAIS	ATENDIMENTOS <i>ONLINE</i>
Principais meios de divulgação	Panfletos, faixas, cartões de visita, <i>sites</i> , <i>blogs</i> , redes sociais.	Cartões de visita, <i>sites</i> , <i>blogs</i> , redes sociais.
Horário	Rígido: atendimentos agendados com	Rígido ou flexível: atendimentos agendados ou conforme a demanda do

	antecedência.	consulente.
Tempo da consulta	De 1 hora até 1:30h.	Nos <i>sites</i> , de 10 minutos a 5 horas. Tempo médio de 40 mins.
Consequências do tempo da consulta	Consulente demonstra disponibilidade para ouvir. Ainda que esteja ansioso, “tem tempo” para se acalmar.	Consulente exige rapidez e objetividade do tarólogo, já que muitas vezes paga por tempo corrido.
Técnicas de tiragem e adaptações na leitura	Uso de mandala astrológica (técnica de tiragem que oferece visão abrangente da vida do consulente).	Uso de técnicas de tiragem mais simples; descrição detalhada de cada carta; uso simultâneo de 2 baralhos ou mais.
Interpretação	Detalhada.	Objetiva.
Relação entre tarólogo e consulente	Permite contatos físicos e que ambos se conheçam.	Não permite contatos físicos e nem sempre possibilita que o tarólogo conheça o consulente.
Atenção	Geralmente focada na consulta.	Tarólogo e consulente podem se distrair com outros elementos da internet ou do seu entorno físico.
Pagamento	Após a leitura, através de dinheiro ou cheque.	Na maioria das vezes antes da leitura, através de depósito/transferência bancária ou cartão de crédito.
Finalização da consulta	O término é conduzido processualmente.	O término pode ser uma interrupção ocasionada pelo fim do tempo pago no <i>site</i> .
Habilidades exigidas do tarólogo	Conhecimento simbólico, intuição, manejo com o consulente (paciência, atenção, cuidado com a fala).	As mesmas do atendimento presencial somadas ao conhecimento da internet e boa escrita com uso de termos claros, coesos e objetivos.
Restrições	Física: o tarólogo atende em um local fixo, para o qual o	Metas de atendimento que o <i>site</i> pode submeter o

	consulente deve se deslocar.	profissional “contratado”; conhecimento do consulente sobre o manejo da internet.
Constrangimentos possíveis da exposição do consulente	Ser identificado e reconhecido pelo profissional e/ou por outros consulentes.	No caso daquele que se consulta via <i>Skype</i> , ser identificado e reconhecido pelo profissional ou por outras pessoas, no caso daqueles que registram depoimentos para os tarólogos.

Elaborado pela pesquisadora, 2015.

Semelhante ao meio do tarô, também na prática astrológica existe uma busca da autoridade advinda da tradição. “É a única forma pela qual o praticante de um conhecimento fechado que não busca produzir novas estruturas, mas capturar os acontecimentos na sua rede simbólica estável, pode-se legitimar numa sociedade plural” (VILHENA, 1990, p.68). Dentre os tarólogos entrevistados, somente um se mostrou contrário à oferta de atendimentos *online*. Entretanto, deve-se considerar que esta resistência pode ser consequência não só pelo zelo com a tradição, do entendimento que o oráculo poderia ter um efeito reduzido nesta nova modalidade, como também uma resistência com a própria tecnologia.

Embora exista o argumento de perda energética no uso do tarô na internet, tarólogos permanecem observando alguns cuidados para se proteger de cargas negativas que recebem durante os atendimentos. Isso porque, para eles, a energia não encontra obstáculos físicos. Prova disso é a oferta das bênçãos *online* e o uso de gráficos de radiestesia colocados próximo ao computador para proteção do campo energético.

Nem o atendimento presencial nem aquele oferecido na internet oferecem garantias da proximidade que será estabelecida entre tarólogo e consulente. Isso depende da afinidade e da continuidade que ambos darão a esta relação. Mas observa-se uma queixa quanto à falta de contato físico no atendimento *online*. Por outro lado, os atendimentos na internet são apontados como oportunidade de aprendizado, pela quantidade e variedade de clientes que ali surgem.

O atendimento no âmbito *online* oferece mais um contexto para que a consulta aconteça. A escolha pelo atendimento presencial ou pelo *online* pode decorrer da

conveniência circunstancial, de modo que mudando o contexto profissional e consulente podem transitar para a outra modalidade, conforme sua disponibilidade.

Quando iniciei esta pesquisa achei que encontraria uma única origem do tarô e um grupo que tivesse as mesmas condutas, procedimentos e posturas diante o oráculo. Mas à medida que fui me aproximando mais deste universo, cada vez me dava conta melhor de que se trata de uma área de multiplicidades.

Confesso que fui surpreendida com tantos mitos de origem, tantos *decks*, tantas formas de ser tarólogo (a). Por um momento, parece que esqueci daquilo que me é mais familiar: que também são várias as formas de ser psicólogo (a). E cada um tem sua definição, seu *corpus* teórico, seu *modus operandi*. Ambos têm uma multiplicidade de saberes e fazeres.

De acordo com o que Mauss propõe, pode-se entender que o psicólogo também tem sua prática associada à magia. Tem uma vida separada do homem e da mulher comuns com a “autoridade mágica”.

Psicólogos podem estabelecer “relações de dádiva”, assim como tarólogos podem estabelecer relações transferenciais com os seus clientes ou consulentes.

Uns privilegiam a fala, outros a escuta. Podem ser considerados profissionais “do cuidado” porque são acionados em momentos de dificuldade afetiva por indivíduos que pedem por respostas ou direcionamentos. Nesse aspecto o tarólogo tem um trunfo: o oráculo. Ele pode prever “qual” caminho é o mais adequado a seguir. Psicólogos não dispõem dessa “certeza”.

Ambos os profissionais demonstram atenção com a ética. Os tarólogos opcionalmente, enquanto os psicólogos nem tanto, uma vez que respondem as exigências de uma profissão regulamentada.

Parece que “nós” não somos tão diferentes “deles”. Depende do ponto de vista.

REFERÊNCIAS

- AGHAEI, S.; NEMATBAKHS, M; FARSANI, H. Evolution of the Word Wide Web: From Web 1.0 to Web 4.0. **International Journal of Web & Semantic Technology (IJWesT)** Vol.3, No.1, January 2012.
- ALAMI, Sophie; DESJEUX, Dominique; GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle. **Os métodos qualitativos**. Tradução de Luis Alberto S. Peretti. Petrópolis: Editora Vozes, 2010, p.87-119.
- ALINE MAAT. Belo Horizonte: Facebook, 13 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/aline.maat.5?fref=ts>>. Acesso em: 15 jul. 2015
- AMARAL, Leila. **Carnaval da Alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AMARAL, Rita. Antropologia e internet: Pesquisa e campo no meio virtual. Os Urbanitas. **Revista Digital de Antropologia Urbana**. 2011. Disponível em: <<http://www.osurbanitas.org/antropologia/osurbanitas/revista/pesqnet2.htm>>. Acesso em: 05 ago. 2015.
- ASTROCENTRO. (Fernando Terapeuta). Disponível em: <http://astrocentro.com.br/consultas/fernando-terapeuta-tarologo-e-terapeuta_1870449.htm> Acesso em: 10 nov. 2015.
- ASTROCENTRO. (Jo Esmeralda) Disponível em: <<http://astrocentro.com.br/consultas/jo-esmeralda-sacerdotisa-1876269.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- AUGÉ, Marc. **A construção do mundo: Religião, representações, ideologia**. Lisboa:70, 1974.
- BAPTISTA, José Renato de Carvalho. Os deuses vendem quando dão: os sentidos do dinheiro nas relações de troca no candomblé. **Mana** vol.13 n.1 Rio de Janeiro Apr. 2007.
- BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (Orgs.) **Cultura, consumo e identidade**. São Paulo: FGV, 2006.
- BECKER, Howard S. **Outsiders. Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BLACK, Arnaldo; RENNO, Carlos. Escrito nas estrelas. Intérprete: ESPÍNDOLA, Tetê. In: **Escrito nas estrelas**. Rio de Janeiro: Barclay-Polygram, 1985. Faixa 1. Disco de vinil.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Bourdieu: Sociologia**. Tradução de Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39, 1983, p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1989.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em:
<http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf>
Acesso em: 28 jan. 2014.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações: Códigos, Títulos e Descrições**. 3 ed. Brasília, 2010.

_____. Portaria nº 397, de 09 de outubro de 2002. Disponível em:
<<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/legislacao.jsf>>. Acesso em: 22 jan. 2014.

BOYD, Danah. How can qualitative Internet Researchers define boundaries of their project? A response to Christine Hine. In: MARKHAM, Annette N., BAYM, Nancy. **Internet inquiry: conversations about method**. Los Angeles: Sage, 2009, p.26-32.

CAFÉ TAROT, Belo Horizonte: Facebook, 14 mai. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/cafetarot.com.br/?fref=ts>>. Acesso em: 14 mai. 2015.

CAIAFA, Janice. A pesquisa etnográfica. In: CAIAFA, Janice. **A aventura nas cidades. Ensaios e etnografias**. Rio de Janeiro: Ed FGV, 2007, p.135-181.

CALVELLI, Haudrey Germiniani. Um olhar antropológico sobre as benzedeadas, cartomantes e videntes na Zona da Mata mineira. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 359-373, jul./dez. 2011.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CAMPBELL, Colin. Dossiê: Por uma antropologia do consumo. O consumidor artesão: cultura, artesanato e consumo em uma sociedade pós-moderna. **Antropolítica**. Niterói, n. 17, p. 21-43, 2. sem. 2004.

CARRIER, James. Money: One Anthropologist's View. In: **Handbook of Economic Anthropology**. Edward Elgar, 2005. Disponível em:
<<http://thefemorybank.co.uk/papers/money-one-anthropologists-view/>> Acesso em: 06 nov. 2015.

CHIODA, Leonardo. **A leitura do tarô: os olhos do tarólogo e os ouvidos do consultante**. Dez. 2009. Disponível em:
<<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=31>>. Acesso em: 20 abr. 2015

CLUBE DO TARÔ. Guia de Tarólogos e Cartomantes. 2015. Disponível em:
<http://www.clubedotaro.com.br/site/v82_0_tarologos.asp> Acesso em: 15 jul. 2015.

COCHOY, Franck. Dossiê: Por uma antropologia do consumo. Por uma sociologia da embalagem. **Antropolítica**. Niterói, n. 17, p. 69-96, 2. sem. 2004.

CÓDIGO DE ÉTICA DO ANTROPÓLOGO E DA ANTROPÓLOGA. Disponível em: <<http://www.abant.org.br/?code=3.1>>. Acesso em: 23 fev. 2015.

CÓDIGO DE ÉTICA DO TAROT. EDIÇÃO BRASIL. 2015. Disponível em: <https://eticatarot.files.wordpress.com/2015/03/codigo_de_etica_do_tarot.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 11, de *21 de junho de 2012*, regulamenta os serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação a distância, o atendimento psicoterapêutico em caráter experimental e revoga a Resolução CFP N.º 12/2005. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Resoluxo_CFP_nx_011-12.pdf>. Acesso em: 26 jan. 15

COUSTÉ, Alberto. **O Tarô ou a máquina de imaginar**. Tradução de Ana Cristina César. São Paulo: Global Editora, 1983.

CRIS DO TAROT. Belo Horizonte: Facebook, 10 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/crisdotarot?fref=ts>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

CRIS DO TAROT. Belo Horizonte: Facebook, 19 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/crisdotarot?fref=ts>>. Acesso em: 18 set. 2015.

CRIS DO TAROT. Belo Horizonte: Facebook, 18 set. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/crisdotarot?fref=ts>>. Acesso em: 18 set. 2015.

CRUZ, Luiza. A questão do anonimato no ciberespaço: o alter nem tão anônimo assim. **Revista Logos**. n. 14. julho/dezembro 2001.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Edição resumida: Eva Gillies. Tradução: Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zaltar, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIUMBELLI, Emerson. Os Azande e nós: experimento de antropologia simétrica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 12, n. 26, p. 261-297, jul./dez. 2006.

GODO, Carlos. **O Tarot de Marselha**. São Paulo: Pensamento, 2006.

GONDIM, Aton. **Curso de Introdução ao Tarô. Aula 1/2**. YouTube, 13 de julho de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=foi0zgLSSaw>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

GREGORIAN, Abelard. **Fantasia cartomânticas e tarológicas**. Julho 2011. Disponível em: <http://www.clubedotaro.com.br/site/p55_1mundo_Abelard.asp>. Acesso em: 19 abr. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. RJ: DP&A, 2005.

HART, Keith. Money: One Anthropologist's View. In: CARRIER, James G. **Handbook of Economic Anthropology**, Edward Elgar, 2005.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. Editorial UOC, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População residente, por cor ou raça, segundo o sexo e a religião**, 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=cd&o=13&i=P&c=1489>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

_____. Classificação Nacional de Atividades Econômicas. Comissão Nacional de Classificação (CONCLA); Rio de Janeiro 2003. Disponível em: <<http://www.cnae.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

Jornal web de tarô. Ano I, Número 4, maio / junho 2000. Disponível em: <<http://www.neinaiff.com>> Acesso em: 15 abr. 2015.

JU DINIZ TAROT. Belo Horizonte: Facebook, 06 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100009872760221&fref=ts>>. Acesso em: 18 set. 2015.

JU DINIZ TAROT. Belo Horizonte: Facebook, 07 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100009872760221&fref=ts>>. Acesso em: 18 set. 2015.

JU DINIZ TAROT. Belo Horizonte: Facebook, 10 ago. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100009872760221&fref=ts>>. Acesso em: 18 set. 2015.

JU DINIZ TAROT. Belo Horizonte: Facebook, 11 set. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100009872760221&fref=ts>>. Acesso em: 18 set. 2015.

JU DINIZ TAROT. Belo Horizonte: Facebook, 14 set. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100009872760221&fref=ts>>. Acesso em: 18 set. 2015.

JU DINIZ TAROT. Belo Horizonte: Facebook, 18 set. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100009872760221&fref=ts>>. Acesso em: 18 set. 2015.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 97-121, jan./jun. 2004.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Mercado Religioso e a Internet no Brasil. In: **Debates pertinentes para entender a sociedade contemporânea** Volume 1. Ed PUCRS: Porto Alegre, 2009.

KAPLAN, Stuart R. **Tarô Clássico**. 6. ed. São Paulo: Pensamento, 1997.

KIM, Joon Ho. Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 199-219, jan./jun. 2004.

KUPERMAN, Priscila de Siqueira. **Tarot: uma linguagem feiticeira**. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

LEACH, Edmund Ronald. O gênese enquanto um mito. In: DA MATTA, Roberto (Org.) **Edmund Leach**. São Paulo: Ática, 1983, p.55-69.

LEACH, Edmund Ronald. O mito como justificação da facção e da mudança social. In: **Sistemas políticos da Alta Birmânia**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 307-319.

LEACH, Edmund R. Ritualization in man in relation to conceptual and social development. In: LESSA, William Armand; VOGT, Evon Z. **Reader in comparative religion: An Anthropological Approach**. New York: Harper Row, 1972, p.333-337.

LEITURA DE CARTAS. São Paulo: Facebook, 19 mai. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Leitura-de-Cartas-1704117183166892/timeline>>. Acesso em: 19 mai. 2015.

LE MOS, André. Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft”? **Contemporanea**, vol.2, n. 2, p. 9-22, Dez. 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 3ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

LISTHIANE RIBEIRO. Contagem: Facebook, 26 out. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/listhiane.ribeiro?fref=ts>>. Acesso em: 27 out. 2015.

MACHADO, Carly. Religião na cibercultura: navegando entre novos ícones e antigos comandos. **Religião & Sociedade**, 23 (02), Rio de Janeiro: Iser, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Esotéricos na cidade: os novos espaços de encontro, vivência e culto**. São Paulo, 1995, p.66-72.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. O mito na psicologia primitiva. In: **Magia, ciência e religião**. Lisboa: Edições 70, 1984, p.97-153.

MALUF, Sônia Weidner. Mitos coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da “Nova Era”. **Mana** 11(2):499-528, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARKHAM, Annette M. The Internet as research context. In: SEALE, Clive et al (eds.). **Qualitative research Practice**. London: Sage, 2004, p. 358-374.

MARKHAM, Annette N. The Internet in qualitative research. In: GIVEN, Lisa M. (Ed.). **The Sage Encyclopedia of Qualitative Research Methods**. Vol.1&2. Thousand Oaks, CA: Sage. 2008, p.454-458.

MARKHAM, Annette; BUCHANAN, Elizabeth. **Ethical Decision-Making and Internet Research Recommendations from the AoIR Ethics Working Committee (Version 2.0)**. Dez. 2012. Disponível em: <<http://aoir.org/reports/ethics2.pdf>>. Acesso em 15 julho 2015.

MAUSS, Marcel. GURVITCH, Georges; LÉVY-BRUHL, Henri. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

MENDES, Francielle Maria Modesto. BLOG PESSOAL: a busca da identidade do sujeito no mundo mediado pela internet. **Contrapontos**. Vol. 8, n.2, p. 187-199. Itajaí, mai/ago 2008.

MILLER, Daniel. Etnografia *on* e *off*-line: cibercafés em Trinidad. Traduzido por Soraya Fleischer. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de S; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MIRANDA, Keli. **Dicas úteis para quem consulta tarólogos pela internet e via fone**. Disponível em: <<http://portalatendimento.blogspot.com.br/2009/02/dicas-uteis-para-quem-consulta.html>>28 fev. 2009. Acesso em: 15 abr. 2015.

NAIFF, Nei. **Tarô, simbologia e ocultismo**. Coleção estudos completos do tarô, vol. 1. São Paulo, Nova Era, 2001.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o Tarô: Uma jornada arquetípica**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

OLIVEIRA, Luciana. (2000). *Nódulos de Dádiva. Religião, individualismo e comunicação nas sociedades contemporâneas: as redes da Nova Era*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, Belo Horizonte.

O'REILLY, Tim. **What is web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. 2005. Disponível em: < <http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html> > Acesso em 20 out. 2015.

OSÓRIO, Andréa. Bruxas modernas: um estudo sobre identidade feminina entre praticantes de wicca. **Campos** 5(2):157-172, 2004.

PEIRANO, Mariza Gomes e Souza. **A análise antropológica de rituais**. Série Antropologia. Brasília: Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais, 2000.

_____. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 20, nº42, p.377-391, jul./dez. 2014.

_____. **O Dito e o Feito**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

_____. **Rituais: ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Orientações para elaboração de trabalhos científicos**: projeto de pesquisa, teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos, conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), a American Psychological Association (APA) e o Comitê Internacional de Editores de Revistas Médicas (VANCOUVER). Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<http://pucminas.br/documentos/orientacoes-abnt-apa-vancouver.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2015.

PORTAL ANGELS. Disponível em: <<http://www.portalangels.com/tarot/tarot.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

PORTAL DAS VIDÊNCIAS. Disponível em: <http://www.portalvidencias.com.br/tarologaturuq/?offer_id=2311&aff_id=548&url_id=1027&gclid=CMerNLrkMkCFciBkQod_F8O_Q>. Acesso em 07 nov. 2015

RIEMMA, Constantino Kairalla. **Apresentação do tema e uma dica histórica: A escolha do baralho**. Set. 2009A. Disponível em: <<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=13&pagina=3&var=1#ComentariosLista>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

RIEMMA, Constantino Kairalla. **Falta de intuição**. Set. 2009B. Disponível em: <<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=5>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

RIEMMA, Constantino Kairalla. **Os arcanos menores e o baralho comum**. Set. 2009C. Disponível em: <<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=13>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

RIEMMA, Constantino Kairalla. **"Sim ou Não?"** Set. 2009D. Disponível em: <<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=5>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

RIEMMA, Constantino Kairalla. Dez. 2009E. **Utilização de parte apenas das cartas**. Disponível em: <<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=6>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

RIEMMA, Constantino Kairalla. **Atendimento à distância**. 2010A. Disponível em: <<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=72>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

RIEMMA, Constantino Kairalla. **Baralhos modernos: os autênticos e os subjetivos**. Jan. 2010B. Disponível em: <<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=37>>. Acesso em: 19 abr. 2015

RIEMMA, Constantino Kairalla. **Atendimento à distância**. Out. 2010. Disponível em: <<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=72>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

RIEMMA, Constantino Kairalla. **Adivinhação é pecado?** 2010. <<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=46>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

RIEMMA, Constantino Kairalla. **Cenário atual do Tarô e de suas reinvenções: Afastamento das origens e produções contraditórias**. Set. 2012. Disponível em: <http://www.clubedotaro.com.br/site/h22_6_cenario.asp> Acesso em: 17 abr. 2015.

RIEMMA, Constantino Kairalla. **O "Manual do Proprietário" do Tarô**. 2012. Disponível em: <http://www.clubedotaro.com.br/site/h21_Manual_Constantino.asp> Acesso em: 20 abr. 2015.

RIEMMA, Constantino Kairalla. **Terapias & Tarô: a preparação desejável**. Agosto 2014. Disponível em: <http://www.clubedotaro.com.br/site/p55_3_Tarot_Terapias_CKR.asp>. Acesso em: 16 jun. 2015.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. Aspectos éticos e exigências com entrevistados especiais e entrevistador. In: **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006, p.69-101.

ROSA JÚNIOR, Carlos Alberto Ribeiro Santa. **Cartas marcadas: Multimodalidade discursiva e Transitividade em baralhos de tarô**. Dissertação de Mestrado. Recife: PPGL-UFPE, 2010.

SAAMARA SANTOS. São Paulo: Facebook, 19 mai. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/saamara.santos.7?fref=ts>>. Acesso em: 21 mai. 2015.

SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Peterson. Redes sociais, redes de sociabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol.29, nº 85 junho/2014, p.63-78.

SCHMID, Giancarlo Kind. **Dez baralhos lúgubres**. Set. 2012. Disponível em: <http://www.clubedotaro.com.br/site/h22_6_lugubres_Giancarlo.asp>. Acesso em: 17 abr. 2015.

SCHMID, Giancarlo Kind. **Sob a ótica terapêutica: o tarô (Reflexões sobre a realidade do estudo e da prática)**. 2012. Disponível em: <<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=109>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

SCHMID, Giancarlo Kind. **O consulente quer atenção**. 2010. Disponível em: <<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=47>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

SCHMID, Giancarlo Kind. **Envenenamento mental** (o lado obscuro do oráculo). 2009A. Disponível em: <<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=32>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

SCHMID, Giancarlo Kind. **O tarô como recurso terapêutico (uma via para o autoconhecimento)**. 2009B. Disponível em: <<http://www.clubedotaro.com.br/site/forum/topico.asp?topico=27>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SERAPIONI, Mauro. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. **Ciência & Saúde Coletiva**, 5(1):187-192, 2000.

SIND'OYA, Lucia. **Dicas sobre consultas online com tarot e demais oráculos parte II - Devo confirmar a consulta que fiz com outros tarólogos?** 12 set. 2013. Disponível em: <http://espacoluzvida.blogspot.com.br/2013/09/dicas-sobre-consultas-online-com-tarot_12.html>. Acesso em: 22 abr. 2015.

SIND'OYA, Lucia. **7 dicas para ter uma excelente consulta de tarot (online ou presencial)**. 15 fev. 2013. Disponível em: <<http://espacoluzvida.blogspot.com.br/2013/02/7-dicas-para-ter-uma-excelente-consulta.html>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

STALD, Gitte. Mobile Identity: Youth, Identity, and Mobile Communication Media. In: BUCKINGHAM, David. (Ed.) **Youth, Identity, and Digital Media**. The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning. Cambridge, MA: The MIT Press, 2008, p. 143-164.

Tarô on-line: Quais os prós e contras? Fórum aberto. 2º Encontro Nacional de Tarô. 19º Encontro da Nova Consciência. Campina Grande-PB, 14 fev. 2010. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Lsp1XJAEoM>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

TAVARES, Fátima Regina Gomes. (1993). *Mosaicos de Si: Uma Abordagem Sociológica da Iniciação no Tarot*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro.

_____. Tornando-se Tarólogo: Percepção "Racional" *versus* Percepção "Intuitiva" entre os Iniciantes no Tarot no Rio de Janeiro. **Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v.2, n.1, p. 97-123, 1999.

TAVARES, Fátima Regina Gomes. Legitimidade Terapêutica no Brasil Contemporâneo: As Terapias Alternativas no Âmbito do Saber Psicológico. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 13(2):83-104, 2003.

VILHENA, Luís Rodolfo. **O mundo da astrologia: estudo antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1990.

APÊNDICE - Mapeamento de Portais / Sites / Blogs que oferecem o tarô online

FERRAMENTAS VIRTUAIS	ENDEREÇOS VIRTUAIS (URLS)
<p align="center">Portais / Sites / Blogs que oferecem os serviços de vários tarólogos: 46 endereços</p>	http://www.astrocentro.com.br
	http://casadotaro.com/
	http://conselhosdooriente.com.br/
	http://www.conselhosesotericos.com.br
	http://www.espacomystico.com.br/
	http://www.leituratarot.com.br/
	http://www.mestresdotarot.com.br
	http://misticosonline.com.br/
	http://www.portaldotarot.com
	https://portalreinocigano.com.br
	http://sensitivosnaweb.com.br/
	http://www.taro.com.br/
	http://tarologosonline.com.br/
	https://www.taromantes.com/
	http://www.tarot-chatealtasmagias.com/
	http://www.vibracaodoamor.com.br/
	http://vidatarot.com.br/
	http://www.caminhosdosol.com.br/
	http://www.caminhosdotaro.com.br
	http://www.ceuastral.net/index.php
	http://www.ciganosdobem.com.br/
	http://consultastarot.com.br/
	http://www.desejocigano.com.br/
	http://www.esotericosonline.com.br/
	http://www.focusesoterismo.com.br/
	http://www.imperiocigano.com.br/index.php
	https://lotusesoterismo.com.br/
	http://www.moradadosbruxos.com.br/
	http://www.mundodosmagos.com.br/

	http://www.oraculosemagias.com/
	http://www.orare.com.br/
	http://ourocygano.com.br/site/index
	http://www.otimisticos.com.br/
	http://www.personare.com.br
	http://portaldostarologos.com/performers
	http://www.porvc.com.br/#
	http://www.tarologos.com.br/
	http://www.tarologosdaluzmistica.com.br/
	http://tarologosonline.wix.com/tarot#!nossos-tarologos/c5em
	http://www.tarotdeisis.com/
	http://tarotdoscaminhos.com.br/
	http://www.tarotzone.org/
	http://templodosoraculos.blogspot.com.br/
	http://www.venturaesoterico.com.br/
	http://www.viamistica.com.br/
	http://www.visaoastral.com.br/index.php
<p><i>Sites / Blogs que oferecem os serviços de somente um tarólogo(a):</i></p> <p>31 endereços</p>	http://www.analisecarmica.com.br/
	http://andremantovanni.com.br/site/
	http://anitalafey.blogspot.com.br/
	http://www.anitalafey.com/
	http://www.arhan.com.br/
	http://www.atarologa.com.br/
	http://bhataro.blogspot.com.br/
	http://www.blogdetaro.com/
	www.cafetarot.com.br
	http://ciganocaio.com/
	http://espacoluzvida.blogspot.com.br/
	http://www.flaviocosta.com/
	http://genialtarot.com/
	http://www.kelmamazziro.com.br/km/portal/index.htm
	http://lenormando.blogspot.com.br/

Sites / Blogs que oferecem os serviços de somente um tarólogo(a): 31 endereços	http://magalitarot.blogspot.com.br/
	http://www.martataro.com.br/
	http://www.mundodotaro.com/
	http://www.neinaiff.com/
	http://www.safyra.com.br/
	http://samantha-tarologa.blogspot.com.br/
	http://www.soldegaya.com.br/
	http://www.stonebk.com.br/
	http://tarologataniaregina.blogspot.com.br/
	https://www.tarotcarlacaessa.com/pvt/
	http://tarotdoor.com/Geral/Portas/TOnline.html
	http://tarotleituraescrita.blogspot.com.br/
	http://tarotteando.blogspot.com.br/
	http://vanessamazza.com.br/
	http://yubmiranda.com.br/
	http://www.zephyrus.blog.br/zblog/page/6/
Não informa qual(is) tarólogo(s) e/ou taróloga(s) atua(m) no site: 1 endereço	http://mundomystiko.com.br/index.html
Não informam qual(is) tarólogo(s) ou taróloga(s) atua(m) no site. Oferecem consultas gratuitas, mediante um programa: 4 endereços	http://esperanza-videncia.com/
	http://www.portalangels.com/
	http://www.tarotonlinegratis.com.br/
	http://www.br.videncias-online.com/
Exclusivo para estudo: 1 endereço	http://www.tarologos.com/
Escolas que ensinam o uso do tarô e/ou oferecem consultas: 4	http://www.casadebruxa.com.br/v3/default.asp
	http://www.facesdalua.com/
	http://www.gaia-astrologica.com.br/

endereços	http://www.imagick.org.br/
Exercem a função de um guia ou catálogo para a localização de outros endereços virtuais e tarólogos: 3 endereços	http://www.clubedotaro.com.br/site/index.asp
	http://ipiranegocios.com.br/RELIG_ARTESDIV_TARO.htm
	http://www.xamanismo.com.br/Aldeia/SubAldeia1191865063

LEGENDA: Significados das cores quanto à apresentação visual dos tarólogos

	Contém uso de avatares (representações gráficas).
	Contém predominantemente outras figuras (texto, animais, paisagens), e/ou omite qualquer imagem que possa referenciar ao rosto dos(as) tarólogos(as) envolvidos.
	Contém exclusivamente tarólogos(as) que apresentam suas fotos originais e/ou postam vídeos.

ANEXO A - Glossário

Arcano: Oculto, misterioso.

Cartomante: Aquele que “lê” cartas, que podem ser as tradicionais, do baralho de jogar. Geralmente é um indivíduo que aprendeu praticando, e não se submeteu a um processo organizativo de pensamento formal.

Consulente: Aquele que consulta as cartas, através de um cartomante ou tarólogo.

Deck: Baralho, jogo de cartas.

Tarô: Conjunto de 78 cartas, sendo 22 arcanos maiores (cartas numeradas de 0 a 22 e sempre ilustradas) e 56 arcanos menores (cartas que assemelham ao baralho de jogar, e que nem sempre são ilustradas). Mas nem todo tarólogo utiliza o tarô inteiro. Suas finalidades de uso são diversas: adivinhação, terapêutica e de autoconhecimento.

Tarologia: É o estudo da estrutura simbólica e histórica do tarô.

Tarólogo: Aquele que “lê” tarô. Geralmente é um indivíduo que se submeteu a cursos para aprender os significados das cartas, seus pressupostos, suas técnicas e para desenvolver a intuição.

Taromancia: Práticas e técnicas de tiragem (leitura das cartas).

ANEXO B - Material disponibilizado no 4º Fórum Nacional de Tarô e Simbologia

TARÔ & Simbologia

4º Fórum Nacional

21 DE MARÇO DE 2015 | Auditórios na Paulista - São Paulo/SP

Com o objetivo de compartilhar experiências sobre a atividade do tarólogo, o fórum reunirá aqueles que anseiam conhecer melhor os caminhos do tarô em nosso país. O diferencial desse evento está na abordagem do tarólogo (profissional, estudante ou entusiasta) sobre sua prática no uso do tarô como ferramenta de trabalho ou de autoconhecimento.

TEMA CENTRAL: O TARÔ E O MUNDO DIGITAL		
PROGRAMAÇÃO (Devido à transmissão ao vivo, o horário será rigorosamente seguido)		
10:00/10:30 – Abertura da sala, entrega de crachá, pasta e material.		
10:30 MESA 1	Apresentação: OS CAMINHOS DO TARÔ NO BRASIL	
	VERA CHRYSTINA (mediadora) Constantino Riemma Geraldo Scapassassi Luiza Papaleo Nadir Vilardo Simone Merino	Quais os modos de estudo e ensino? Há diferença entre aula presencial e on-line? Quais as dificuldades de aprendizagem? Ganhar dinheiro ou autoconhecimento? Dia Nacional do Tarô, uma proposta.
12:00/14:00 – Almoço.		
14:00 MESA 2	Apresentação: CONSULTAS ON-LINE E A LEI TRABALHISTA	
	NEI NAIFF (mediador) Amariacris Christiane Carlier Edu Scarfon Monica Buonfiglio Monica Delgado	Quais os direitos e deveres do tarólogo? Perfil falso no site protege ou prejudica? O que rende mais: preço fixo ou por minuto? Qual a diferença na leitura oracular on-line? Autônomo ou contratado, qual o melhor?
15:30/16:00 – Intervalo Coffe-break.		
16:00 MESA 3	Apresentação: O TARÔ NA INTERNET E NA TELEVISÃO	
	KELMA MAZZIERO (mediadora) Andre Mantovanni Cathya Gaya Leo Chioda Pietra di Chiaro Luna Yub Miranda	Em que o blog se diferencia de um site? As redes sociais têm ajudado no estudo? O que deveria mudar nos grupos on-line? Quais os desejos de um consulente virtual? Televisão e internet, qual a diferença?
17:30/18:00 – Plenária, agradecimentos e encerramento.		
APOIO: Editora BestSeller Editora BestBolso Alexander Lepletier (mídia on-line)		REALIZAÇÃO: Nei Naiff www.neinaiff.com

PARTICIPANTES do 4º Fórum Nacional de TARÔ e Simbologia

* 21 de março de 2015 * Auditórios na Paulista - São Paulo/SP * site do fórum: www.neinaiff.com/forum *



ALEXSANDER LEPLETIER (Rio/RJ)

| ☎ (21) 9 8894-8263
| ✉ fortuneteller_21@hotmail.com
| 🌐 www.lenormando.blogspot.com

AMARIACRIS (São Paulo/SP)

| ☎ (11) 3938-6152
| ✉ amariacris@gmail.com
| 🌐 <http://sites.google.com/site/amariacris>

ANDRE MANTOVANNI (São Paulo/SP)

| ☎ (11) 3663-1775
| 🌐 www.andremantovanni.com.br

CATHYA GAYA (São Caetano do Sul/SP)

| ☎ (11) 3482-6381
| ✉ soldagaya@yahoo.com.br
| 🌐 www.soldegaya.com.br

CHRISTIANE CARLIER (São Paulo/SP)

| ✉ christiane_carlier@hotmail.com

CONSTANTINO RIEMMA (São Paulo/SP)

| ☎ (11) 3271-8428
| ✉ constantinokr@clubedotaro.com.br
| 🌐 www.clubedotaro.com.br

EDU SCARFON (São Paulo/SP)

| ☎ (11) 2306-1751
| ✉ contato@facesdalua.com.br
| 🌐 www.facesdalua.com

GERALDO SCAPASSASSI (São Paulo/SP)

| ☎ (11) 3088-9390
| ✉ stonebk@uol.com.br
| 🌐 www.stonebk.com.br

KELMA MAZZIERO (São Paulo/SP)

| ☎ (11) 3771-4733
| ✉ kelmamazziero@gmail.com
| 🌐 www.kelmamazziero.com.br

LEO CHIODA (Jaboticabal/SP)

| ✉ chiodatarot@gmail.com
| 🌐 www.cafetarot.com.br

LUIZA PAPALEO (São Paulo/SP)

| ☎ (11) 5084-3256
| ✉ luizapapaleo@centroculturalesoterico.com.br
| 🌐 www.centroculturalesoterico.com.br

MONICA BUONFIGLIO (Mairinque/SP)

| ☎ (11) 4708-1950
| ✉ m.buon@terra.com.br

MONICA DELGADO (Curitiba/PR)

| ☎ (11) 9 9275-3723
| 🌐 www.espacomystico.com.br
| ✉ contato@espacomystico.com.br

NADIR VILARDO (São Paulo/SP)

| ✉ nadir@tarotzone.com.br
| 🌐 www.tarotzone.com.br

NEI NAIFF (Rio de Janeiro/RJ)

| ✉ informar@neinaiff.com
| 🌐 www.neinaiff.com

PIETRA DI CHIARO LUNA (São Paulo/SP)

| ☎ (11) 9 8136-2050
| ✉ pietratarot@icloud.com
| 🌐 <http://tarotleituraescrita.blogspot.com.br>

SIMONE MERINO (São Paulo/SP)

| ☎ (11) 2292-0318
| ✉ terapeutasimone@uol.com.br

VERA CHRYSTINA (São Paulo/SP)

| ☎ (11) 3085-9994
| ✉ veratarot@gmail.com
| 🌐 www.mundodotaro.com

YUB MIRANDA (Belo Horizonte/MG)

| ✉ yubmiranda@yahoo.com.br
| 🌐 www.yubmiranda.com.br



4º Fórum Nacional de TARÔ e Simbologia

| 21 de março de 2015 | Auditórios na Paulista - São Paulo/SP | internet: www.neinaiff.com/forum |

QUAL O CORRETO: TARÔ OU TAROT?

No Brasil, a primeira publicação em língua portuguesa sobre o assunto ocorreu no início do século XX, era originária da língua francesa. Por regra, toda palavra aportuguesada desse idioma terminada em *ot* deve ser grafada apenas com a vogal *o*, uma vez que em francês não se pronuncia o fonema *t* final. Caso similar ocorreria se a palavra fosse oriunda do inglês, que também não se pronuncia o *t* final. A diferença estaria na tonicidade, pois em francês a palavra *tarot* é oxítônica [ta'ʁo] e no inglês é paroxitônica ['taro]. Por sua vez, a norma gramatical estabelece que as palavras oxítonas terminadas em -a, -e ou -o, seguidas ou não de -s, devem ser acentuadas graficamente. Assim, *tarot* tornou-se *tarô* — o mesmo caso de *tricot* = tricô, *pierrôt* = pierrô, *bistrôt* = bistrô. Os dicionários brasileiros sempre registraram o vocábulo *tarô* (e não *tarot*), e cada país possui uma forma particular em grafar tal substantivo comum. No leste europeu se escreve *tapo*; em línguas germânicas, *tarok*, *tarot* ou *tarock*; em inglês, espanhol e francês, *tarot*; em grego, *taçô*; em italiano, *tarocco*. Nos oito países de língua portuguesa somente em Portugal se admitem as duas formas: *tarô* e *tarot*, talvez pela proximidade com a Espanha. Em todo caso, não há tradição espiritual na grafia *tarot*, tampouco é uma questão de escolha pessoal — em devemos grafar: **tarô** (sem medo de errar e sermos felizes!).

QUANDO USAR LETRAS MAIÚSCULAS?

Escreve-se obrigatoriamente com *inicial maiúscula* o substantivo próprio de qualquer espécie — nome, localidade geográfica, tribo, comunidade religiosa, nome sagrado, ser mitológico e astronômico; acrescenta-se, também, qualquer designação que denote individualidade ou particularidade dentro de um conjunto. Por exemplo, *Maria* (nome), *Salvador* (localidade), *Kalderash* (grupo cigano, casta), *Wicca* (comunidade religiosa), *Apolo* (ser mitológico), *Escorpião* (constelação, entidade astronômica), *Enamorado* (nomenclatura específica de uma carta do tarô), *Rider-Waite* (nome particular de um tipo de baralho), entre os exemplos possíveis. Emprega-se a letra inicial maiúscula no começo de qualquer período, frase, sentença ou citação direta, independente da classe morfológica (substantivo, adjetivo, verbo, artigo, etc.).

- OBSERVAÇÃO: se escreve com *inicial minúscula* qualquer outro substantivo, como por exemplo, o substantivo comum — vocábulo que designa o grupo de uma mesma natureza, qualidade ou abstração; igualmente para os pontos cardeais, festas populares, designação de um povo, habitat, origem pessoal, nome dos meses e das estações do ano. Por exemplo: *tarô*, *cabala*, *astrologia*, *wicca*, *xamanismo*, *terapia holística* (estudo, profissão); *tarólogo*, *cabalista*, *numerólogo*, *astrólogo*, *xamã*, *terapeuta*, *bruxo*, *mago* (praticantes); *arcano*, *arquétipo*, *signo*, *leonino*, *chacra* (uso genérico); *norte* (ponto cardinal); *carnaval* (festa popular), *druída*, *wicca* (povo); *paulistano* (origem); *janeiro* (mês).
- OPCIONALMENTE, o substantivo comum pode ser grafado com inicial maiúscula caso seja parte de um título (livro, curso, etc.); inclua-se, obrigatoriamente, nome de escola, repartição, agremiação, edifício. No entanto, não se escrevem em maiúsculas as partículas monossilábicas. Por exemplo: *Academia de Astrologia* (escola), *Tarô e destino* (livro).

BASICAMENTE a fórmula é a seguinte: *em língua portuguesa se escreve todos os vocábulos com inicial minúscula, à exceção dos substantivos próprios, de palavra iniciando uma frase e alguns casos raros, como personificação. Faça uma análise minuciosa os dois parágrafos:*

INAPROPRIADO: No *Livro* *Cartas* lançado pela *Taróloga e Astróloga Americana* Sunlight, no mês de *Novembro*, no Espaço Cultural Luz, resume que o *Tarot* contém 22 *Arcanos Maiores* e 56 *Arcanos Menores*, cujas *Cartas* simbolizam a *Alma Humana* e conduzem ao *Auto-Conhecimento*. Ela também escreveu que a *Magia* com os *Arcanos Maiores* do *Tarot* está sendo muito utilizada entre os *Wiccas* e os *Xamãs* durante os *Rituais* de *Cura*; no entanto, os *Cabalistas* preferem a *Meditação* com os *Símbolos* dos *Naipes* em relação à *Árvore da Vida*.

CORRETO: No livro *Cartas* lançado pela taróloga e astróloga americana Sunlight, no mês de novembro, no Espaço Cultural Luz, resume que o tarô contém 22 arcanos maiores e 56 arcanos menores, cujas cartas simbolizam a alma humana e conduzem ao autoconhecimento. Ela também escreveu que a magia com os arcanos maiores do tarô está sendo muito utilizada entre os wiccas e os xamãs durante os rituais de cura; no entanto, os cabalistas ainda preferem a meditação com os símbolos dos naipes em relação à Árvore da Vida.

TARÓLOGO, UMA NOVA PROFISSÃO?

Até o final da década de 1970 pouco se sabia sobre as cartas de tarô no Brasil, o jogo de búzios imperava no imaginário social, a numerologia apontava no cenário midiático e os astrólogos já possuíam uma rede oficial. Na década seguinte, o esoterismo urbano surgiu com as primeiras feiras esotéricas, as editoras investiram no assunto e dezenas de espaços holísticos foram abertos. No início da década de 1990 era comum encontrarmos tarólogos, astrólogos e videntes oferecendo abertamente seus serviços. Contudo, por incrível que possa parecer, era ilegal! Sim, a atividade foi considerada contravenção entre 3/10/1941 até 27/11/1997. Nunca soube de alguém que tivesse sido julgado por tais préstimos, mas a lei estava lá, impávida, pronta a ser aplicada. O artigo 27º do decreto-lei 3688 (revogado pelo artigo 1º da lei federal 9521) declarava *ser um crime explorar a credulidade pública mediante sortilégio, predição do futuro ou prática congênera* — a punição variava com a detenção de seis meses a um ano, acrescida de multa. Os esotéricos de um modo geral devem muito ao deputado federal Almino Affonso (PSB-SP) que lutou por essa causa durante o próprio mandato (1995-1999); pois conseguiu retirar do código penal algo que poderia ser um grande obstáculo ao nosso crescimento em todos os planos.

SOMOS LEGALIZADOS! ANOTE: CBO 5168-05

Em 9/10/2002, cinco anos após a revogação do indigesto decreto-lei, surge a portaria ministerial nº 397, instituindo uma nova CBO – Classificação Brasileira de Ocupações que reconhece o tarólogo, o cartomante e o vidente por intermédio do código 5168-05 e, igualmente, o astrólogo e o numerólogo (5167) e as terapias alternativas (3221). As normas foram baseadas em legislações internacionais (www.ilo.org) que também reconhece nossa classe sob o código 5152 (*fortune-teller*). Dessa forma, o Ministério do Trabalho e Emprego (www.mtecho.gov.br) considera serem ocupações ou profissões legais, podemos ser tanto autônomos quanto ter uma microempresa ou uma carteira profissional registrada. Neste último caso, para os contratos temporários ou indeterminados, haverá o recolhimento do INSS e do FGTS por parte do empregador e, nos dois primeiros, fica sob nossa responsabilidade. Ganhamos alguns direitos sociais; contudo, auferimos muitos deveres jurídicos.

CAMINHOS DA APOSENTADORIA

Uma das regras é se registrar como contribuinte individual no INSS (www.previdencia.gov.br), começando a pagar o valor mínimo e, na medida em que forem aumentados seus ganhos, eleve a contribuição. Se precisar comprovar renda para uma instituição financeira, a cópia do imposto de renda bastará; por isso, sugiro que declare anualmente o valor mínimo ou aquele que julgar compatível com seus ganhos, mesmo que a lei não o obrigue a declarar. Qualquer atividade é dispendiosa e difícil em seu começo, mas gratificante em longo prazo ao bom profissional. Não titubeie, o tempo passa rápido, comece imediatamente a pagar a previdência social ou privada; se puder, também, um plano de saúde. Pesquise calmamente as informações sobre autônomos no site www.neinaiff.com/leis, elas nortearão os direitos e deveres, garanta seu futuro, seja um tarólogo profissional e autoconfiante!

REAVALIE O TRABALHO E RECICLE, SEMPRE!

Não compreenda a profissão de tarólogo ou de astrólogo como algo provisório ou de alguém desocupado, não se sinta ofendido se alguém achar estranho o que faz. Igualmente, evite ponderar que essa atividade é apenas passageira — se agir dessa forma, nunca terá sucesso e terminará frustrado. Atenda em consultórios (subloque, comissione) ou arrume um cômodo exclusivo em sua residência para tal função. Não tenha pressa. Ter uma clientela significativa demora em média de um a três anos de trabalho, mas tal dedicação e esforço renderão um futuro tranquilo. *Trabalho algum produz frutos imediatos, não se iluda.* Contudo, se você percebe que os clientes não retornam ou não indicam a amigos, reveja suas considerações sobre o tarô e seus métodos, analise a forma que divulga o trabalho, também a autoestima ou a conduta espiritual. Não desista, pode ser que ainda faltem alguns conceitos — recicle com novos cursos, assista a muitas palestras, releia seus livros, estude tudo novamente. Nem tudo é intuição, nem tudo é conhecimento em uma consulta, mas a junção de ambos.

Nei Naiff

| Tarólogo, astrólogo e escritor | www.neinaiff.com |



O TARÔ E O MUNDO DIGITAL

EXPOSITORES/TARÓLOGOS

ALEXSANDER LEPLETIER

AMARIACRIS

ANDRÉ MANTOVANNI

CATHYA GAYA

CHRISTIANE CARLIER

CONSTANTINO RIEMMA

EDU SCARFON

GERALDO SCAPASSASSI

KELMA MAZZIERO

LEO CHIODA

LUIZA PAPALEO

MONICA BUONFIGLIO

MONICA DELGADO

NADIR VILARDO

NEI NAIFF

PIETRA DI CHIARO LUNA

SIMONE MERINO

VERA CHRYSTINA

YUB MIRANDA

1ª MESA
Quais os modos de estudo ou ensino?
Há diferença entre aula presencial e on-line?
Quais as dificuldades de aprendizagem?
Ganhar dinheiro ou autoconhecimento?
Dia Nacional do Tarô, uma proposta.

2ª MESA
Quais os direitos e deveres do tarólogo?
Perfil falso no site, protege ou prejudica?
O que rende mais: preço fixo ou por minuto?
Qual a diferença na leitura oracular on-line?
Autônomo ou contratado, qual o melhor?

3ª MESA
Em que o blog se diferencia de um site?
As redes sociais têm ajudado no estudo?
O que deveria mudar nos grupos on-line?
Quais os desejos de um consulente virtual?
Televisão e internet, qual a diferença?

21 de março de 2015

Auditórios Paulista
São Paulo/SP

Realização:

NEI NAIFF

Academia Virtual de Autoconhecimento

Certificado presencial para:

LISTHIANE P. RIBEIRO